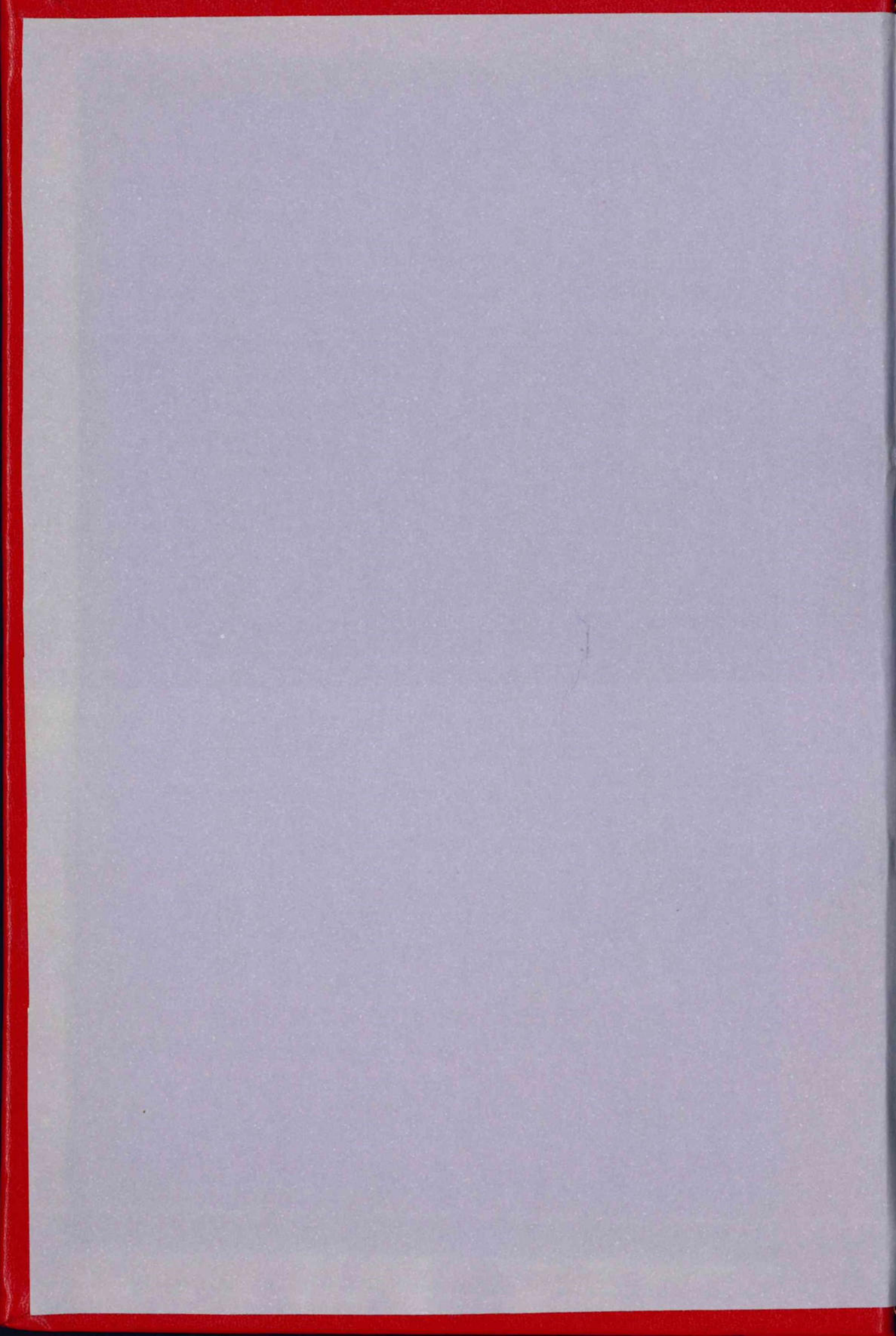
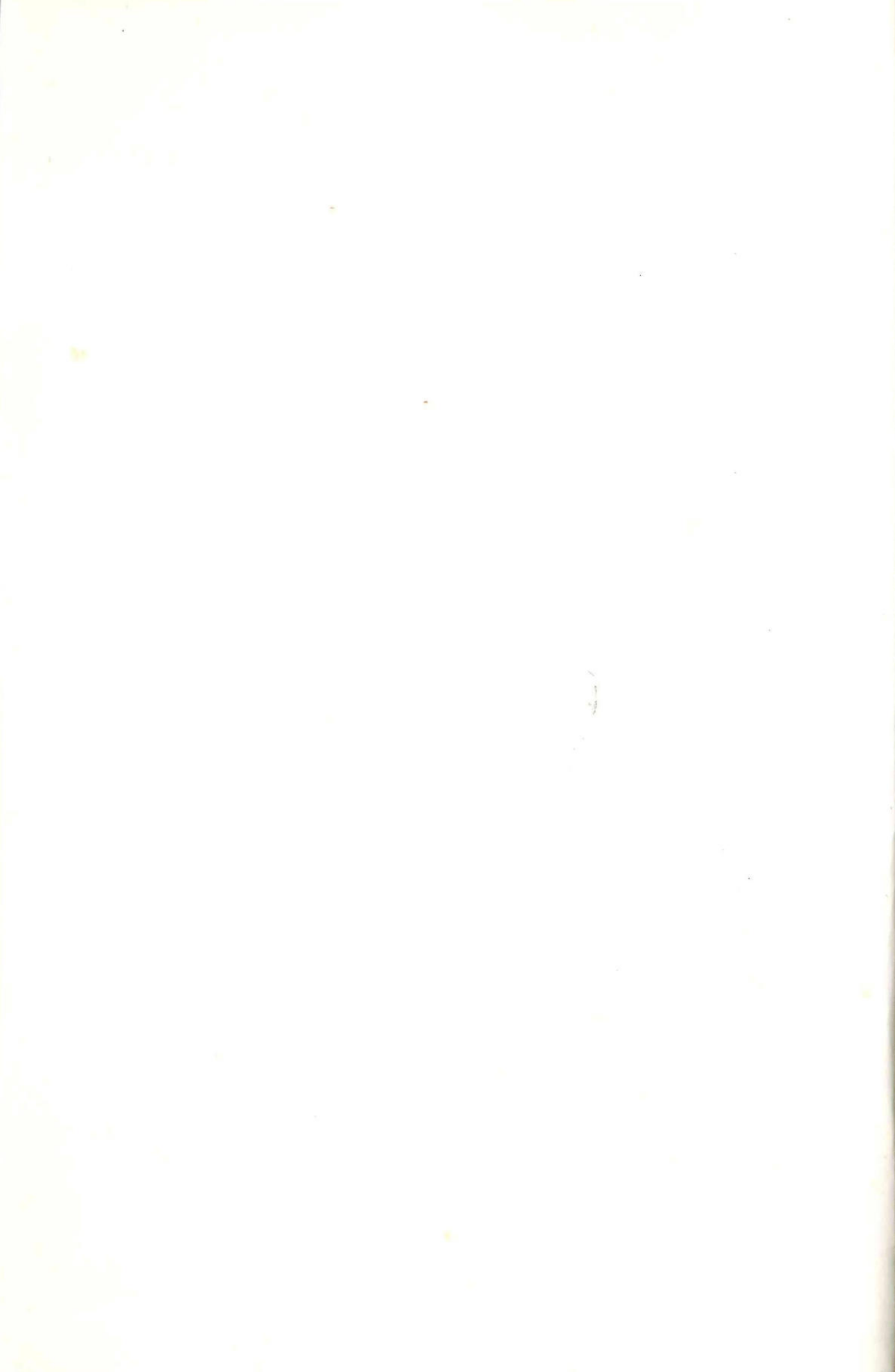








INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PÔRTO

(Subsidiado pela Junta de Educação Nacional)

Director — Prof. Dr. Mendes Corrêa

FERNANDA DE MATOS CUNHA

Notas etnográficas sôbre Barcelos

Com desenhos, plantas e fotografias da autora



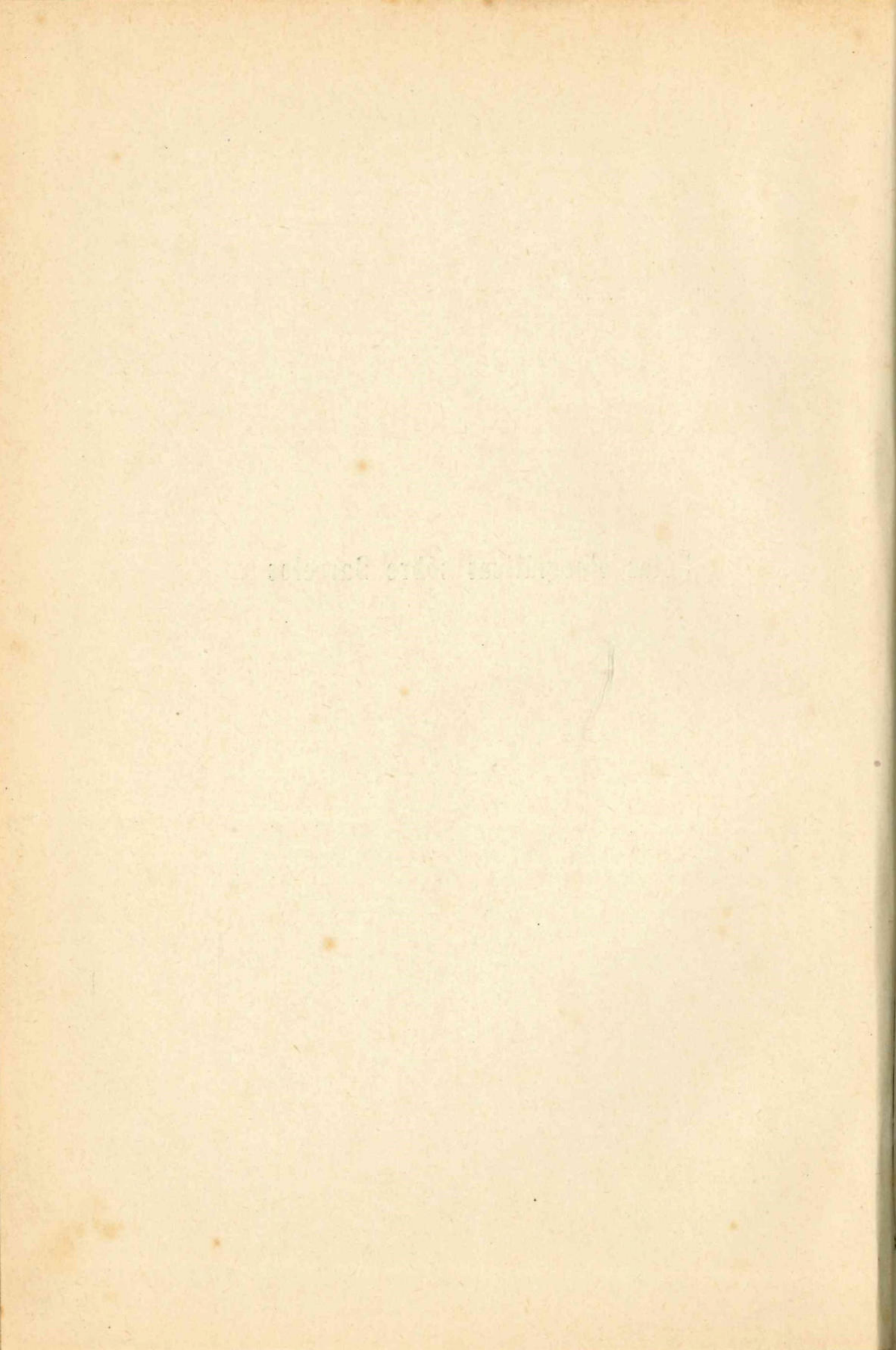
PÔRTO

Imprensa Portuguesa

Rua Formosa, 116

1932

Notas etnográficas sobre Barcelos



INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PÔRTO

(Subsidiado pela Junta de Educação Nacional)

Director — *Prof. Dr. Mendes Corrêa*

FERNANDA DE MATOS CUNHA

Notas etnográficas sobre Barcelos

Com desenhos, plantas e fotografias da autora



PÔRTO

Imprensa Portuguesa

Rua Formosa, 116

1932

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 59923

Barceliana

Legado

Álvaro Arezes L. Martins

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY
No. 1

PLANO DO TRABALHO

INTRODUÇÃO

I) CONDIÇÕES GEOGRÁFICAS:

- a) Topografia.
 - b) Hipsometria.
 - c) Estratigrafia.
 - d) Tectónica.
 - e) Hidrografia.
 - f) Climatologia.
 - g) Fitogeografia.
 - h) Zoogeografia.
- Conclusão geográfica.

II) CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS:

- a) História.
 - b) Tradição.
 - c) Lenda.
 - d) Monumentos.
- Conclusão histórica.

ESTUDO ETNOGRÁFICO

A. VIDA MATERIAL.

- a) População.
- b) Habitação.
- c) Alimentação.

- d) Vestuário.
- e) Agricultura.
- f) Indústria.
- g) Comércio.

B. VIDA MENTAL.

- h) Linguagem — oral e escrita; bibliografia.
- i) Ciência popular — geografia, história, medicina.
- j) Arte popular — música, dança, poesia.
- k) Religião e superstição.

C. VIDA SOCIAL.

- l) Família.
- m) Cerimónias.
- n) Nomes.
- o) Sentimento.
- Conclusão etnográfica.

Conclusão geral.

Aparece citada por Reclus e defendida por êle esta opinião de Drummond:

L'inegalité des traits planétaires a fait la diversité de l'histoire humaine (1).

Exagerada no seu aspecto formal, a afirmação corresponde a um fundo de compreensível verdade, pois o Homem, habitando a Terra, deve fatalmente, a despeito de interferências várias e da sua própria reacção, sofrer o influxo do ambiente, em que a sua vida actua. Brunhes (2) chama à atitude da humanidade em relação ao meio *adaptação activa*, o que exprime que, na revolta do seu ser consciente contra o despotismo da Natureza, procurando aproveitá-la ou submetê-la, o Homem não consegue emancipar-se e escapar à adaptação. É um produto dêsse meio de que não pode libertar-se, ainda que o raciocínio lhe anime a rebelião. Esta mesma é condicionada pelo quadro natural — os *rahmen* de Ratzel — e deve diferir com as condições ambientes.

*

Antes de encarar a população rural dos arredores de Barcellos — principalmente de Arcozelo, onde de preferência me deterei —, antes de observar a sua vida material, psíquica e social,

(1) E. de Reclus, *L'Homme et la Terre*, vol. I, pág. 39. Paris.

(2) Brunhes, *Géographie Humaine*, págs. 35, 43 e 58. Paris, 1910.

julgo-me compelida a colocá-la no meio que ocupa, a traçar o cenário que lhe serve de fundo e que lhe dá relêvo, a esboçar o conjunto circundante, em que vive, labuta e sofre. Depois, como a vida consiste numa evolução constante, nexo permanente, mas acidentado, e os factos actuais representam consequências dum determinismo antigo, espreitarei o Passado antes de olhar o Presente. Só então, feita a localização no tempo e no espaço, o meu estudo rebuscará as características fundamentais desta parcela da Humanidade em que fixo a atenção.

Condições geográficas

Topografia

Nos confins ocidentais da Meseta, neste declive que lentamente vem desaparecer no Oceano, a noroeste de Portugal, recorta os limites, numa forma incerta de polígono irregular, um importante concelho do país, cujo solo suporta a erosão de tempos incomensuráveis e cuja sede é a recente cidade, mas velhíssimo burgo, de Barcelos ⁽¹⁾. É parte da Ibéria húmida e fértil, da Ibéria primária, gasta e corroída pela garra impalpável da intempérie, a Ibéria hercínica das Eras Geológicas. É um dos 13 concelhos do distrito bracarense, cuja área ocupa 2.730,02 km², dividida em 505 freguesias ⁽²⁾. Barcelos corresponde, pois, a um fragmento das terras onde domina com o prestígio de tradições vetustas a secular cidade arqui-episcopal, antiga capital do transitório reino suevo e da persistente soberania romana, a Bracara Augusta de Tibério.

O concelho, com uma área de 37.507 hect., reparte por 89 freguesias a sua labuta rural e, na simplicidade de outras tantas igrejinhas, acolhe as crenças ingénuas das tranqüilas povoações.

Da cidade de Barcelos — 41° 31' 40" de latitude Norte e 30' 40" de longitude Leste de Lisboa — partem para o norte as duas estradas de Ponte do Lima, para noroeste a de Viana do Castelo, para ocidente a de Espozende que encontra o mar a 14 km., para sudoeste a da Póvoa de Varzim, para sul a de Pôrto, para leste a de Braga. Caminhos poeirentos e desnivelados compõem

(1) Barcelos assumiu a categoria de cidade pelo decreto n.º 15:929, dado em 31 de Agosto de 1928 e publicado no «Diário do Governo» n.º 205, 1.ª série, de quinta-feira, 6 de Setembro de 1928.

(2) «Anuário Estatístico de Portugal», 1927.

uma trama complicada oferecida ao trânsito, defeituosas vias cuja utilidade se impõe. O solo cultivado, aproveitado com avaro cuidado, divide-se e subdivide-se na multiplicidade inumerável das pequenas propriedades, campos de contornos fundamente articulados, onde, entre a cultura cerealífera, se espalham árvores, muitas vezes erguendo nos ramos os abraços das videiras. Por toda a parte se difunde o verde rico de clorofila — verde sombrio nas *bouças*, verde pálido nos milharais, verde tenro nas vides.

A 16 km. para ocidente da Braga seminarista e hierática, Barcelos, na margem direita do Cávado, é uma cidade pacífica, comercial e bairrista, que defende com orgulho tradicionalista a sua aristocracia histórica, que entretém o seu sossêgo provinciano falando da vida alheia, e que espera do Futuro o mais próspero destino. Na outra margem do rio, atravessada a ponte, Barcelinhos descansa, mais íngreme, mais suja, mais escura, mais pobre, amontoado de casas incaracterísticas, conjunto francamente plebeu sem pretensões heráldicas, quási sem relíquias do Passado, esquecida pela tradição.

Olhando a paisagem dum cume sobranceiro, avista-se a verdura extensa dos campos e arvoredos, cortada pela lista sinuosa e clara dos atalhos que desaparecem na vegetação apertada, a esteira mais nítida das estradas, casais dispersos, enegrecidos e humílimos, a alvura cristã de alguma ermida. O eixo das serras, como por toda a região, quebra-se, desvia-se, inflecte, risca alinhamentos incertos, confundindo direcções discordantes, em que apenas avultam, mal distintos, os enrugamentos nordeste-sudoeste cortados normalmente pelo sulco das fracturas.

Hipsometria

Arcozelo é uma planície vasta, exposta aos caprichos atmosféricos, cujo horizonte largo se forma em elevações brandas que descrevem, ao longe, a suavidade duma linha brumosa e ondulada. Como assinala Hernandez Pacheco ⁽¹⁾, os relêvos, caminhando

(1) Hernandez Pacheco, *Ensayo de Sintesis Geológica del Norte de la Península Ibérica*, pág. 24. Madrid, 1912.

pelo desgaste contínuo de gigantescas eras para a repousante peniplanificação, adoçam-se e arredondam-se, as arestas desfazem-se, os ângulos esbatem-se, as cristas desaparecem. O tempo modelou os montes, amaciou-lhes os contornos, corrigiu-lhes a aspereza. Da planície arcozelense avista-se, a leste, numa encosta verde-negra, a mancha branca do aprazível Bom-Jesus (401 m.) (1). Mais acima, levanta-se no Sameiro (582 m.), oculta nas árvores, Nossa Senhora dos Navegantes. Um dorso nu atesta a história estranha e criminosa de salteadores famosos, na aridez abandonada da Falperra (563 m.). Airó (413 m.) mais próximo, a sudeste, forma a elevação rude, onde a notável vinicultura se define no conselho egoísta: «Vinho de Airó, bebe-o tu só». A sul, além-rio, a Franqueira solitária e mística (208 m.) perpetua uma evocação heróica, representa a bravura dos leais Alcides, ergue no cimo, em substituição do desmantelado castelo medieval, de que actualmente desenterram as ruínas, uma acanhada igreja, que recebe anualmente o preito alacre da romaria, e a mata da sua encosta abriga um mosteiro esquecido, habitado pelo caruncho e pela humidade, em progressivo depauperamento, a derruir aos poucos. Para os lados do poente, protegendo a pacífica povoação de Abade de Neiva, onde se apruma, numa fidalga indiferença, a periclitante Torre de D. Mafalda, Boicinhas (232 m.) é uma altitude verde, a que se seguem o sombrio e escaldado Monte de S. Gonçalo (483 m.) e o cume de Peniques (437 m.). A norte, Fonte Grande (312 m.) e Louzado (312 m.) esfumam-se na névoa do horizonte e o relêvo do Facho (324 m.), entre Roriz e Oliveira, onde subsistem os restos duma citânia desfeita, avulta, a nordeste, sob o manto dos pinhais. Todas as elevações, de contorno moderado, encontram-se compreendidas nas *zonas médias culturais e florestais* da classificação de Choffat (2). A ondulação atenua-se, esvai-se, na linha circular do horizonte visual.

(1) Carta de Portugal a 1/100 000, n.º 4, «Instituto Geográfico e Cadastral».

(2) Choffat, *Notícia sobre a Carta Hipsométrica de Portugal*, pág. 9. Lisboa, 1907.

Estratigrafia

O subsolo, como todo o maciço galaico-duriense, apresenta a rigidez dos granitos primários, vestígios de erupções antigas, a senilidade de rochas agnostosoicas.

A carta geológica de Choffat ⁽¹⁾ mostra uma tira de silúrico superior que vem de noroeste desaparecer nas proximidades de Barcelos. Uma pequena bacia de plioceno, a norte do Cávado, deve ter-se formado seguidamente ao movimento epeirogénico do mioceno que levantou o noroeste peninsular, reelevando a acidentação arrasada. Nos afloramentos das pedreiras, o granito surge a descoberto, fornecendo amplo material de construção para as habitações rurais. *A região galaico-duriense*, afirma Hernandez Pacheco, *apresenta uma notável uniformidade em seus caracteres litológicos e estratigráficos* ⁽²⁾.

Tectónica

O Norte de Portugal inclui-se num dos mais antigos elementos geológicos da Ibéria, existindo desde a emersão completa da Meseta, no período carbónico, convulsionado pelos dobramentos das *Altaides Ocidentais* de Suess, correspondentes a uma fracção da *Cadeia Hercínica* de Bertrand. O diastrofismo hercínico imprimiu-lhe a orientação nordeste-sudoeste do relêvo, o póstumo-hercínico descreveu traços perpendiculares àquele, a erosão implacável e ininterrupta de imensos tempos geológicos, actuando no modelado, desbastou-o, nivelou-o, abateu-o, esfumando durezas abruptas e complicando a indecisão das linhas ⁽³⁾. Um levantamento em massa rejuvenesceria as ondulações enfraquecidas da velha peni-planície e um movimento descensional post-plioceno do litoral atlântico abriria ao mar o caminho das rias galicianas ⁽⁴⁾. Os agentes externos, esculpindo o decrépito sistema montanhoso, compuseram o aspecto geral do solo.

(1) Carta Geológica de Portugal de Choffat e Nery Delgado.

(2) *Ob. cit.*, pág. 25.

(3) Mendes Corrêa, *Povos primitivos da Lusitânia*. Pôrto, 1924.

(4) Hernandez Pacheco, *Ob. cit.*, pág. 37.

Diz Dantin Cereceda: *A Galiza e o Norte de Portugal até ao Mondego formam uma região concreta e distinta. A erosão actuando durante tão largo tempo ajudada pelo seu clima húmido e temperado, afundando os vales, polindo e rebaixando os cumes primitivos, deu arredondado e suavidade às linhas da paisagem, determinando com a vegetação que o cobre, o formoso país actual* ⁽¹⁾.

Hidrografia

O rio Cávado — nome que já se pretendeu ⁽²⁾ atribuir aos árabes e que fôra precedido pelo de Celano ou Celando, na época romana — abre um leito tranqüilo e pouco profundo entre o casario aglomerado de Barcelinhos e a orgulhosa supremacia de Barcelos, onde o antigo Paço Senhorial, ruína de severas linhas, o domina há séculos. Brotando a cerca de 1.500^m, na Serra de Larouco, que com os seus 1.525^m,1 ⁽³⁾ representa uma das maiores altitudes do País, pois só é excedida pela Serra da Estrêla, arrasta a torrente inicial até Amares e segue pela planície, retardando a corrente, abrangendo uma bacia hidrográfica de 1.648^{km}2,06 e cobrindo um percurso inteiramente português de 118^{km}, dos quais 6^{km} navegáveis, a partir da Barca do Lago. As elevações do Barroso entornam-lhe, na margem esquerda, o Rabagão; na oposta recebe o Homem, oriundo do Gerez, serra cuja altitude ocupa o 3.º lugar do País com 1.507^m,1. Conta-se entre os primitivos cursos fluviais da península, que Choffat considera pre-existentes no arranjo tectónico do maciço galaico-lusitano ⁽⁴⁾. A ascensão vagarosa do terreno respeitou a direcção do rio ⁽⁵⁾, mas o posterior movimento hidrocrático da costa ⁽⁶⁾ levantou-lhe o nível de base e estabeleceu-lhe a foz em Espozende. A antigui-

(1) Dantin Cereceda, *Resumen Fisiográfico de la Península Ibérica*, pág. 262. Madrid, 1912.

(2) Jaime de Faria — Artigo *Cavado*, em: Maximiano Lemos, «Enciclopédia Portuguesa».

(3) «Anuário Estatístico de Portugal», 1927.

(4) Paul Choffat, *Notícia sobre a carta hipsométrica de Portugal*, pág. 40. Lisboa, 1907.

(5) Idem, idem.

(6) Mendes Corrêa, *Os Povos Primitivos da Lusitânia*, Ob. cit., pág. 33.

dade da sua existência, que devia encurvar-lhe o leito (fig. 1) e desenhar-lhe o parabólico perfil de equilíbrio, não conseguiu ainda domar a rebeldia granítica do solo que resiste à acção incompleta dum caudal deficiente. Atravessando o concelho numa vagarosa calmaria, infiltra nas margens a frescura fecundante das águas e a vegetação trasborda, transmitindo à paisagem a ostentação da seiva.

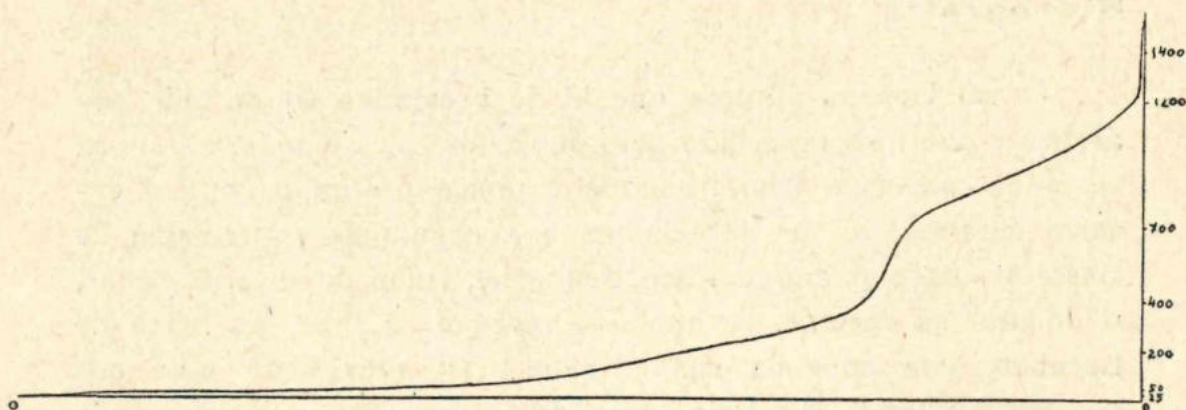


Fig. 1 — Perfil longitudinal do Cávado obtido com o curvímetro na carta hipsométrica de Choffat e Nery Delgado

Escala de alturas.....	$\frac{1}{20.000}$
Escala de comprimentos.....	$\frac{1}{500.000}$

Clima

A influência oceânica, que a proximidade atlântica determina no concelho de Barcelos, modera-lhe as oscilações climáticas.

Compreendido, em Julho, entre as isotérmicas de 20° a 22° (1), quando o centro ciclónico se fixa no interior da Meseta (isóbara de 762^{mm}) e, em Janeiro, entre as isoquiménicas de 10° e 8°, quando no planalto castelhano se desenvolve um centro anti-ciclónico (isóbara de 766^{mm}) (2), recebe no inverno ventos secos e frios de leste e no verão a humidade e moderação dos ventos marítimos de oeste e sudoeste que predominam durante o ano, ocasionados pela alta pressão açoriana. Contribui para acentuar a elevação de temperatura, relativamente a outras regiões menos

(1) Segundo Hann (Berghaus' Atlas).

(2) Segundo Hann (Berghaus' Atlas).

favorecidas à mesma latitude, a passagem, na vizinhança da costa, duma ramificação de corrente quente do Golfo.

A insistência dos deslocamentos eólicos, soprando de ocidente, condensa a humidade transportada nos rebordos montanhosos do sistema luso-galiciano, produzindo o carácter relativamente nebuloso e pluvioso do noroeste português que, segundo Teisserenc de Bort — na escala de nebulosidade de 1 a 10 — se coloca entre a isónefa 6 que corta a zona galega e a 5, vinda do extremo oeste pirenaico até às imediações de Leiria. A humidade atinge o máximo em Dezembro, é mínima ao findar o estio, sendo brusca a transição desta para aquela ⁽¹⁾.

A curta distância a que embate o oceano e as especiais disposições estruturais de pronunciado e desconexo relêvo proporcionam a esta unidade orográfica o maior quantitativo de pluviosidade erosiva peninsular, na zona compreendida entre o Pôrto, que fornece uma média anual de 1.094^{mm}, e Santiago de Compostela com 1.676^{mm}.

Apresentando completo antagonismo com o regime climático continental, excessivo, de secura extrema e aridez estépica, do núcleo central da Meseta, que as cordilheiras montanhosas defendem da acção marítima, as condições de humidade e temperatura minhotas, modificadas pela diversidade das altitudes, atenuam a amplitude térmica, favorecem as culturas e propagam uma densa vegetação pela totalidade do terreno.

Fitogeografia

Em favoráveis condições climáticas, a vida vegetal, mesmo sem o cuidadoso trato da cultura moderna, é farta e variada. Os pinheiros — *Pinus pinaster*, Sol. ⁽²⁾ — ensombram, silenciosos, a rudeza dos caminhos. Devesas calmas e reconfortantes reúnem carvalhos anosos, enrugados e veneráveis — o *Quercus robur*. Salgueiros — *Salix atrocinérea*, Brot. *Salix salvifolia*, Brot. — e choupos — *Populus nigra*, L. — alinham uma espessa bordadura

(1) Dantin Cereceda, *Ob. cit.*, pág. 198.

(2) Pereira Coutinho, *A Flora de Portugal*, 1913.

vegetal, marginando o Cávado. Os castanheiros — *Castanea sativa*, Mill. — dispersam-se, cobrindo de ouriços as ervas do solo. Oliveiras tristonhas — *Olea europaea*, L. — acinzentam o arvoredado, nas zonas abrigadas. É esta a região do milho — *Zea Mays*, L. — que, juntamente com o feijão — *Phaseolus vulgaris*, L., *Vigna monachalis*, Brot. —, alastra pela irregular superfície dos campos. O centeio — *Secale cereale*, L. —, o trigo — *Triticum vulgare*, Vill. — e a aveia merecem geral cultura. A batata tem uma produção considerável. As árvores frutíferas abundam numa distribuição de acaso, sem ordem e sem orientação. O solo é fértil e a flora rica.

Zoogeografia

Poderia afirmar, com um prazer de tranqüilidade assegurada, que me era desconhecido, em Barcelos, qualquer exemplar de fauna perigosa, se não me houvesse ocorrido, em ocasiões distintas, o desagradável encontro de duas serpentes inclassificadas, cujos caracteres não chegaram ao meu conhecimento, desvanecidos imediatamente na rápida precipitação da minha fuga. Entre os reptis, vertebrados mediocrementemente apreciáveis, atesto, pois, a existência dos ofídios de propriedades que uma fugitiva visão não pôde apreender. Sáurios minúsculos, os lagartos vulgares e assustadiços dos muros — *Lacerta viridis* e *Lacerta ocelata* — executam freqüentes digressões pelas pedras desmoronadas e envelhecidas no abandono agreste, em que ladeiam as incertas veredas, e escondem-se nas silvas bravas. Nos charcos, guturais e fanhosos, coaxam os batráquios, as rãs esverdeadas e saltitantes — *Rana viridis*, L. De noite, os sapos — *Bufo vulgaris*, L. — movem-se nos relvados humedecidos. Quirópteros desdobram nas trevas a membrana alar, num vôo mal ritmado por movimentos descompassados — *Plecotus auritus*, L. As aveludadas toupeiras — *Talpa europaea*, L. — rebuscam na terra alimento para a sua voracidade insectívora. Aves de rapina nocturnas, mochos — *Athene noctua vidalii*, *Asio otus* e *Asio flammeus* — e corujas — *Strix aluco* e *Tito alba* — denunciam a sua presença com gritos graves e soturnos. Na fauna ornitológica diurna incluem-se todos os exemplares comuns

no País — numerosos galináceos, pássaros, columbíneas, palmípedes e trepadoras como o cuco. Coelhos bravos — *Oryctolagus cuniculus algirus* (Loche) — e ratos representam os principais roedores da região. Cães esfaimados, mestiçados, sem vestígios de raça, nem cuidados de aprêço, de carnívoros tornam-se frugívoros, forçados pelas circunstâncias, isto é, pela fome impiedosa que lhes desnuda as costelas. Pobres canídeos degenerados pela crueldade dum inédito regime, esquecem-se das habituais e consagradas qualidades de fidelidade e dedicação ao homem, transformados em traiçoeiros defensores do proprietário aldeão que os conserva famintos para, segundo diz, lhes manter a ferocidade — aliás medida económica bem conceituada entre os indígenas. A raiva encontra-se bastante espalhada no concelho.

Na utilidade da vida campestre sobressai o auxílio animal dos artiodáctilos suínos e ruminantes. O gado bovino, cuja densidade é máxima nesta faixa litoral norte — 23 cabeças por km² e 177 por 1.000 habitantes — desempenha funções preponderantes nas tarefas agrícolas. Os bois são auxiliares preciosos no amanho da terra e prestam ao lavrador o seu esforço e docilidade, como trabalhadores poderosos e obedientes. Lembram-me os versos de Lopes Vieira:

Os bois! fortes e mansos, os boizinhos,
Leões com corações de passarinhos.

.
Sem as suas fadigas e canseiras
Não teriam florido as sementeiras!

.
Os bois! os grandes bois gigantes
Tão amigos, tão úteis, tão possantes!

.

*

*

*

Tal é Barcelos geográficamente observado. É esta a decoração exterior, o meio físico palpável, o local onde decorre a acção, o espaço em que o meu estudo quer descobrir um interesse etnográfico.

É, pois, uma área de plano irregular e rústico, ondulações médias e assimétricas interrompidas pela fertilidade das planícies, duros terrenos de granitos velhos, construção tectónica de remotas épocas primárias, a linfa refrigerante e bemfazeja dum rio tranqüilo, um clima húmido e morno que protege a vida, flora densa, variada e útil, fauna inofensiva e proveitosa — elementos que compõem um quadro natural excelente.

Considerações históricas

A História

A cidade de Barcelos ergue-se dignificada por venerandas tradições. Deixou atrás de si um sulco de vitalidade, medindo a passagem sucessiva dos séculos que se acumulam. A antigüidade de bem longínquas origens é o documento heráldico que lhe engrandece o nome, que lhe distende a existência realizada, que lhe infunde a beleza arcaica de vagarosos tempos transcorridos. Barcelos arquiva altivos testemunhos do Passado. A História distingue-a e a tradição respeita-a. É um astro que surgiu da nebulosa imprecisa de desorganizado povoamento. Do indeciso e caótico primitivismo das tribus peninsulares saiu, impulsionado pelas valiosas possibilidades minhotas, um apreciável destino. Se os esforços mais distantes se enevoaram na bruma das idades, se dos movimentos, actos, gestos e planos mais remotos se perdeu a relação, a nacionalidade portuguesa, alicerçada, reconhecida e independente marcou nitidamente a execução da sua vontade na vida de Barcelos. Nas suas construções dos primórdios da monarquia, as pedras despidas, ásperas e escalavradas ostentam a tonalidade augusta de preciosas velharias e exercem a função de seculares evocadoras. Na mudez solene que as envolve, fala a eloquência impressionante da História. A tradição reverente transformou-as em marcos para memória de actividades construtoras. São a documentação histórica e a voz da tradição. Testemunham e narram.

Alguns autores referem — o que não está averiguado — que a origem da povoação de Barcelos, como o seu próprio nome, remontaria aos tempos pre-romanos, tendo nascido da invasão

púnica peninsular ⁽¹⁾. Agradados das aprazíveis condições naturais, presos pela fertilidade marginal do manso Cávado, demorados pelos acasos da conquista, os cartagineses ter-se-iam detido na região, concentrando à beira-rio os dispersos povoados pela influência dominante na atrasada instabilidade das tribus locais.

Várias hipóteses têm sido apresentadas como explicação da palavra *Barcelos*. Aceitaram, com a origem cartaginesa, a possível proveniência dos Barcinos, que seriam os seus fundadores ⁽²⁾. Fizeram-na derivar de Barracelos, corrupção de Barra Celandi, pois Celando precedera o nome de Cávado dado ao rio ⁽³⁾. Supuseram que os árabes teriam mudado a designação romana da cidade de Águas Celanas para a de Bencellanos (filho de Celano), origem de Barcelos, difícil de explicar ⁽⁴⁾. Admitiram a existência, anteriormente à da ponte sobre o Cávado, duma Barca que se denominasse Barca Coeli. Pensaram em Barca Celani, da barca de passagem que servia no acanhado embarcadero ⁽⁵⁾. E, visto que pretenderam atribuir a Amilcar a fundação do povoado, ainda se poderia crer num derivado do apelido da família Barca — Barc(a)-ellus > Barcellus > Barcelos — que seria a resultante híbrida duma palavra semita e dum sufixo diminutivo latino.

A existência, porém, do castro de Roriz, documenta mais antigos povoadores, o que é confirmado por machados de bronze encontrados na região ⁽⁶⁾. É bem possível que Barcelos tivesse tido a sua origem num pequeno povoado indígena, pre-romano. Mas devem ter sido os romanos, nossa ascendência de civilizadores que nos legou a língua, os organizadores de Barcelos. Nos precedentes alicerces, levantaram os rudimentos fortes dum dura-doiro edifício, definitivamente formando a povoação que se engrandeceu com a prosperidade da Braga imperial, que, devastada

(1) Artigo de Jaime de Faria na «Enciclopédia Portuguesa Ilustrada», publicada sob a direcção de Maximiano de Lemos. Mancelos Sampaio — *Barcelos*.

(2) Artigo de Jaime de Faria na «Enciclopédia Portuguesa».

(3) Notas del Marques de Montebelo al *Nobiliario del Conde D. Pedro*, pág. 15, plana 303. Roma, 1640.

(4) Artigo de Jaime de Faria na «Enciclopédia Portuguesa».

(5) A. Gomes Pereira, *Tradições populares, linguagem e toponímia de Barcellos*, pág. 304. Espozende, 1916.

(6) Mendes Corrêa, *Ob. cit.*, pág. 231.

pelos bárbaros, ressurgiu posteriormente com a supremacia da Braga sueva, que sofreu o domínio árabe, primeiro destruidor, depois construtor ⁽¹⁾, e que entrou no território da reconquista com que Afonso Henriques estabeleceu a independência e criou a nacionalidade.

Integrada no senhorio real, Barcelos foi a principal freguesia do Julgado de Neiva e recebeu do rei seu «patronus», em data que oscila entre 1140 e 1146, o foral que lhe regulava a vida pública e que foi confirmado pelas inquirições de D. Afonso II e pelas de D. Afonso III ⁽²⁾.

BARCELOS (FORAL)

Absque anno — In hoc sicut in aliis foralibus subsequentibus regnante Alphonso I concessis quo anno datum notitia abest. Non solum vero Barcelense, sed etiam Germanellense quod huic insequitur inter annos 1140-1146 exarata fuisse ex eo patet, quod ibi Alphonsus appellatur rex; nondum tamen uxoris suae reginae Maphalda nomen in subscriptione apparet. Textum foralis Barcelorum hausimus ex Lib. Foral. Antiquor. S. Crucis Conimbr. ⁽³⁾

« In dei nomine. Ego Alfonsus dei gratia Port. Rex, Comitis Henrici et Regine Terasie filius. De meam *villam Barcelos* vobis populatoribus tam presentibus quam futuris qui ibi habitare uoluerint per suos terminos sicut sunt divisi. *Do illis forum* ut habeant honorem Bracare et pectent decimam de calumpnia Bracare et decimam de toto labore. »

Celebrado em 12 de Setembro de 1297, em Alcanices, um tratado de paz entre Castela e Portugal, por intermédio do mordomo-mor de D. Diniz, D. João Afonso Telo de Meneses, aparentado com as reais dinastias de Castela, Leão e até Portugal, pois era neto de D. Sancho I — o rei trovador para premiar os

(1) «Enciclopédia Espasa». Artigo «Barcelos».

(2) *Leges et Consuetudines*, pág. 432. «Portugaliæ Monumenta Historica».

(3) Sem ano — Neste, como nos outros forais que se seguem, concedidos no reinado de Afonso I, falta a indicação do ano em que foi dado. Porém não só o Barcelense, mas também o Germanelense que se segue a este, mostram que foram escritos entre os anos 1140-1146, porque ali Afonso intitula-se rei; todavia ainda não aparece a subscrevê-los o nome de sua mulher a rainha D. Mafalda. Tiramos o texto do foral de Barcelos do Livro dos Forais Antigos de Santa Cruz de Coimbra. (Tradução da nota inicial do foral).

serviços de tão nobre súbdito, conferiu-lhe a soberania da vila de Barcelos, elevada a primeiro condado vitalício português, conforme consta da carta de doação:

Carta per que El Rey deu ao Conde Joham Ao A vila de barçelos. Dom denjs pela graça de deus Rey de Portugal e do Algarue. A quantos esta carta virem, faço saber que eu por serviço que me dom Joham Ao fez, E por que o fiz *Conde*, dou-lhe a minha *vila de barcelos* com seu termho, que el que a aia en todolos dias de sa vjda bem e compridamente com todolos meus direitos que eu hj ey e de direito deuo auer e mando aos moradores dessa vila que o tenham no lugar que terriam o meu corpo. E por esta causa seer mais certa e nom vijr pois en douda, dey ende ao dito dom Joham Ao esta minha carta aberta e seelada do meu seelo pendente. Dada em Santarém. oyto dias de Mayo. El Rey o mandou. Ao miz a fez. E.M.CCCXXXvj. annos (Chancelaria de D. Diniz, liv. 3.º, fl. 3) (1).

Do primeiro Conde de Barcelos e de sua mulher D. Tereza Sanches nasceu D. Violante Sanches que casou com o alferes-mor D. Martim Gil de Sousa, nomeado segundo Conde de Barcelos por D. Diniz, em 15 de Outubro de 1304, morrendo sem descendência (2).

Foi ainda D. Diniz quem conferiu o condado pela terceira vez, em 1 de Maio de 1314, a seu filho ilegítimo D. Pedro Afonso, autor do conhecido Nobiliário do Infante D. Pedro e parente por afinidade do conde anterior. Falecido mais êste donatário, o condado regressou à posse da família dos primeiros proprietários.

D. João Afonso Telo, descendente duma irmã do segundo Conde de Barcelos, recebeu do rei D. Pedro o senhorio da vila que lhe foi concedido em 10 de Outubro de 1357 com o título de quarto Conde.

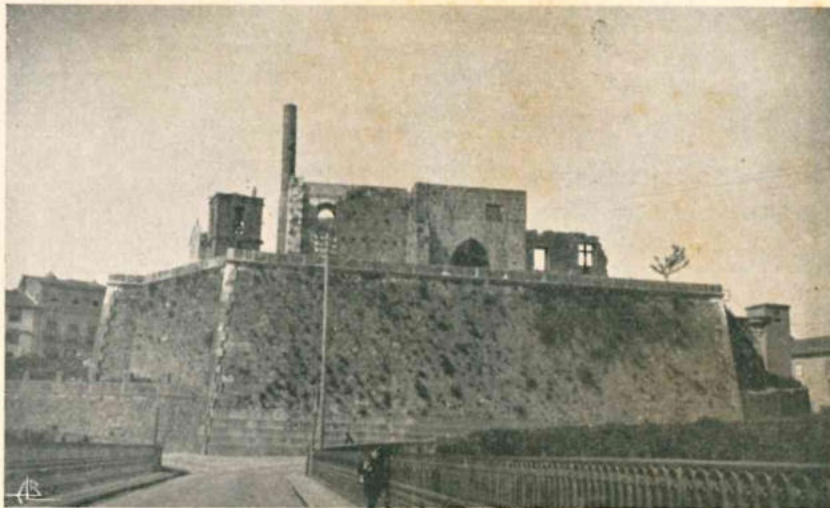
Leonor Teles, a ambiciosa fidalga que obteve a realeza, era sobrinha dele, e ela própria, por carta de 20 de Março de 1372 (3), concedeu o título a seu primo que foi o quinto Conde, ainda em vida do Pai, tendo ambos usado conjuntamente o título — o que

(1) A. Braancamp Freire, *Brasões da Sala de Sintra*, vol. III, pág. 227. 1921.

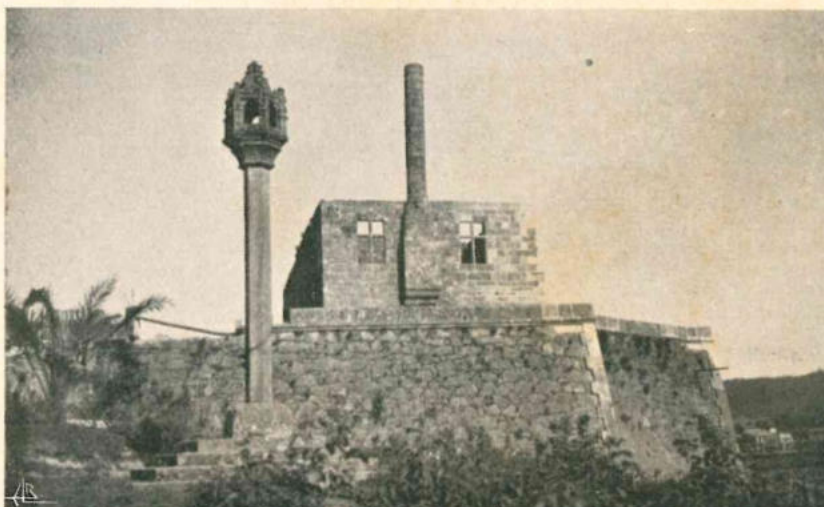
(2) Idem, idem.

(3) Idem, idem, vol. I, pág. 120.

Castelo dos Condes e Duques de Barcelos
e Duques de Bragança



1



2

talvez possa explicar-se pela menoridade do filho e sua consequente impossibilidade de administrar as terras inerentes à dignidade. O jovem Conde morreu ainda quando o Pai vivia e a este sucedeu o almirante D. João Afonso Teles, irmão da rainha D. Leonor Teles, o qual aparece como sexto Conde de Barcelos num documento de 27 de Janeiro de 1382 ⁽¹⁾. Por morte deste, sem descendência, na batalha de Aljubarrota, ficou vago o Condado.

Procedendo D. Nuno à reconquista dos terrenos e do antigo Castelo de Neiva, D. João I premiou tal acção, acrescentando às dádivas já feitas dos Senhorios pertencentes a Andeiro a nomeação do Condestável, em 8 de Outubro de 1385, para sétimo donatário de Barcelos, onde o braço dos Pereiras se conserva na que foi sua habitação.

« Nesta jornada rendeo o Castello de Neiva, hum dos cinco julgados de Barcelos.

ElRey para que seu conceito sem necessidade de outra prova, ficasse bem acreditado, premiou este merecimento do Condestável com o *Condado de Barcellos* e com mercê de todos os seus Direitos e Senhorios » ⁽²⁾.

Como dote opulento de sua única filha D. Beatriz Alvim, Nuno Álvares, em 8 de Novembro de 1401, com confirmação régia, doou ao noivo D. Afonso, filho ilegítimo do rei e de Inês Pires ⁽³⁾, as terras barcelenses.

« ... Saibão quantos este estromento virem, como eu Nuno Alveres Pereira, Condestabre do meu Senhor ElRey nos Reinos de Portugal, e do Algarve, de minha livre vontade, e sem prema, ou outro enduzimento algum dou, e doo, e faço pura doação valedoura antre vivos para sempre, que nunca possa ser revogada, ao Comde D. Affonso filho do meu Senhor ElRey em casamento com a Comdessa D. Briatiz minha filha a villa, e Castello de Chaves com seus termos terra, e julguado de

⁽¹⁾ A. Braancamp Freire, *Ob. cit.*

⁽²⁾ Frei José Pereira de Santana, *Chronica dos Carmelitas*, tomo I, págs. 311 e 323. Lisboa, 1745.

⁽³⁾ *História Monumental de Portugal*, sob a direcção de Damião Peres. Vol. II. Nota da pág. 10.

monte negro, e do Castello, e foltaleza de montalegre, e terra de barroso, e Baltar, e paços, e *barcellos* que são antre douro, e minho, e trallos-montes com seus termos, e coutos, e homras, e com todas as jurdições civil, e criminaes, e com todollos padroados das Igrejas, e todos seus direitos, e pertenças que eu ej, e de direito devo daver por doação ou doações que me fossem feitas por meu Senhor ElRej, ou em outra qualquer maneira.....» (1).

O Infante D. Pedro, quando regente na menoridade de D. Afonso V, concedeu a êsse seu irmão, em Évora, em 1442, o título de primeiro Duque de Bragança (2), conferindo assim um ducado aos condes da beira-Cávado.

D. Fernando, neto de Nun'Álvares, foi o nono Conde de Barcelos e, decapitado o décimo, também D. Fernando, por acusação régia de D. João II (3), o violento soberano que marca o auge da concentração absolutista do poder, títulos e terras foram restituídos, em 1496, pelo rei D. Manuel a D. Jaime, descendente daquele e undécimo e último Conde.

Em 1527, D. João III consentiu em que êste pudesse conceder a seu filho D. Teodósio um dos seus títulos.

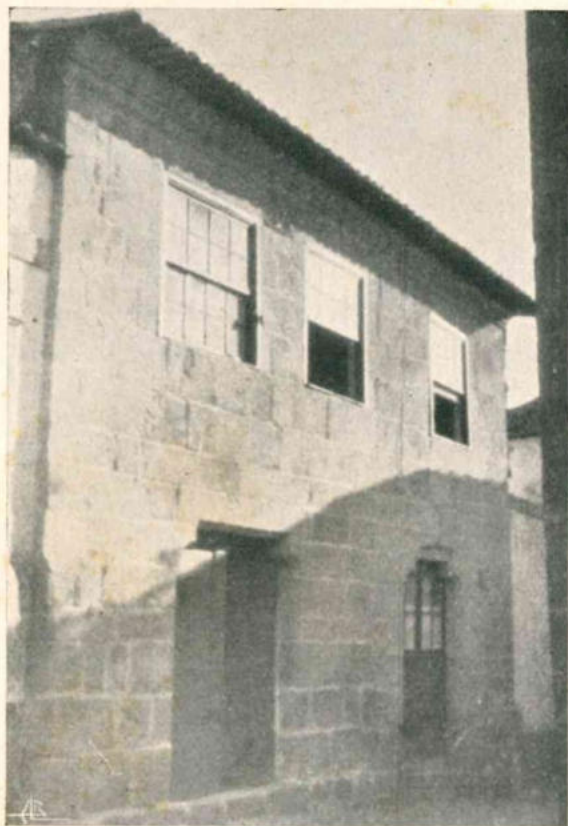
«Eu ElRey faço saber a quantos este meu Alvara virem que o Duque de Bragança, e de Guimarães &c. meu muito amado, e prezado Primo me disse que ElRei D. Affonso meu Tio que tanta gloria aja concedera, e outorgara ao Duque seu Pai que pudesse dar a seu filho mayor qualquer de seus títulos que quisesse; e me pedio por merce que me aproovesse de assi ho outorgar a ello; e visto por mim seu requerimento, e o muj conjunto devido que comiguo teê seu filho, e aos merecimentos, e serviços do dito Duque meu Primo, e por folgar de nisto lhe fazer merce por este presente Alvará me praz que do mes de fevereiro que veê do ano que veem de mil e quinhentos e vinte e sete em diante, o dito Duque possa nomear o dito seu filho quando quiser em qualquer dos seus títulos que elle teem e em que lhe mais aprouver ho nomear...» (4).

(1) António Caetano de Sousa, *Provas da História Genealógica da Casa Real de Bragança*, tomo III, pág. 448. Lisboa, 1744.

(2) A. Brancamp Freire, *Ob. cit.*

(3) Damião Peres, *História Monumental de Portugal*. Angelo Ribeiro — Cap. XII do vol. III.

(4) *Provas da História Genealógica da Casa de Bragança*, tomo IV, pág. 73.



1— Casa de Nuno Álvares Pereira



2— A moleira de Arcozelo e S. Veríssimo

Por um documento de 1532, em que a mulher e o filho de D. Jaime declaram aceitar o seu testamento, e por outros documentos posteriores, como o contracto de casamento de D. Teodósio, verifica-se que a dignidade cedida pelo Conde a seu filho foi a inerente à Vila de Barcelos, não tomando D. Teodósio o título de Conde, mas o de primeiro Duque de Barcelos.

«Saibão quantos este estormento de concerto virem que no anno do nascimento do nosso Senhor Jesus Christo de mil e quinhentos e trinta e dous annos aos vinte e hum dias do mes de Dezembro nas casas do regengo do Duque de Bragança, e de Guimaraens &c. nosso Senhor nesta Villa de Villaviçosa estando ahi presentes a Senhora Duquesa D. Joana de Mendonça molher do dito Senhor; e asi o Senhor D. Theodosio *Duque de Barcelos* filho do dito Senhor Duque por eles ambos juntamente foy dito que elles virão o testamento que ora o dito Senhor Duque de Bragança fizera, e sabião bem o que se nelle continha, e a elles ambos aprazia destarem por elle, e o comprirem inteiramente, e não hirem contra elle em parte, nem em todo» (1).

D. João, filho de D. Teodósio, obteve de D. Sebastião, quando casou, em 1562, o título de segundo Duque de Barcelos, em que lhe devia succeder o primogénito, assim como os de seus descendentes, desde que fossem baptisados.

«Dom Sebastião per graça de Deos Rey de Portugal, e dos Algarves daquem e dallem mar em Africa Senhor da Guiné, e da conquista navegação comercio de Etiopia, Arábia, Persia, da India &c. A quantos esta minha Carta virem faço saber, que considerando eu o mui conjuncto devido que comigo tem D. Catherina minha muito presada Tia, filha do liffante D. Duarte meo Tio, que sancta gloria haja, e a eu ter hora assentado de com a graça de nosso Senhor ella haver de casar com D. João meu muito amado, e presado sobrinho, filho primogenito, herdeiro de D. Theodosio Duque de Bragança, meu muito amado, e presado sobrinho, e havendo respeito aos grandes merecimentos e serviços daqueles de que o dito D. João descende, e aos que espero que a mim faça, ey por bem, e lhe faço merce do titulo de *Duque da Villa de Barcelos* de juro pera elle, e todos seus descendentes barois lidimos filhos primogenitos do possuidor da Casa de Bragança, segundo forma da lei mental,

(1) *Provas da História Genealógica da Casa de Bragança*, tomo IV, pág. 88.

e quero, e me praz que logo o dito D. João se possa chamar, e chame *Duque de Barcellos*, e que tanto que ao possuidor da dita Casa de Bragança nascer filho barão lidimo e for baptizado, logo seja, e se chame *Duque de Barcellos*.....» (1).

O terceiro Duque de Barcelos foi D. Teodósio, filho do precedente.

A casa de Bragança, em cujos domínios se contava Barcelos, engrandecida por sucessivas doações, proprietária da quási totalidade do Alentejo, Minho e Douro, dispondo duma imensidade de servos, de avultados recursos, de largos territórios e duma crescente influência, representava uma ameaça à decadente e enfraquecida usurpação espanhola e foi em vão que, com dádivas e mercês, Filipe IV procurou afastar a perigosa preponderância do quarto Duque de Barcelos e nono de Bragança que, na realeza, havia de chamar-se D. João IV.

Do velho condado barcelense transformado em Ducado no século XVI, oriundo de vagas origens que se confundem na Pre-história e resultante do esforço civilizador latino, saíu, um dia, o sustentáculo que confirmou e manteve a independência restabelecida. Barcelos ocupa na Restauração (2) um lugar equivalente ao que cabe a Guimarães na fundação da nacionalidade. A prosperidade local cresceu, a sua importância dilatou-se, mas a missão histórica cumprira-se e deteve-se e dela apenas sobrevivem as tradições do Passado.

A tradição

Desde a fundação do burgo, em longos séculos de existência, a corrente dos tempos foi dissolvendo acontecimentos, gerações que a vida animou e a morte destruiu, e esforços que reflectiam aspirações. E, no desenvolvimento da nacionalidade, as tradições somaram-se sucessivamente.

(1) *Provas da História Genealógica da Casa Real de Bragança*, tomo IV, pág. 264.

(2) Mancelos Sampaio, *Barcelos*, pág. 70. Barcelos, 1927.

Homens de Barcelos ⁽¹⁾ souberam combater nas grandes batalhas portuguesas: no Salado, em Aljubarrota, em Montijo — na luta contra os mouros, na defesa da independência, nas campanhas da restauração. Calcaram o solo hostil da África setentrional em Arzila e Azamor e sobre ele morreram no elegíaco conflito de Alcácer Kibir, onde o Alferes de Barcelos ⁽²⁾, envolvido na confusão da peleja, desfraldou, sereno até à morte, o pendão dos Braganças. Colaboraram na tarefa assombrosa da Descoberta, navegando até aos confins da América e às plagas africanas. Colonizaram a riqueza magnífica das terras do Brasil que defenderam, com o altivo sacrifício da vida, da cobiça insaciável dos holandeses. Foram bispos, arcebispos, missionários, escritores e pintores, distinguindo-se no clero, nas letras e nas artes. Mas os barcelenses pertencem à humanidade com os seus rasgos heróicos e as suas fraquezas lamentáveis. A indulgência conterrânea, que glosa perenemente os feitos valorosos, procura esquecer os momentos censuráveis. Deixa no olvido a subserviência aviltante aos castelhanos nas incertezas dinásticas do século XIV, a atitude desleal que o oitavo Conde de Barcelos, D. Afonso, usou para seu irmão, o Infante Regente D. Pedro, Duque de Coimbra ⁽³⁾, a traição do décimo Conde de Barcelos, terceiro Duque de Bragança, D. Fernando, que subiu ao cadafalso ⁽⁴⁾, e o procedimento condenável das guarnições barcelenses de Ceuta.

Tendo D. João I tomado, em 1415, a primeira praça africana, cuja defesa confiou a tropas vimaranenses e barcelenses, estas debandaram ante um novo ataque sarraceno, enquanto aquelas, acudindo às muralhas desguarnecidas, intrépidamente conservaram no nascente império português a conquista do Mestre de Aviz, que não eximiu de castigo os culpados, nem privou de recompensa os servidores fieis. Os vereadores de Barcelos foram constrangi-

(1) Mancelos Sampaio, *Barcelos*, pág. 94. Menciona os barcelenses mais ilustres.

(2) O nome de Alferes de Barcelos é Gaspar Goes do Rego, *Barcellos Revista*, 2.º ano, n.º 18, 30 de Abril de 1911.

(3) Damião Peres, *História Monumental de Portugal*, vol. III, cap. XII, por Angelo Ribeiro.

(4) Idem, idem.

dos a limpar Guimarães e, de carapuça encarnada, levando ao ombro uma banda de igual côr, com um só pé descalço e espada pendente, deviam ir, nove vezes por ano, durante as festas da primeira capital portuguesa, *provistos cada uno de su correspondiente escoba a efectuar la limpieza ordenada* (1). A humilhação restringiu-se mais tarde a algumas freguesias que o Duque de Bragança cedeu ao Concelho de Guimarães, mas só terminou com a dominação filipina que desprezava hostilmente as passadas façanhas nacionais e, do alto desdenhoso de superiores recursos que Carlos V legara, violou direitos e esmagou deveres, tentando desfazer o estímulo das tradições.

Os barcelenses, tantas vezes esforçados e leais, sofreram momentâneamente a fragilidade humana, mas a herança secular de tradições dignificantes resgata-os e absolve-os. E os nomes de Nuno e Álvaro Gonçalves, honrados alcaides e defensores memoráveis do Castelo de Faria — lealdade e heroísmo que Herculano exalta (2) — representam o símbolo máximo do patriotismo regional. Êles sobressaem na linguagem simples, mas máscula e castiça, do velho Fernão Lopes, quando narra que estrangeiros *«chegaram até Barcellos, e gentes de Portugal, daquela comarca, se juntaram para pelear com elles...»* (3).

A lenda

Primeiros anos do quinhentismo. João Pires, humilde condição de sapateiro, numa manhã de outono de cristã sexta-feira, encontrou, na poeira esbranquiçada da terra, o doloroso símbolo duma cruz preta que nada pôde esbater, que nada conseguiu apagar. A crença ingénua do milagre erigiu um templo que prosperou e firmou um culto capaz de subsistir. De misteriosas regiões do mar, pelo Cávado acima, uma imagem de Cristo aportou a Barcelos. Transportada à Igreja das Cruzes pela piedade popular,

(1) *Enciclopédia Espasa*. Artigo «Barcelos».

(2) Alexandre Herculano, *Lendas e Narrativas*, 12.^a edição, tomo I, pág. 211.

(3) Fernão Lopes, *Crónica de D. Fernando*, vol. II, caps. LXXVIII e LXXIX, págs. 59 e 61. Lisboa, 1895.

nunca mais ninguém conseguiu arrancá-la a êsse ambiente enternecido que a fé criara, nem afastá-la da hospitalidade acolhedora que o povo crente lhe oferecera. A estranha imagem não quer deslocar-se (dizem) e as fôrças humanas são impotentes para movê-la. Ainda anualmente o Senhor da Cruz preside, no templo, à grande festa das Cruzes que, em Maio, movimenta Barcelos, a povoa, a entusiasma e alegra.

E a lenda continua pelos séculos fora, persistente e doce, havendo quem afirme que, por vezes, cruces negras voltam a aparecer...

Monumentos

Barcelos possui documentos das suas arcaicas origens e do seu esplendor medievo. São antigos, emudecidos monumentos que, com desdenhosa indiferença pela democratização contemporânea, orgulhosos de fidelidade a seus fundadores e donatários, guardam a arrogância duma aristocrática gravidade, vivem no êxtase da sua época, soltam a nota atardada de findas magnificências, nota discordante na moderna civilização utilitária e demolidora.

Em Roriz, uma velharia estratégica pertence à Pre-história — castro milenário, desfeito, esmagado pelos solavancos de infindas vicissitudes, insuficiente reduto dos nossos ascendentes lusos, que os romanos submeteram e aproveitaram.

Em Santa Maria do Abade de Neiva — primeira sede do domínio —, uma estreita muralha, onde se recorta uma passagem ogival, liga a frontaria vetusta da Igreja românica, em cujo pórtico se talham arquivoltas quebradas repousando sôbre curiosos capitéis historiados, a uma torre decrépita, vulto escuro e mal seguro, quatro paredes sóbrias e austeras, unidas na simplicidade de quatro ângulos rectos, cujo nome — Torre de Dona Mafalda — evoca a primeira rainha de Portugal, fundadora da povoação, que ali lançou as bases dum convento de freiras que não se concluiu ⁽¹⁾.

(1) Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, vol. I, pág. 10. Artigo «Abade de Neiva»; A. Gomes Pereira, *Ob. cit.*, pág. 317.

O convento de Vilar de Frades, um dos mais importantes do País, cuja fundação se atribui ao arcebispo bracarense São Martinho de Dume, no século VI, destruído pelos árabes do século VIII, restaurado, no século XII, por um dos nobres senhores de Azevedo, decadente no século XV pela concorrência do Mosteiro de Tibães, foi beneficiado e ampliado por mercê do Mestre de Aviz que lhe concedeu o senhorio dos Coutos de Vilar e Manhente com acréscimo de consideráveis privilégios ⁽¹⁾. Na fachada da Igreja — construção de várias datas —, à direita, uma porta obstruída descreve um puro arco redondo de arquitectura genuinamente românica e de arquivoltas historiadas, exemplar raro em Portugal, documentando a reconstrução do século XII. Algumas janelas abrem-se em ogiva, num estilo de transição, produto de modificações posteriores. A gótica abóbada de pedra, cujas nervuras terminam sobre mísulas nas paredes laterais, sólida, esbelta e bem lançada, é majestosa e elegantíssima. A entrada principal, em arco abatido, contemporânea talvez das grandes descobertas, apresenta a característica decoração manuelina. Edificação mutilada e remendada pelas alternativas da sorte tem admiráveis detalhes da sua extinta prosperidade e rodeia-se ainda dum paradisíaco ambiente de opulentas verduras.

Em Manhente, na Igreja românica, em cuja fachada se rasga um pórtico de quatro arquivoltas lavradas, existe uma inscrição, dizendo:

Magister Gundisalvus fecit in era MC2V xoslecto

Trad.: Mestre Gonçalo fez na era de 1125 (naturalmente era de Cesar), escolhido Cristo (Christo selecto — xo = Christo).

Neste abrigo de aquem-rio dos frades de Vilar ⁽²⁾, uma torre simples e arruinada, de arestas rectilíneas e de rebordos, onde assentam alguns merlões espaçados, engrandece a bucólica paisagem e defronta, na outra margem, entre a densa folhagem da

(1) *Barcelos Revista*, 1.º ano, 1909, n.ºs 19 e 21; Arnaldo Gama, *Sargento Mor de Vilar*, nota 1.ª; Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, vol. XI, pág. 1219. Artigo «Vilar de Frades».

(2) Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, vol. V. Artigo «Manhente».

mata, o aspecto dominador do Mosteiro de Vilar. E a lenda conta que uma passagem sob o leito do Cávado punha em comunicação os frades das duas margens.

Na cidade, em frente à ponte, que desde o século XV atravessa o Cávado, descansam as ruínas severas do castelo dos Condes de Barcelos, linhas desbravadas pela pertinaz corrupção dos anos, estigmatizadas pela erosão implacável, que impoem, contudo, a solenidade eloqüente de passadas grandezas e constituem o rasto dum poderio morto. (Figs. 2 e 3, est. 1).

A Casa do Barbadão acresce a quasi cinco séculos de granítica existência o atractivo duma lenda. Construída na vizinhança do Castelo, quis o seu ambicioso proprietário e fundador ⁽¹⁾ que ela excedesse em altura o extremo da elevada chaminé palaciana, mas, como o Conde de Barcelos D. Afonso, primeiro Duque de Bragança, lhe tivesse contrariado a pretensão, tentou, de desespero, arrancar as barbas — o que uma imperfeita, mas interessante escultura comemora, ornamentando exteriormente a cornija ⁽²⁾.

Mais acima um pouco, também enegrecida pela adiantada velhice, a Igreja Matriz ou de Nossa Senhora da Assunção, que, nas referências das inquirições do século XIII, se denomina Santa Maria Maior, foi fundada pelo rei D. Fernando ⁽³⁾.

A Casa de Nun'Álvares, pequeno edificio brasonado com as suas armas, sem grande ostentação exterior, conserva um típico aspecto medieval. (Fig. 4, est. II).

Com o brasão de família, a Casa de Gaspar Góis do Rêgo, o alferes dos Braganças, vítima heróica de Alcácer-Kibir, documenta o patriotismo regional ⁽⁴⁾.

A prisão da cidade, torre quadrangular, larga e sombria, ameaçadora e triste, com uma espessura de parede de 2^m,86 ⁽⁵⁾, antiga Torre da Porta Nova que foi, na Idade Média, a extremi-

(1) A Casa ostenta esta inscrição: «Estas casas mandou fazer o Doutor Pedro Esteves no anno de 1448».

(2) *A Lágrima*, quinzenário de Barcelos, 22 de Setembro de 1901, 9.º ano, n.º 21.

(3) Maximiano Lemos, *Enciclopédia Portuguesa Ilustrada*. Artigo de Jaime de Faria, «Barcelos».

(4) *Barcellos Revista*, 1.º ano, 1909, n.º 12; 2.º ano, 1911, n.º 18.

(5) *Idem*, 1.º ano, 1909, n.º 5.

dade do burgo então fortificado e apertado em muralhas, serviu, no século XV, de habitação ao Alcaide.

Pelas aldeias fora, cruzeiros seculares e esguios, dispersos na solidão dos caminhos, ermidinhas recolhidas e silenciosas que são motivos religiosos no sossêgo dos campos, fragmentos calcinados e deformados, duma idade tão afastada que esqueceu a data, construções antigas que a lenta demolição não poupa, braços abandonados pela negligente decadência fidalga, são ruínas que reconstituem o Passado.

*

* *

Assim é Barcelos encarado històricamente com tradições e lendas.

De origens que não se podem com precisão estabelecer, latinizou-se sob a influência bracarense — os brácaros gozaram as regalias de cidadãos imperiais —, destacou-se da barbárie medieval, convulsiva e batalhadora, evoluiu e distinguiu-se na prosperidade marcante que fulgiu no limiar da segunda dinastia, produziu o fulcro da restauração, coleccionou o património de tradições respeitáveis, recebeu a consolação ingénua duma lenda em que a divindade se aproxima do povo, edificou monumentos, memórias veneráveis que ilustram a História, pedras que são trechos de cronistas, documentário mais duradouro que os homens. Barcelos viveu na História.



1 — Uma mulher de Arcozelo



2 — Aspecto da palafita sobre o afluente do Cávado

ESTUDO ETNOGRÁFICO

Vida material

A população

Tendo definitivamente deslizado para o Sul a preponderância administrativa, concentrado e fixo o predomínio junto ao estuário do Tejo, Barcelos, cumprida a sua missão dentro do organismo nacional, conforma-se com o destino de cidade provinciana e secundária, centro dum concelho, onde a actividade rural alastra, impera e produz.

O aspecto físico das populações das suas aldeias não contem marcados atractivos. Expostas às oscilações climáticas e à intensidade do sol, entregues desde muito novas à árdua labuta dos campos, envelhecem precocemente, estragam depressa o frescor e a graça da mocidade no desempenho de exaustivos trabalhos, adquirindo uma aparência grosseira pouco agradável (est. II, 2, e est. III, 1). Homens há que não sentem a picada duma vespa na extremidade calejada dos dedos e são tão vulgares as mãos ásperas, largas, rugosas e escuras, mesmo nas mulheres, que, quando alguma as possui mais delicadas, dizem:

— « Aquela tem umas mãos tão mimosas *qu-inté* parece um padre! »

As noções de asseio são muito rudimentares. É inconcebível a falta de limpeza, em que podem viver.

Nota-se um contraste nítido entre a população infantil do concelho e a classe produtiva. Encontram-se crianças encantadoras — mesmo sujas! — e adultos boçais, feios e desajeitados.

São estes homens colocados no ambiente descrito e encadeados aos factos referidos que me oferecem um motivo de estudo e merecem uma complacente análise da ciência etnográfica que Van Gennep deriva de longínqua antiguidade, dando-lhe já na Grécia, um precursor em Pausânias ⁽¹⁾, mas Haberlandt considera, «quanto à sua independência, uma das ciências mais jovens» ⁽²⁾.

A habitação

As casas, por todo o concelho, são humildes, sem luxo de exterioridades, sem supérfluo de decorações. Pobres, pequenas, quási sempre de pedra nua e escura, freqüentemente com um acanhado alpendre que denominam *cobêrto*, têm geralmente dois andares, sendo o inferior destinado ao gado que, com as próprias calorias, contribui para o aquecimento, no desconforto hibernar. Nalgumas fachadas, aparece a cal e até certas casas mais altas e com mais pretensões são exteriormente pintadas de várias côres, mas apenas na parte mais elevada que sobressai acima do arvoredo e pode ser vista a distância, ficando a base com a pedra a descoberto. Nestas habitações repartidas em dois andares, a comunicação faz-se por uma escada exterior que, em geral, dá acesso ao alpendre (fig. 2).

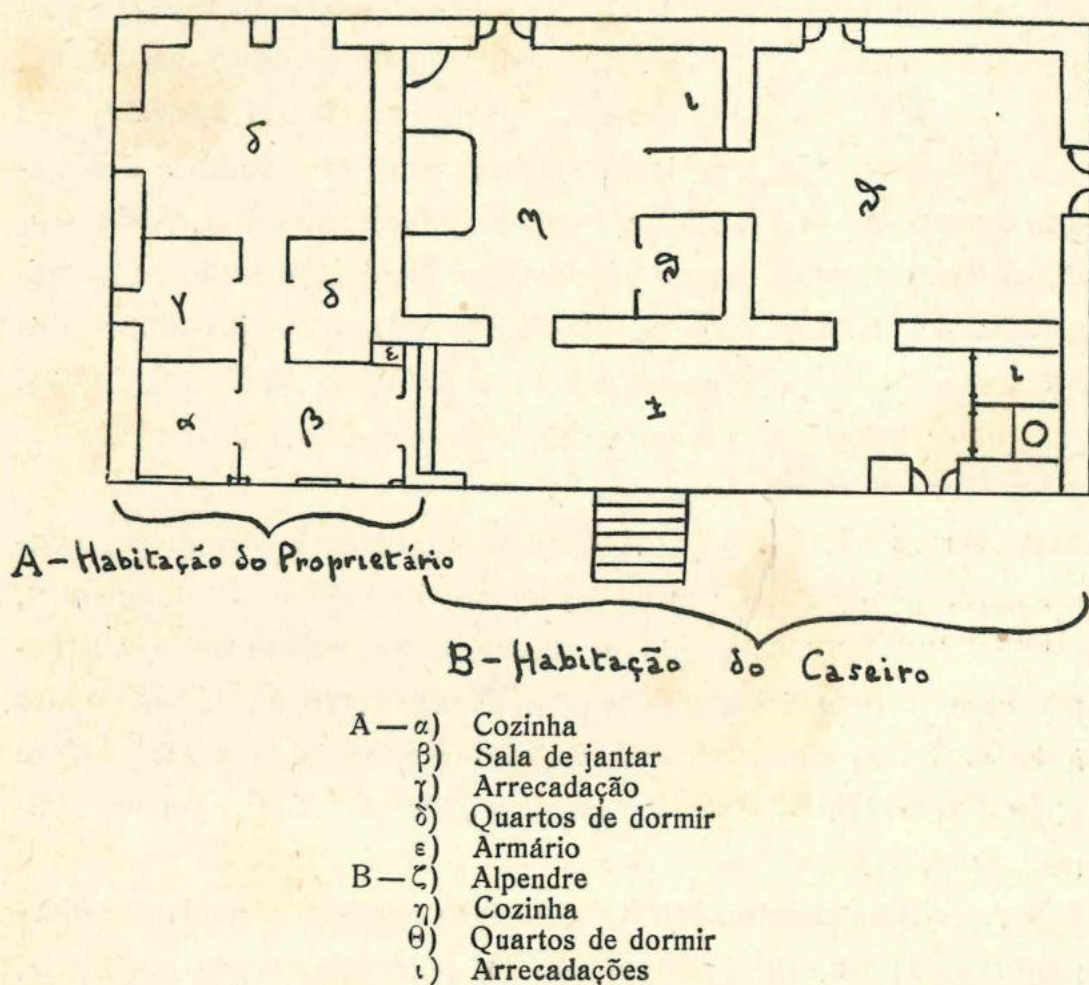
A *eira* exigida pelo cultivo dos cereais fica situada junto à casa, quando o celeiro é no andar térreo, ou independente, quando êste ocupa uma construção separada.

As janelas, de tamanho reduzido, vedadas por pequenos rectângulos de vidro, abrem segundo a vertical. No interior, fixos lateralmente, existem, às vezes, bancos de pedra. As portas, de

(1) Arnold Van Gennep, *Le folk-lore*. Paris, 1924. «Collection de Culture».

(2) Haberlandt, *Etnografia*, pág. 14. Barcelona, Buenos-Aires, 1926. «Coleccion Labor».

forma rectangular, são sempre baixas e quasi sempre estreitas, de madeira tosca com uma pintura desbotada e grosseira, que raramente é renovada, e também algumas vezes desprovidas de pintura; fecham com uma chave vulgar e não oferecem segurança. Não se encontram batentes, campainhas ou quaisquer outros objectos sonoros. Basta a voz para lançar o apelo.



Escala. . . . $\frac{1}{200}$

Fig. 2 — Andar superior duma casa de Arcozelo

Uma fenda nas telhas de fabrico nacional, abundante na região, substitui a chaminé, mas, quando se cozinham as refeições, como a tiragem do fumo é deficiente, quasi todo o telhado fumeja, numa nuvem esbranquiçada que se escapa pelas junções imper-

feitas. Algumas casas têm uma abertura rectangular, que desempenha as funções de chaminé, coberta por um pequeno abrigo de duas vertentes (fig. 3). O telhado consta ordinariamente de três vertentes. Não há goteiras. A água da chuva escorre pelas vertentes do telhado, pingando copiosamente dos beirais.

Os tectos, que, nas casas recentes, se apresentam caiados ou até com as traves descobertas, aparecem, nas mais antigas, for-

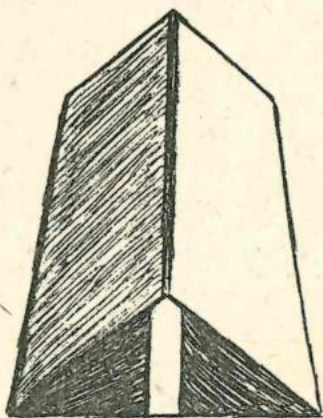


Fig. 3

Chaminé constituída por uma abertura no telhado, coberta por duas vertentes de telha.

rados de madeira e mais altos no centro. O soalho é substituído, no rez-do-chão, pelo próprio solo calcado. O granito é o material empregado nas construções. A decoração, considerada supérflua, reduz-se ao mínimo. Em cada quarto, cujas dimensões nunca são amplas e cujo número é quasi sempre insuficiente, podem dormir muitas pessoas.

A cozinha representa o principal aposento, onde se preparam os alimentos, onde se come e se recebem os visitantes com a rude franqueza da hospitalidade local. Costuma ser à beira do caminho e conserva, durante o dia, a porta sempre aberta, correspondendo verdadeiramente a uma sala de entrada (fig. 4).

A escolha da situação da casa não obedece a nenhum objectivo (fig. 5; est. III, 2, e est. IV, 1), sujeitando-se às condições, mesmo insalubres que sejam, duma população pobre.

A luz nocturna é fornecida por candeias de azeite ou gazómetros de acetilena. Os incêndios não estão previstos e, quando se ocasionam, tornam-se devastadores.

A limpeza da casa, desleixada em absoluto, representa um luxo quasi desconhecido. Obtêm a água em nascentes naturais aproveitadas, nas noras onde é tirada com auxílio dos bois e em

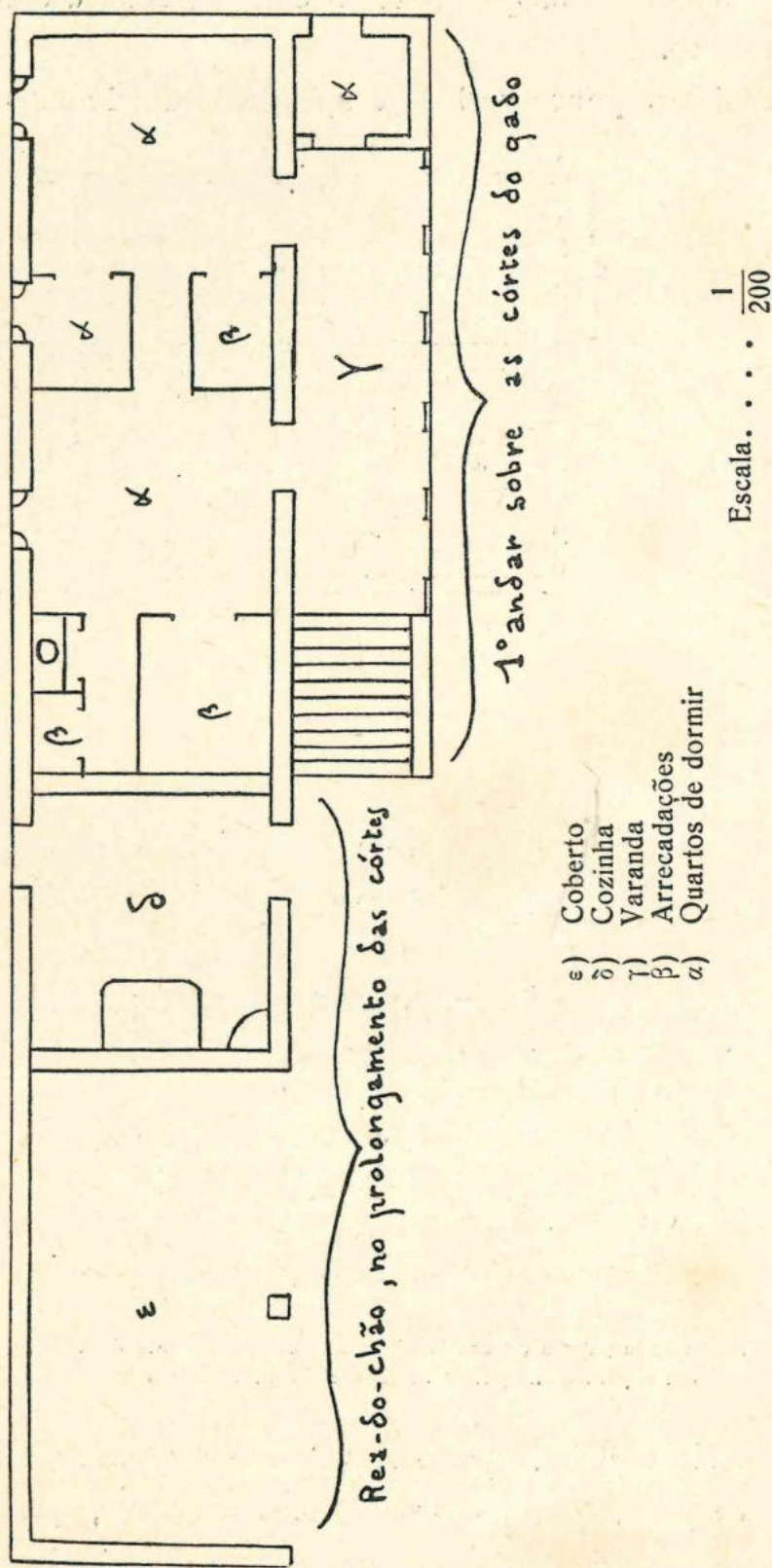


Fig. 4 — Casa de Arcozelo

poços, onde um balde suspenso numa corrente sobe e desce por meio dum sarilho.

O mobiliário é pouco variado e apenas destinado a satisfazer

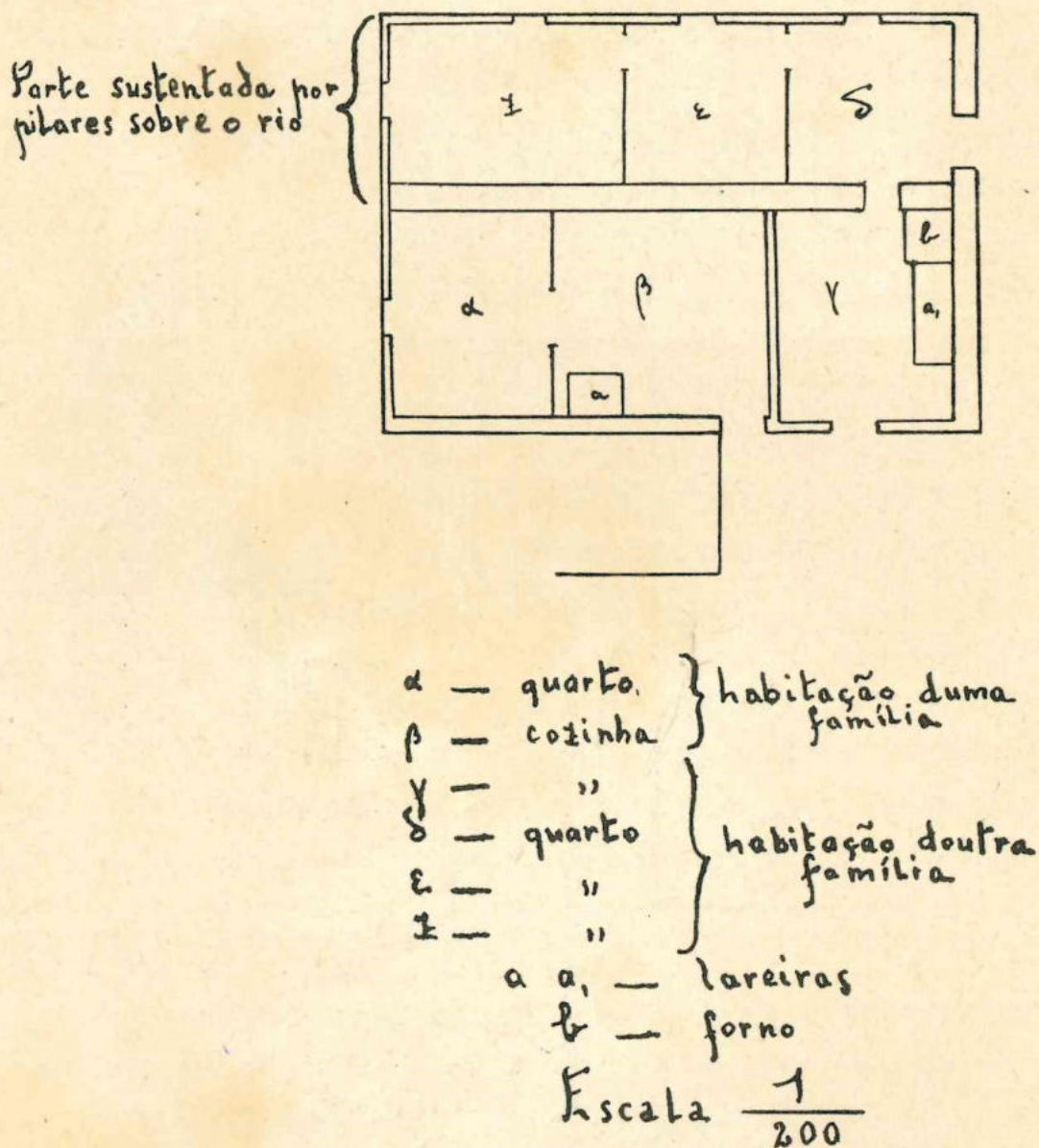
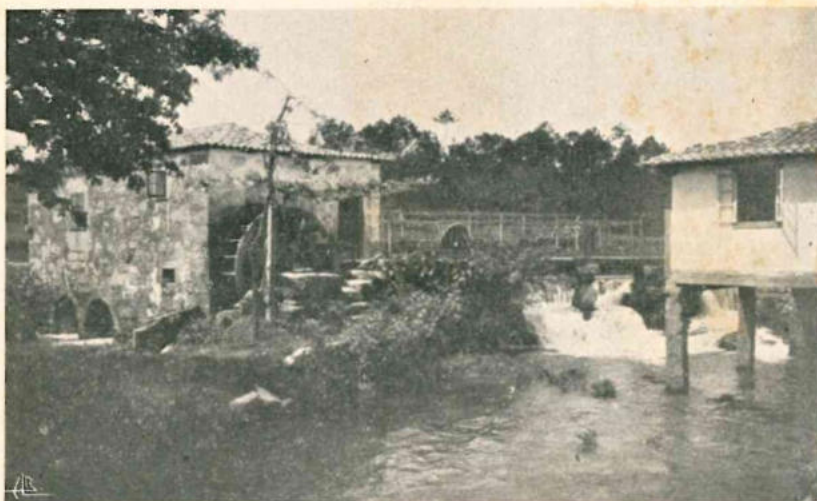


Fig. 5 — Planta duma palafita construída sobre um pequeno afluente do Cávado, que separa as freguesias de Arcozelo e S. Veríssimo

o necessário. Na cozinha, além dos vulgares e grosseiros utensílios característicos, o uso corrente consagrou três, que constituem a baixela culinária da região e que são: a *chocolateira* (fig. 6), onde aquecem a água destinada aos cozinhados, a *caçõila* (fig. 7),



1 — Situação da palafita em S. Veríssimo, em frente ao moinho de Arcozelo



2 — Vindimas

onde fazem o arroz ou o ensopado nos dias em que se permitem o prazer de tais iguarias, e o *pote* (fig. 8), onde diariamente pre-

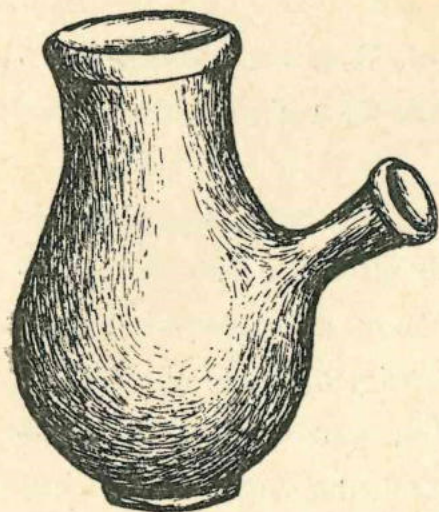


Fig. 6 — Chocolateira

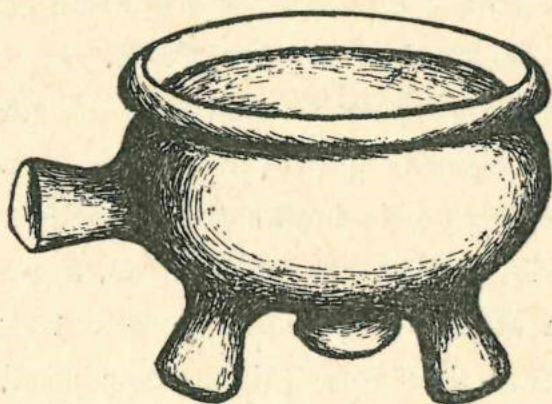


Fig. 7 — Caçoila

param a sopa e a que chamam, por corrupção de *trempe*, *têmpera*. Estas vasilhas de barro e de indústria barcelense, adoptadas para cozinhar na lareira — o único fogão conhecido — têm três pernas na base.

Arcas, que também denominam *caixões*, cómodas, mezas, bancos, cadeiras, camas, algumas das quais armadas sobre bancos próprios, e o imprescindível oratório para receber o Senhor na festa da Páscoa constituem os móveis principais. Os *santos*, impressos ou esculpidos, realizam uma fealdade próxima da deformidade, que não abranda as crenças atrasadas e supersticiosas, ainda eivadas de idolatria, desta gente simples.



Fig. 8 — Pote ou trempe

A alimentação

A alimentação é extremamente frugal. Chega a parecer insuficiente e espanta ver a enorme capacidade de trabalho duma população tão mal alimentada.

Levantam-se quando o sol desponta e o sino paroquial anuncia a missa quotidiana, a que os mais devotos e menos sobrecarregados pela labuta rural não faltam. Depois entregam-se à dura lida agrária até às 9 horas, tomando, então, a primeira refeição. A segunda, aproximadamente ao meio dia, coincide com as badaladas do sino regulador da vida aldeã, sino que eleva os espíritos à religiosidade das preces e convoca os camponeses a uma incompleta satisfação do apetite. Quando principia o crepúsculo vespertino, espalha-se dos telhados um ténue fumo tranqüilo. É a lareira acesa a preparar a ceia que, ao toque das Trindades, reúne os membros da família e os moços de lavoura numa fraterna igualdade, à volta da mesma mesa. Nas duas refeições anteriores, dispersos pela tarefa agrícola, nem sempre comem simultaneamente. Todo o alimento, a qualquer das refeições, consiste vulgarmente em caldo de couves, de feijão e de batatas, com pão de milho. Às vezes, nas épocas mais prósperas, acrescentam-lhe umas sardinhas, algumas batatas ou um pouco de arroz e, nos dias solenes, comem bacalhau que reputam uma esplêndida iguaria — dignos representantes dum povo que descobriu a Terra Nova dos Bacalhaus. Criam galinhas, mas preferem vendê-las a matá-las, excepto quando vão a longínquas romarias, levando merenda. Também os ovos constituem apenas objecto de negócio, a não ser que alguma doença os exija, não só na alimentação como ainda na preparação das receitas regionais. O porco é privilégio dos já considerados abastados e é sintoma de vida folgada. Quási todos os cultivadores possuem bois para lavrar as terras, mas, por eco-

nomia, não bebem o leite. Contudo, um dos grandes acepipes dos dias festivos é leite cru com *borôa migada*, açúcar e canela. Costumam deitar fora a nata.

O vinho é altamente apreciado e não escasseiam, nas tendas, os beberões. As crianças, que, desde muito cedo, ingerem os mais indigestos alimentos, com meses apenas já o saboreiam.

Fiz notar, uma vez, a uma aldeã a magreza da filha e obtive esta explicação:

— «É delgadita, é. *Tamém* sempre foi muito *exquesita* nos comêres. Nem gosta de *binho*, que é uma coisa *incribele*! Olhe que, cum dez meses, cando lhe *chegaba* à bôca um copo cum *binho*, fugia cum a cara e *empurraba* cum as mãos. Era mesmo *admirábele*!»

Numa mesa festiva, o lugar de honra está situado à cabeceira e, como tal, oferecem-no ao convidado mais importante, sentando-se o dono da casa à direita daquele.

No fim das grandes esfolhadas, antes de se entregarem ao ritmo saltitante das danças, comem sardinhas e fatias de pão de milho, acompanhadas por êsse vinho verde tão saboreado, que é a ambicionada alegria das suas predilecções gastronómicas. Dir-se-ia que conhecem o significativo diálogo:

L'ivrogne:

Me pardonneras-tu, Prophète de l'eau vive,
De n'avoir pas aimé de façon exclusive
L'eau pure que ton Père à boire nous donna?

Jésus, souriant:

Je l'ai changée en vin aux noces de Cana (1).
.....

(1) Edmond Rostand, *Samaritaine*.

O vestuário

O trajo barcelense tem perdido as características regionais. Geralmente pobre, roto e sujo, predominando as côres escuras, é muito descuidado e sujeita-se à ausência da noção de limpeza. Só os pés merecem as honras duma lavagem diária, pelo menos no verão. O pescoço e a cara apenas aos domingos e dias santos gozam o benéfico contacto da água e também nesses dias os camponeses se catam e penteiam, porque o descanso lhes proporciona ensejo.

A despeito do abastardamento do vestuário, que talvez a cidade, onde vão semanalmente à feira, modifica, reduzindo-o ao uso vulgar da saia, blusa e lenço, consegui averiguar, com o regozijo de quem faz uma descoberta capaz de alterar a marcha dos acontecimentos, o trajo que foi vulgar na região barcelense durante a mocidade das cincoentonas actuais, trajo ainda hoje usado por algumas mulheres conservadoras e ainda relativamente espalhado, mesmo entre raparigas, nas freguesias mais afastadas da cidade, regiões onde a acção transformadora da Civilização não penetrou.

No seu conjunto, podemos considerar a camisa, o *colete de rabos*, a saia com barras, o avental de riscas, dois lenços, chinelas e, no inverno, uns casacos curtos, típicos e decorativos.

A camisa é quasi sempre feita de dois tecidos—linho fino até à cinta, onde uma costura indica o comêço da *fralda* (é o termo *técnico* que elas empregam) feita de linho mais grosseiro. A fig. 9, que desenhei, tem, numa altura de 1^m,07, 0^m,47 de bom linho e 0^m,60 de linho *cheio*, isto é, ordinário. A obra é tôda realizada à mão pelas próprias possuidoras, algumas vezes bordada—trabalho executado com uma tal perfeição que me fêz evocar os tempos infinitos que as meninas educadas em colégios perdem a

aprender bordados complicados, cujo acabamento nem sempre se equipara ao destas simples camponesas, e me lembrou uma observação análoga de Ramalho que também verbera «*essas prendas de mãos com que nos colégios se atrofia a inteligência e se perverte a imaginação das meninas de estimação, ensinando-lhes ao mesmo tempo como se abastarda o trabalho e como se deshonra a arte*» ⁽¹⁾.



Fig. 9 — Camisa de mulher barcelense

Nas camisas excessivamente compridas, a fralda serve simultaneamente de saia, embora não dispense outras. As golas encobrem o pescoço, podendo ser guarnecidas a renda (fig. 10) ou bordadas a branco (fig. 11). Os franzidos são executados duma maneira característica, tão graciosa e cuidada que servem de ornamento na ombreira (figs. 12 e 13) e nos punhos (fig. 14).

O *colete de rabos* é típico. De tecido preto, largamente decorado, com cavas amplas, muito mais curto do que a cinta, tem quatro *rabos* que se prendem nesta, sob a cintura da saia, deixando enfolar a camisa nos intervalos dos *rabos*, entre a cintura e o extremo inferior do colete. Êste, aberto na frente, aperta com

(1) Ramalho Ortigão, *As Farpas*, vol. 1.

um cordão feito de fios de várias côres, entrançados, tendo numa extremidade uma borla, que, nas figs. 10 e 15, era amarela e côr de rosa, e na outra uma agulheta de indústria caseira feita de del-



Fig. 10 — Camponesa de Barcelos, vestindo o colete de *rabos*

gado arame torcido. A borla prende no ilhó inferior e a ponta com agulheta dá uma laçada no cimo da abertura. Uma barra ornamental com guarnições e bordados de côres garridas (fig. 16) enfeita o colete que, ao centro das costas, na orla inferior, tem

soltas e pendentes, duas tiras do próprio tecido preto (fig. 15). Embora o colete seja bonito e muito original, uma barcelense não o usa a descoberto; traça-lhe por cima um lenço de ramagens vivas, análogo aos de Viana do Castelo. Também usam sempre um lenço na cabeça, mesmo dentro de casa, o que simplifica os cuidados de penteado.

As saias, geralmente pretas, são muito amplas. A da fig. 17 mede 3^m,67 de largura por 0^m,94 de altura. A barra

(fig. 18) de 0^m,29 consta de uma tira de veludo, duas guarnições de vidrilhos e duas pregas. Na beira, serve de fôrro, na parte interna, uma barra de flanela vermelha de 0^m,13. O tecido costuma ser pesado, mas as barras das saias diferem muito. A das figs. 10

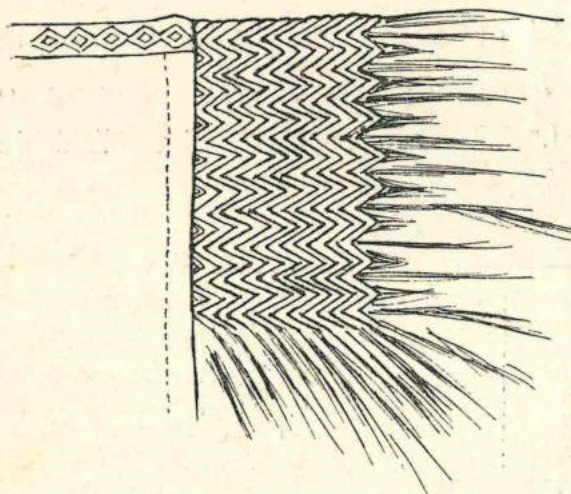


Fig. 12 — Franzido na ombreira da camisa representada na fig. 9

e 15 tem uma larga barra de veludo, ladeada por guarnições de setim de algodão, formando corações, e uma espinha de vidrilhos (fig. 19). Existem aventais pretos com fôlho, rendas e vidrilhos, e outros mais alegres e característicos de grosso tecido de lã às riscas. O da fig. 10 tem sôbre fundo preto riscas verdes e, com maiores intervalos, outras mais largas que alternam em verde e azul forte. Com 0^m,23 de altura, forma-se, tecida também no pano, uma barra de riscas verdes ainda mais juntas do que as da parte superior, tendo mais separadas outras alternadamente azues e verdes.



Fig. 11 — Gola duma camisa de camponesa, bordada pela própria. Pertence à fig. 9

Uma guarnição preta, descrevendo sucessivos ângulos agudos, em cujo vértice existem uns pequeninos remates azues e verdes, estabelece a separação entre a barra de riscas apertadas e o restante

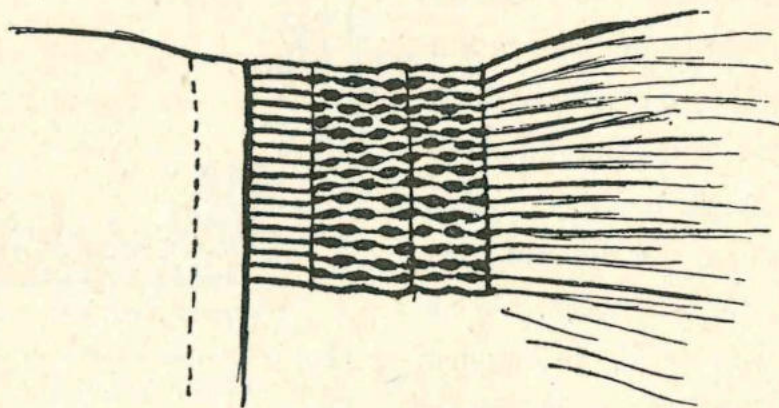


Fig. 13 — Franzido na ombreira da camisa representada na fig. 10

tecido de riscas mais afastadas. Próximo da beira, sobrepõe-se uma tira de veludo de $0^m,08$ de largura. Os aventais são relativamente curtos e bastante largos. O avental descrito é feito dum rectângulo de fazenda de $0^m,64$ de altura por $1^m,15$ de largura que, na cinta, por meio dum franzido de pequenas pregas muito certas e juntas, se reduz a $0^m,25$. O avental da fig. 17 é de

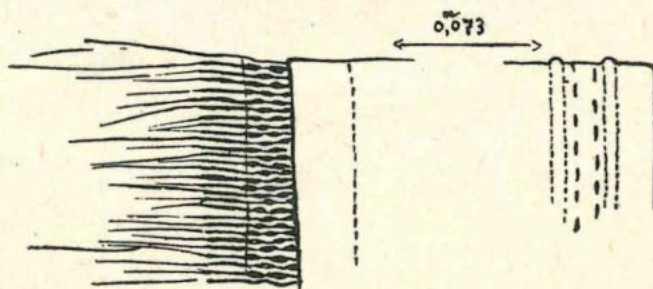


Fig. 14 — Punho da camisa representada na fig. 9

colorido mais intenso. Sobre fundo verde vivo destacam-se listas vermelhas. A barra de $0^m,23$ é constituída por três tiras de veludo de diferentes larguras ($0^m,085$, $0^m,045$ e $0^m,035$), sendo a do meio de veludo canelado. Entre as tiras de veludo, existem guarnições

pretas de setim de algodão, descrevendo corações — um dos enfeites mais divulgados. O avental mede apenas 0^m,58 de altura por 1^m,33 de largura que, no franzido da cinta, se reduz a 0^m,26. Os

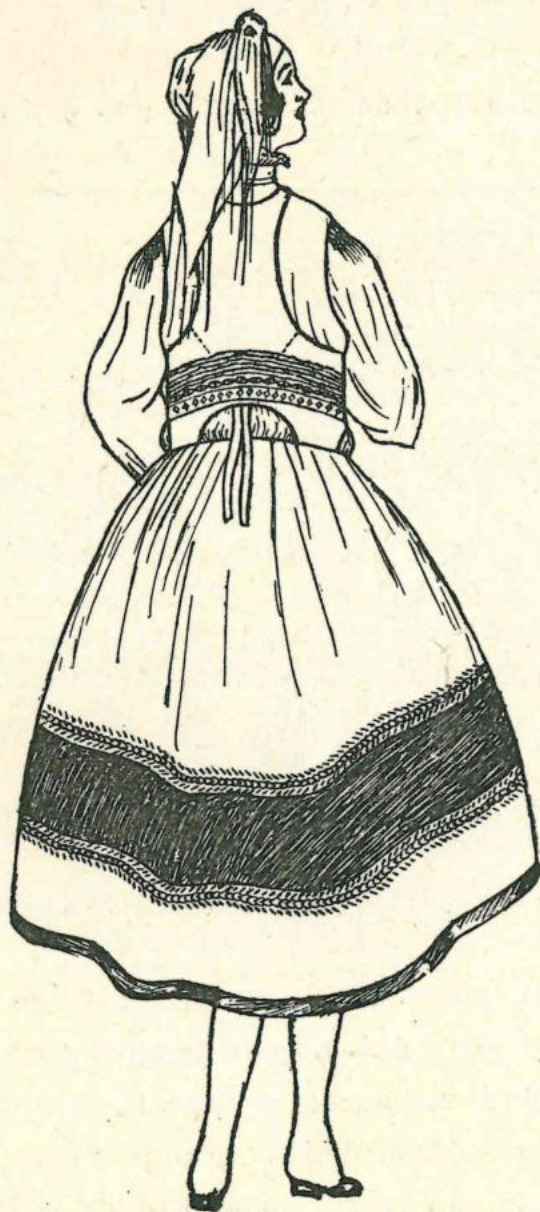


Fig. 15 — Camponesa de Barcelos com o colete de *rabos*.
Este desenho representa as costas da fig. 10

aventais, como as saias, são debruados, na extremidade inferior, a galão preto.

No inverno, as camponesas vestem, como agasalho, por cima

do colete e do lenço cruzado, uns curtos casacos, muito graciosos, com barras bordadas na frente, na beira e nas mangas — tanto o tecido como as guarnições inteiramente pretos. Na fig. 17 a barra é formada por uma guarnição de setim de algodão, ao centro, ladeada por vidrilhos e com uma tira, de cada lado, num tecido peludo, a que chamam *mârâbú* (fig. 20). Aperta com cinco

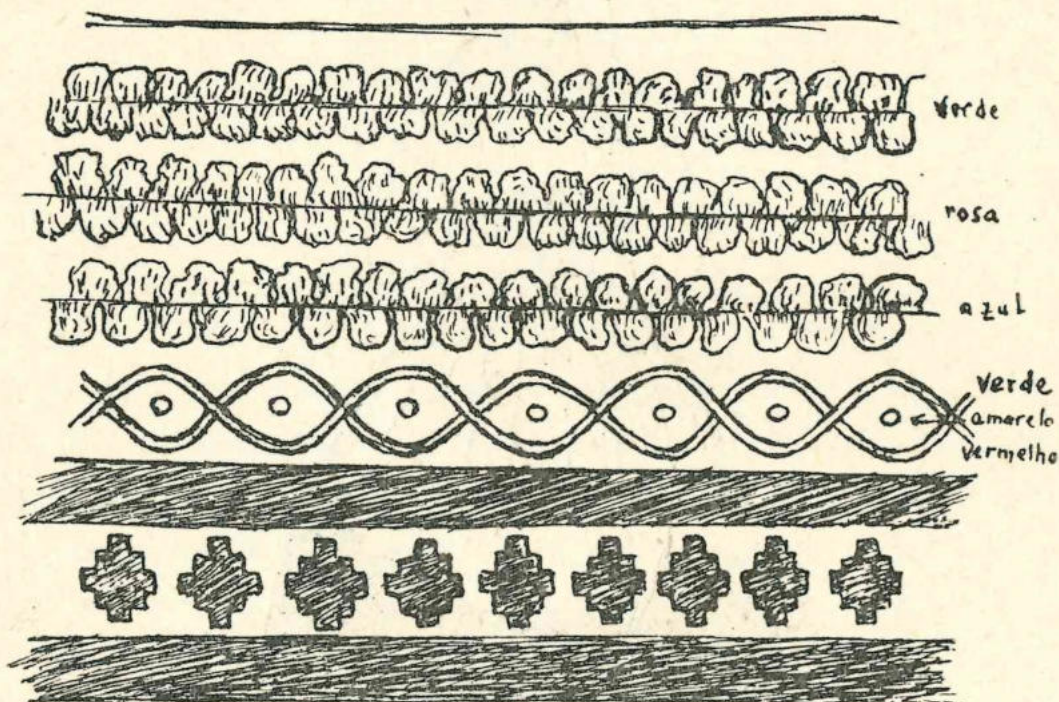


Fig. 16 — Barra do colete de rabos, desenhado nas figs. 10 e 15

botões pretos, de fantasia, e é debruado a galão junto ao pescoço e na abertura. O fôrro é de riscado de quadrados azues e brancos. O conjunto lembra vagamente o aspecto dum casaco russo. No modelo 21, a barra é constituída por dois enfeites laterais de setim de algodão, tendo, ao centro, uma tira de coraçõezinhos dêsse mesmo tecido e outra de vidrilhos pequenos (fig. 22). Neste casaco, em que o conjunto é menos elegante, mas em compensação mais rústico do que o anterior, os quatro botões destacam-se em prateado e o fôrro, para melhor aquecimento, é de flanela de algodão, de fantasia.

As barcelenses calçam chinelinhas de verniz preto ou castanho sem enfeites ou com um laço de fita de sêda entrançada, dando quatro laçadas sobrepostas para cada lado e duas pontas com agulhetas caídas para a frente (fig. 23).



Fig. 17 — Camponesa de Barcelos com o casaco de inverno

Êste traje não é, de facto, o mais vulgar, mas o mais característico, — infinitamente mais do que a saia preta de grande roda, mas lisa, o avental da mesma côr guarnecido a rendas ou folhos

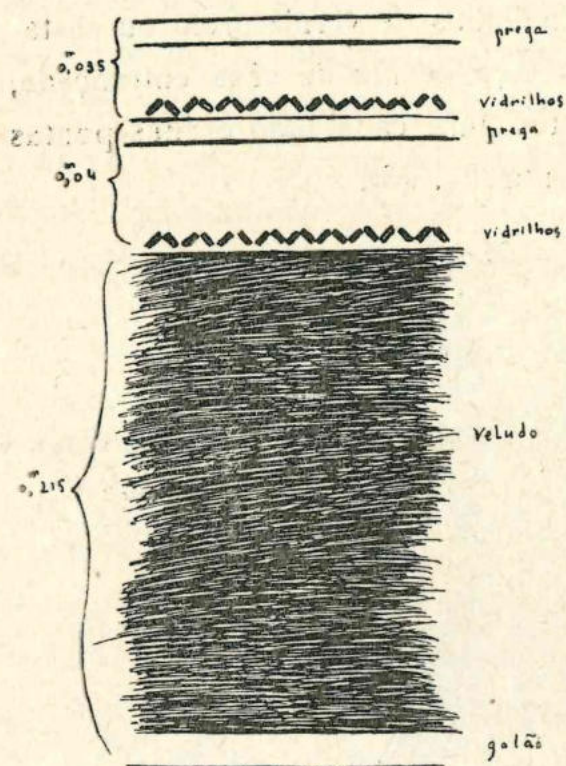


Fig. 18 — Barra da saia representada na fig. 17

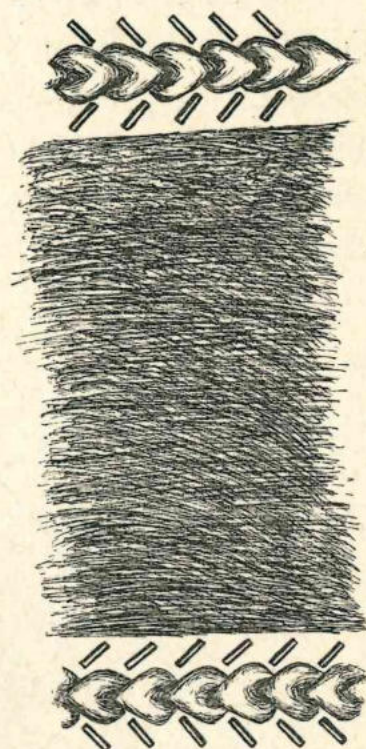


Fig. 19 — Barra da saia representada nas figs. 10 e 15

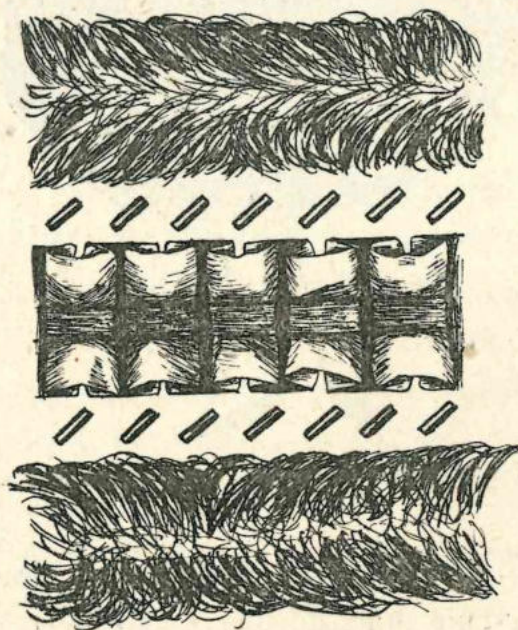


Fig. 20 — Barra do casaco representado na fig. 17

e o lenço de pontas pendentes, conjunto que se tem vulgarizado e que constitui a *toilette* de muita mulher endomingada, que assim renuncia inconscientemente ao gracioso vestuário regional.

Os adornos de ourivesaria traduzem a aspiração máxima da vaidade indígena e o seu uso não está na razão directa dos haveres individuais. Afirmava-me um alemão, depois de ter visitado a feira semanal:



Fig. 21 — Modelo de casaco de camponesa barcelense

— «Esta gente, que possui tantas joias, deve ser muito rica!»

A realidade corresponde exactamente ao contrário. Simplesmente as mulheres seduzidas pelos encantos *do metal que fortuna a tantos nega* convertem em ouro as economias penosamente auferidas.

Em dias santificados, as Filhas de Maria aparecem nas cerimónias religiosas com uma espécie de uniforme, consistindo em saia e blusa pretas, lenço branco e uma fita azul suspendendo ao pescoço uma medalha.

O vestuário da primeira Comunhão, muito comprido, saia engomada com profusos bordados e uma fita *vermelha* marcando a cintura exageradamente curta, é completado por uma rígida coroa de flores metálicas ou de laranjeira, poisada sôbre o véu, no alto da cabeça.

Como a religião é uma manifestação colectiva caracterizada-mente conservadora, os costumes que a ela se ligam escapam ao

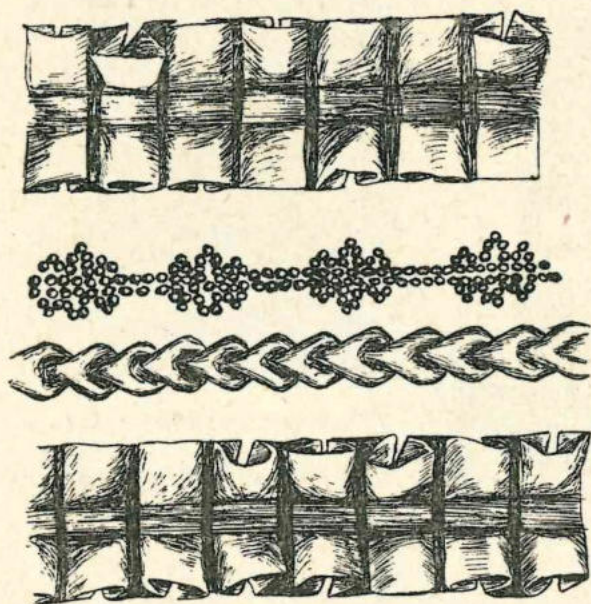


Fig. 22 — Barra do casaco desenhado na fig. 21

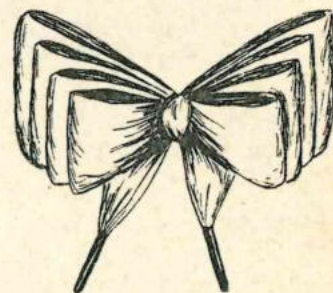


Fig. 23
Laço usado nas chinelinhas
barcelenses

impulso da civilização e raras excepções admitem, ao contrário do que sucede com a moda feminina, variável e caprichosa, mesmo na tranqüilidade campestre, tão adversa a inovações.

A Agricultura

Mantida em normas rudes e arcaicas, conservadas inalteráveis no decorrer dos séculos, repetidas aproximadamente tal como os romanos as ensinaram e Vergílio as descreve nas *Geórgicas*, a Agricultura é o elemento básico da vida regional. Como os latinos julgaram aprender de Ceres a cultura dos campos e os colonizadores romanos a insinuaram na Península, assim os lavrado-

res reproduzem anualmente os mesmos cuidados agrícolas, na prática ignorante dum velho hábito que não ousam interromper ou alterar.

*Prima Ceres ferro mortales vertere terram
Instituit...* (1)

Nesses trabalhos rurais, as mulheres desempenham funções preponderantes. Cortidas pela aspereza duma vida grosseira e difícil, vigorosas e activas, realizam os mesmos árduos e pesados trabalhos dos homens (est. IV, 2, e est. V, 1).

A terra é o manancial da abundância. Ela produz, durante todo o ano, o alimento indispensável à vida e os produtos que, vendidos, proporcionam os meios de prover a outras necessidades. A tarefa agrícola nunca cessa.

Antes do Natal, o centeio destinado a misturas de panificação, a aveia para os animais e o trigo do raro pão de luxo que se vende são semeados em carreiros, disposição a que os camponeses chamam *assocar*. Pela mesma época, semeiam *cebolo*, em alfobres, que elles denominam *marges* (margens). Procurando eu mais esclarecimentos àcerca desta cultura, disseram-me:

— «*Depois de margida, despranta-se a cebola, em Janeiro, cava-se terra que se põe muito lisa e bem ajeitada e pranta-se aos regos*».

Pedi uma definição de *margir* e explicaram-me:

— «*É arranjar uma terra da adição de uma mesa com uma beirinha por môr de não fugir a água*».

Também cultivam cenouras, alhos, tronchudas, *coivões* e nabos. As alfaces semeiam-se em qualquer época do ano, mas são mondadas e exigem muitos cuidados. A batata é abundante e representa um elemento importante da alimentação, assim como o milho, que fornece o pão quotidiano e é semeado em Abril e

(1) Vergílio, *Geórgicas*, livro I, verso 147. Paris, 1886.

Maio juntamente com o feijão, para serem colhidos em Setembro, época animada das esfolhadas. O feijão miúdo é arrancado com a própria planta e o graúdo colhido, vagem por vagem.

Os melões — que são afamados, especialmente os de Vilar de Frades —, as melancias e as abóboras destinadas às sopas e sustento dos animais, quando não são cultivadas entre os milharais, distribuem-nas em carreiros que, no vocabulário regional, tomam o nome de *galgueiras*, ou em covas, onde deitam as pevides. Se nascem muito densas, arrancam-nas *de onde a onde* para ficarem *regulares de palmo a palmo*.

O feijão verde designado por *feijão da atrepa*, também alinhado em *galgueiras*, sobe por estacas, como as ervilhas, a propósito das quais dizem:

Quem quiser bom ervilhal
É semear pelo Natal.
Quem melhor o quiser
É semear pelo S. Miguel.

Semeiam na lua nova, à excepção do *cebolinho* e das batatas, para os quais preferem a influência da *lua velha* (lua cheia).

Os adubos químicos, em que reconhecem vantagem, são por economia dispensados, considerando-se a *borralha* (cinza) o factor mais fertilizante de que dispõem. Exactamente como aconselhava Vergílio:

Ne saturare fimo pingui pudeat sola, neve
Effetos cinerem immundum jactare per agros..... (1)

A agricultura por processos modernos com a intervenção de máquinas fica reservada aos grandes proprietários civilizados que assim são em número limitado. E assim

..... Labor omnia Vicit
Improbis, et duris urgens in rebus egestas..... (2)

(1) Vergílio, *Geórgicas*, livro I, verso 80.

(2) Idem, idem, verso 145.



1 — Trabalho na eira



2 — Forno de telha



3 — Secagem de telhas ao sol

A Indústria ⁽¹⁾

As ocupações industriais têm pequena expansão, podendo mencionar-se a indústria do linho para consumo exclusivamente particular, a da telha, tão difundida, que abastece o concelho, e a importante indústria cerâmica principalmente das freguesias de Lamas, Pousa, S. Vicente de Areias, Oliveira e Galegos.

O barro, matéria prima da indústria cerâmica regional, acumulando as águas da chuva, encontra-se em terrenos acentuadamente húmidos, sendo extraído molhado, juntamente, por vezes, com grande quantidade de água, o que torna perigosa a sua extracção. Sucede, à medida que cavam e abrem galerias, que a água vai aumentando, o terreno é inconsistente e a *barreira* alui, soterrando os homens que não avaliam o perigo em que trabalham. Na freguesia de Manhente, um rapaz de 14 anos foi vítima dum acidente desta natureza.

Na região, o barro encontra-se a grande profundidade, aproximadamente a uns 50 metros abaixo da superfície. Embora se tenha concentrado no concelho este género de indústria, com um carácter próprio e grande desenvolvimento, o barro vem, na maioria, transportado em carros de bois, dum concelho vizinho. As qualidades do barro variam e com elas os objectos fabricados.

No barro vermelho, barro «ocre», cuja cor resulta da pirite que se encontra na sua composição, distinguem-se três qualidades, podendo uma destas ser obtida artificialmente por meio da melhor amassada juntamente com a peor. Das três qualidades de barro vermelho, a mais fina aplica-se a delicados e graciosos

(1) Dêste capítulo incompleto foi apresentada uma comunicação intitulada *L'industrie céramique de Barcelos* ao XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pre-histórica, realizado em Portugal, em 1930.

objectos, alguns dos quais infantis, que exportam principalmente para o Bom-Jesus; outra qualidade, que pode ser natural ou resultar da mistura de duas qualidades, destina-se à fabricação de alguidares, canecas, canos, vários utensílios de uso doméstico, etc.; e a mais grosseira, largamente espalhada, fornece a telha das habitações rurais. O barro branco, menos ferruginoso, que só uma elevada temperatura conseguiria còrar, existe em Manhente, freguesia de Barcelos. O melhor barro vermelho é proveniente de Prado, Cruto e Cabanelas, no pitoresco concelho de Vila Verde. Há um barro vermelho ordinário, proveniente de Manhente, Prado, Cabanelas e S. Vicente de Areias, que serve para as louças vulgares.

Para a fabricação de objectos domésticos dêste último barro, depois de extraído aos *solapos* ou *sacholadas*, como êles dizem, isto é, em quantidades arrancadas pelo sacho, acarretam-no, ainda molhado, em carros de bois para uma pequena eira redonda que chamam *calco*. Quando desejam melhorar a loiça, tornando-a mais resistente, abrem no meio dos *solapos* uma cova, onde deitam barro vermelho de primeira qualidade, numa proporção de um carro dêste para quatro de barro mais ordinário. Como o barro bom é misturado sêco, entornam-lhe água e, depois de amolecido, espalham-no com a sachola. Todavia, para a loiça grosseira, pode ser utilizado o barro puro, tal como se encontra em S. Vicente de Areias. Os bois conduzidos por homens amassam a mistura, executando sôbre ela caminhadas concêntricas. Os próprios pés dos homens colaboram nessa operação. Quando bem amassada, é deixada aos montes, em geral sob um *cobërto*, onde deve adquirir determinada consistência. Evidentemente, a parte exterior, exposta ao ar, endurece mais e em menos tempo. É então que o artista procede ao acto denominado *vergar barro*, que consiste em misturar pedaços da camada exterior mais forte a outros do núcleo, de maneira a obter, amassada à mão, a pasta conveniente. Um pe-

daço de barro assim preparado é colocado sôbre uma tábua circular giratória—roda do oleiro—, à qual se transmite o movimento por meio do pé que assenta numa alavanca inter-potente análoga à dos amoladores, e a mão do artista modela no barro, animado de movimento de rotação, as formas regulares de canecas, jarros, alguidares, pratos, etc. (fig. 24). Nalgumas rodas de oleiro, o movimento não é transmitido com uma alavanca, mas por uma roda maior, em cujo centro se fixa a extremidade inferior dum eixo que sustenta, no extremo superior, o centro da roda de oleiro (fig. 25). O pé do artista dá sucessivos impulsos na grande roda próxima do chão, a cujo plano está paralela, desta forma pondo conjuntamente em movimento a tábua circular e menor, sôbre a qual trabalha e que fica à altura duma mesa vulgar.

O forno construído com pedras sobrepostas tem na base uma grande fornalha, onde se atiza a fogueira, e, servindo de separação, uma divisória cheia de buracos, em cada um dos quais se colocam duas telhas semi-cilíndricas com a face convexa para o exterior, formando pequenas chaminés que impedem a acção directa das chamas nos objectos dispostos e arrumados entre elas. Os fornos mais vulgares cozem a loiça em 12 horas, os mais rápidos, que são raros, em 8 (destes só conheço o da fábrica do Macedo, em S. Vicente de Areias) e alguns muito vagarosos chegam a gastar 20 horas. A temperatura média para cozer a loiça é de cêrca de 800°, sendo fatigante êste trabalho, porque é necessário renovar constantemente o alimento do forno, introduzindo-lhe nova lenha. Nalguns fornos, existem dois andares: o primeiro para cozer vidrados e o segundo para as loiças.

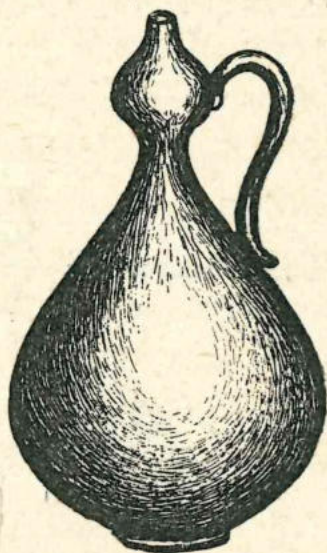


Fig. 24 — Vinagreira de barro vermelho, sem vidrado

A loiça que serve para cozinhar as frugais refeições aldeãs, como o *pote*, a *caçõila* e a *chocolateira*, isto é, peças destinadas a sofrer a acção do fogo, não é vidrada. O mesmo não sucede com os alguidares, canecas e pratos que não só são vidrados, mas até freqüentemente pintados com ornatos simples, numa decoração sumária que, por vezes, lembra motivos da cerâmica pre-histórica. As peças manufacturadas são expostas a secar e,

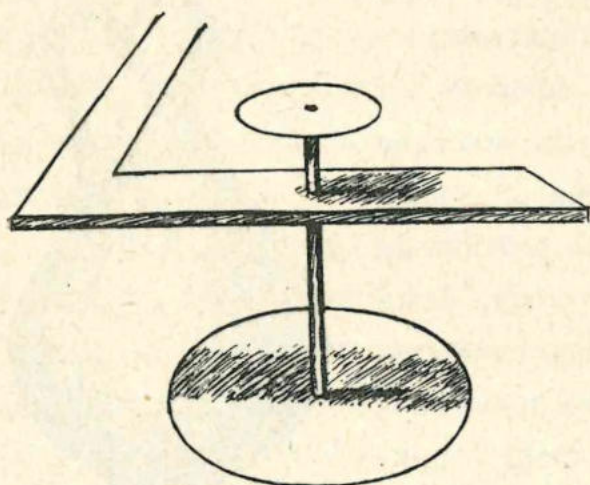


Fig. 25 — Roda de oleiro

antes de cozer no forno, levam pinturas traçadas com barro branco nos objectos de barro vermelho (os mais vulgares) ou com barro vermelho nos objectos de barro branco. Mulheres ou rapazes executam rapidamente, de memória, os costumados ornamentos, que resultam da variada combinação de

linhas curvas, rectas e sinuosas, traçadas com um pau ou uma pena, circunferências obtidas com a secção circular duma cana que molham no barro e depois imprimem como um carimbo no objecto, rudimentares enfeites vegetais cujas fôlhas são também pintadas com uma pena de ave, pintas maiores ou menores, conforme são feitas com a extremidade do indicador ou com a ponta duma haste. Esta pintura seca prontamente e é então que a loiça é cozida.

Para preparar o vidrado, os artífices esmagam num moínho galena de chumbo partida em pedacinhos, areia grossa e pequenos seixos. Desfazem em água a farinha assim obtida e, para o vidrado branco, diluem também um pouco de barro branco ou, para o vidrado vermelho, um bocado de barro vermelho. Contida

a solução num grande alguidar, nêles mergulham as peças, que tiram para fora sem se importar com as dedadas, pois estas desaparecem no forno sob a influência do calor, que derrete e espalha uniformemente o vidrado. A loiça, envolvida na solução, seca imediatamente depois de molhada, podendo logo cozer pela segunda vez, da mesma forma resguardada no forno por chaminés de telha. Quando se trata de loiça um pouco mais aperfeiçoada, que pretendem recobrir de vidrado colorido, as côres mais usadas são o verde e o preto ou o castanho escuro. Para conseguir o verde, adicionam ao líquido em que mergulham os objectos, limalha de cobre moída depois de queimada no fogo que a torna mais macia. O manganés serve para dar o tom preto ou acastanhado escuro, conforme a porção empregada. Se esta fôr muito reduzida, produz castanho claro, avermelhado. Dissolvendo no líquido ocre em pó, obtem-se vermelho côr de vinho. A mistura de ferro queimado dos ferreiros, depois de esmagado, dá ao barro branco uma tonalidade de amarelo canário e ao barro vermelho a côr de laranja.

Para a fabricação de peças mais delicadas, o barro mais fino, tanto o branco como o vermelho, requiere outros cuidados. Em vez de amassados por bois quando ainda molhados, os *solapos* de barro devem secar ao sol, pois, enquanto húmidos, são insolúveis. Depois, partidos em diminutos fragmentos, deixam-se derreter em água, dentro de alguidares ou tanques. Quando o barro se reduz a uma massa extremamente liquefeita, é passado para outro tanque por uma peneira fina, onde abandona as impurezas, a que chamam *petas*, que, se ficassem na massa, abririam buracos nas vasilhas fabricadas. Durante quatro ou cinco dias, deixam a massa em repouso, findos os quais o barro fica assente no fundo e a água, que se apresenta à superfície completamente limpa e transparente, é esvaziada cuidadosamente. Do barro depositado fazem uns bolos aproximadamente dum decímetro de diâmetro, que devem aumentar a consistência, expostos ao ar, sôbre telhas, ou até

aderidos às paredes de pedra nua das fábricas, cujo luxo architectónico não excede o das humildes casas regionais. Também o conservam em quantidades maiores, onde abrem furos em que entornam água para impedir o endurecimento rápido, pois quanto mais tempo o barro estiver sossegado tanto melhor se torna.

Os objectos mais cuidados, feitos de qualquer das duas melhores qualidades de barro — da branca ou da vermelha —, vão ao mesmo forno dos utensílios domésticos, mas, receando que as pequenas chaminés de telha sejam insuficientes para evitar queimaduras demasiado vivas, encerram-nos em grandes boiões de barro muito ordinário, mesmo amassado com areia, para que seja bastante poroso. Tapam estes e vedam a frincha com barro tão frágil que, no fim, basta tocar-lhe com uma pedra para que êle desagregue e deixe livre a abertura.

Para produzir objectos de barro negro, sem pintura nem vidrado, introduzem no boião de ir ao forno as mesmas peças de barro de primeira qualidade, entalando-as bem com serrim, fechando e vedando completamente o recipiente. Com a elevada temperatura do forno, o serrim arde e, como o fumo contido no boião não pode sair, infiltra-se na loiça, tornando-a perfeitamente negra.

O barro branco destina-se a estatuetas realizadas em moldes duplos e adaptáveis. Os próprios moldes são fabricados por artistas barcelenses. Com um pouco de barro estabelecem na figura que desejam reproduzir uma linha divisória por onde lhes parece que ficará mais conveniente a abertura das duas partes do molde, de maneira que a separação seja fácil e não haja saliências que as prendam. Envolvem a estatueta-moêlo em glicerina ou água e sabão para evitar a aderência e com gesso preparado em água adaptam a primeira metade, que seca imediatamente. O rebôrdo desta metade é também engordurado ou então sujo com barro sêco, em pó, para impedir que a segunda se lhe ligue, aprisionando

o modelo. Depois de sêcas, separam as duas partes, extraem-lhes o original e o molde fica apto a servir. Quando um modelo tem saliências, que os artífices chamam *enganches* e que podem prender qualquer das duas partes do molde, modelam êsses bocados mais complicados em pedaços soltos, adaptáveis ao molde, os *taceis*.

O género, o gosto e a perfeição das estatuetas variam infinitamente (figs. 26, 27 e 28). Umas são alvas e ingênuas,



Fig. 26 — Boneco de barro pintado de várias cores e podendo servir de paliteiro com os palitos espetados nos buracos do pescoço ou de brinquedo infantil porque tem um apito na base.



Fig. 27 — Ornamento de parede, de barro, pintado a amarelo, castanho e verde, e vidrado. O pintor destes objectos era uma criança de 7 ou 8 anos.

outras grosseiras e policròmicamente tingidas. Há meninos sorridentes e imbecis, músicos de banda regimental possuidores de marciais bigodes, meninas com chapéus arcaicos que a moda há muito proscreveu, N.^{as} Snr.^{as} de Fátima para tôdas as devoções, santos aleijados, defeituosos e horríveis, capazes de abalar a fé mais robusta, animais escapados à fossilização das eras geológicas ⁽¹⁾. Mas, nessa amálgama de mau gosto e variedade,

(1) Rocha Peixoto, *Olarias do Prado*, na «Portugalia», vol. I, pág. 226, 1899-1903. Estuda cerâmica análoga a esta, no concelho de Vila Verde, contíguo ao de Barcelos.

devem destacar-se *mascottes* razoavelmente graciosas, risonhas e irónicas, estatuetazinhas mais sòbriamente coloridas, cuja venda atinge o Pôrto, e a indústria de esculturas de homens célebres, principalmente em dimensões reduzidas. De barro branco, sem pintura ou bronzeadas, são vendidas para todo o País, em grandes quantidades: os Camões que se tornam inconfundíveis pela característica gola quinhentista, pelo ôlho direito fechado e pela clássica corôa de loiros, Eças elegantes de monóculo desdenhoso e acen-



Fig. 28 — Jarra pintada de várias côres

tuado prognatismo da maxila superior, Herculanos severos e carrancudos com a respectiva cicatriz no beijo, Joões de Deus de barba revôlta e abundante, Junqueiros desastradamente privados do adunco nariz semita. Há também figuras estrangeiras, cujos modelos introduzidos por algum elemento mais civilizado têm sido reproduzidos e imitados. Numa fábrica de S. Vicente de Areias, existem cinquenta e tantos modelos de celebridades musicais e literárias, de notabilidades da pintura e da estatuária e assim aparecem toscamente Mozart, Beethoven, Bach, Rousseau, Schiller e Gutemberg. Os artífices dêsses génios da humanidade são humildes e quási sempre inconscientes. Desconhecem o significado dos vultos que modelam. Entrei, um dia, numa das mais modestas fábricas em S.^a Maria de Galegos, onde um homem pincelava de tons vivos bonecos já fabricados. Pedi-lhe um busto de Camões. Encarou-me e, precisando o meu pedido, numa suprema ofensa da ignorância aos manes do grande épico:

— « Quere um *home* que é cego duma *bista* e tem uma *sirba* (silva) *atrabessada* na cabeça? »

Preguntei-lhe se também vendia o Napoleão e, vendo a indecisão do rústico industrial, procurei avivar-lhe as confusas ideias com os traços realistas dum retrato verbal que o levou a exclamar:

— «Napoleão?... já sei! É um que foi rei».

Para a fabricação da telha são necessários quatro instrumentos: o quadro (fig. 29), o braço humano, o cepo ou poidor (figs. 30 e 31) e o formal (fig. 32). O barro mais ordinário, ainda

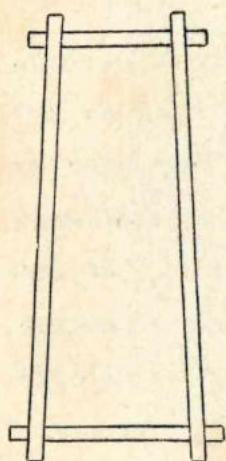


Fig. 29 — Quadro
para a fabricação
de telha

molhado, é amassado por bois no *calco*, onde recebe mais água. Depois do descanso preciso para a consistência, procedem ao corte das telhas. Colocam o *quadro* que lhes determina o tamanho, sobre a mesa de trabalho, onde têm também um alguidar com água. Polvilham de barro em pó o interior do *quadro* e estendem em cima o barro amassado. Com o *braço* também recoberto de barro em pó, para obstar à aderência, calcam a massa de maneira a que tome a altura e o tamanho do quadro



Fig. 30 — Cepo
ou poidor

e este lhe corte o rebôrdo. Molham na água do alguidar o *cepo* de madeira, que tem aproximadamente a forma e dimensões duma escova, mas que, em vez de pêlo, é recoberto por uma camada de cortiça, e passam esta cortiça molhada sobre a massa estendida no *quadro*, amaciando assim a superfície externa da telha. Em seguida, fazem deslizar o *quadro* até uma extremidade, onde se encontra o *formal*, e deixam cair sobre ele a telha, que se desprende facilmente por lhe faltar o apoio da

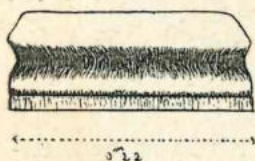


Fig. 31 — Cepo
ou poidor

superfície da mesa. Como o *formal* é móvel e tem um cabo para agarrar, transportam sobre ele a telha até uma vasta eira, onde fica exposta ao sol para endurecer e secar,



Fig. 32
Formal

antes de ser sujeita ao calor do forno (est. V, 2), que a há-de cozer durante cerca de 12 horas. Como as telhas têm uma extre-

midade mais estreita do que a outra e para a secagem são dispostas umas juntas das outras, em filas sucessivas, o seu conjunto forma no solo o aspecto de enormes leques (est. V, 3).

A indústria das telhas é a mais vulgarizada, pois a região não importa tal produto.

A construção das fábricas de loiça não obedece a nenhum plano fixo; são análogas às casas particulares, aproveitadas melhor ou peor, conforme as condições do proprietário, para as exigências do trabalho. A execução da modelagem é geralmente realizada numa sala, onde existem mesas para a arrumação dos modelos, vasilhas de água e montões de barro e onde se encontram as rodas de oleiro. Também são freqüentes as prateleiras para exposição dos objectos concluídos ou para secagem daqueles que, manufacturados, ainda devem ir ao forno. Por vezes, os operários trabalham ao ar livre, quasi sempre sob a protecção de *cobertos* e também aí aparecem as longas bancadas sobre as quais dispõem os objectos em que trabalham. O forno costuma ser independente da casa, o que se compreende, atendendo à alta temperatura que atinge, enquanto funciona. É tão activa a indústria cerâmica, principalmente nas regiões argilosas, que, numa pequena localidade, chegam a existir dezenas de fábricas em actividade simultânea.

A venda desta loiça não se limita a satisfazer o consumo regional, embora, na feira, ela ocupe uma larga área e tenha grande desenvolvimento. Estas peças de barro grosseiro também são enviadas para Braga, Viana do Castelo e até para o Pôrto. Barcelos é, portanto, um dos grandes centros da cerâmica nacional, embora bastante fruste, com poucas excepções.

Indústria menos importante, mas de notável utilidade doméstica, é a do linho ⁽¹⁾, sem carácter comercial, pois é unicamente des-

(1) Antero de Figueiredo, nas *Jornadas em Portugal*, faz uma descrição literária desta indústria. Pág. 109, 4.^a edição, 1921.



1 — Feira da loiça de barro



2 — Velha barcelense na feira

tinada às exigências do lar e intimamente ligada aos cuidados da lavoura.

Preparada convenientemente a terra, semeia-se o linho *galego* de Abril a Maio e o *mourisco* no S. Miguel. Pode semear-se juntamente o milho chamado da *linhariça*. O linho não é mondado, nem sachado, apenas regado. Quando, pela côr amarela, se verifica que está maduro, arranca-se e, para tirar a *baganha* — a semente que se abandona na eira —, *ripa-se* em *ripos* de pau com dentes e, atado aos molhos, é levado para o rio, onde fica sempre completamente mergulhado sete ou oito dias, porque a água é corrente. Se o não fôsse, seriam precisos nove a dez dias de imersão. Decorrido o prazo, tira-se da água e é estendido em carreiros, a secar ao sol. Para que se possa espadelar, depois de sêco, vai para um *engenho* que lhe tira a *aresta*, a qual é assim explicada por uma camponesa:

— O linho está por dentro da *hastre*. A *aresta* é o que *tem mão* no linho.

Dividido em *manadas*, é espadelado com *espadelas* e *espadeladoiros* em festas aldeãs, que rivalizam com as esfolhadas. Partidas as *manadas*, o linho separa-se da estopa num *sedeiro* de picos. Fica em *estrigas* que se fiam na roca tradicional. *Ensarilhado* em meadas, é batido no lavadouro e depois cozido. Finalmente, muito lavado e côrado até embranquecer, é dobrado e vai a urdir no tear.

O Comércio

As transacções comerciais concentram-se na feira semanal (est. VI, 1 e 2; est. VII, 1), realizada na cidade, feira que é das mais importantes do País. Todos os negócios se reservam para a quinta-feira, dia em que se acumula em Barcelos uma numerosa multidão vinda de distantes léguas, dos confins do concelho e mesmo de além, para o grande mercado, onde se vendem os mais diver-

sos produtos, os mais variados objectos. O meio de transporte usual é o carro de bois, ronceiro e primitivo. A população rural transforma-se em população mercantil e a animação, o movimento e o borbórinho denunciam uma fase dinâmica da sua vida passiva. Mas, quando do templo do Senhor da Cruz — a grande devoção barcelense — se dispersam as vibrações do sino, ao meio dia, chamando os fiéis à oração, elevando a Deus o pensamento ocupado pelos mesquinhos bens terrenos, na praça enorme, rumorosa, afadigada na agitação de gentes inumeráveis, na disputa comercial de interesses utilitários, o silêncio cai, o silêncio alastra, o silêncio impõe-se, respeitoso, profundo, absoluto. Todos os negócios se interrompem, tôdas as frases se suspendem, tôdas as vozes se calam, tôdas as atitudes se moderam numa quietação voluntária. Decorrem, no largo campo da feira, entre milhares de seres, momentos estáticos de acalmia, espantosos de fé reverente, de humildade religiosa e simples, completamente sincera.

Vida mental

A Linguagem (1)

A linguagem oral, gritante, sacudida, nasalada, de inflexões desagradáveis, pronúncia defeituosíssima, acompanhada de gestos bruscos, é uma deturpação grosseira do português clássico. Quasi todo o vocabulário se alterou e as palavras sofrem, na totalidade, uma rude entoação. A língua, muito deteriorada pela secular ignorância, não avançou na sua evolução e continua numa fase arcaica, mas existem deformações individuais e a estas acres-

(1) Dêste capítulo foi apresentada uma comunicação intitulada *Alguns aspectos da cultura popular de Barcelos* ao Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, realizado em Lisboa em 1932.



1 — Bois na feira com o jugo que é próprio da região



2 — Raparigas barcelenses guardadoras de gado

cem as colectivas e à linguagem comum juntam-se termos locais. Tão agreste instrumento de expressão não impede que os barcelenses sejam notavelmente verbosos, como é próprio de todos os que possuem tendência especial para discutir a vida alheia. Com efeito, o espírito inculto não lhes permitindo ingressão em assuntos de mais alevantado interesse e de mais nobres intenções, o alimento da sua conversa encontra-se nas ocupações do próximo, cuja existência é esmiuçada curiosamente e alterada sem escrúpulo. Realizados os ritos litúrgicos, o adro de qualquer igrejinha inocente corresponde, na ociosidade dos dias santificados, a uma reunião de má-língua, pois apertam-se ali os grupos maldizentes, perpassam olhares oblíquos e sonsos, deslizam, murmuradas, frases pejorativas.

Há no vocabulário barcelense muitos provincianismos típicos de que reuni alguns exemplares:

Acipreste, cipreste.

Adição, tamanho.

Alembrrar, lembrar.

Andarilho, automóvel.

Andar com a bôca aberta, cantar.

Aclipse, eucalipto.

Alfácea, alface.

Aquisto, isto.

Assombrar, ensombrar.

Arbre, árvore.

Assubir, subir.

Bailes velhos, questões, altercações
— **Fazer bailes velhos**, questionar, alterar.

Barregaria, gritaria — **Assentar numa barregaria**, começar a gritar.

Boniteza, beleza.

Blusea, blusa (1).

Brazebú, Belzebuth.

Botar, deitar.

Bolorio, importância — **Ter bolorio**, ter importância.

Bórete, volte.

Campo, fundo — **Lenço de campo marelo**, lenço de fundo amarelo.

Canto, quanto.

Catrapasma, cataplasma.

Circunstâncias, hábitos — **Pôr nessas circunstâncias**, pôr nesses hábitos.

Cobêrto, alpendre.

Comêres, alimentos.

Como quere, de qualquer maneira — **Fazer como quere**, fazer de qualquer maneira.

Consante, conforme.

Consemilhar, expulsar.

Dar préstimo, apreciar, dar valor.

Dar agradecimento, apreciar, dar valor.

Desabeirar, desistir (dum pedido, duma intenção).

(1) Aparecem, no vocabulário, neologismos alterados pela ignorância popular.

Desengalhar, desprender.
Depois, depois.
Direito, direcção — **Ao direito de**,
 em direcção a.
Empecer, estorvar.
Encangrejar, paralisar.
Enchêde, enchei.
Engalhar, prender.
Ensaio, mania — **Está com aquele**
ensaio, está com aquela mania.
Escalete, esqueleto.
Escurpar, desculpar.
Espertelho, espertalhão.
Estávenos, estávamos.
Estraclejar, dansar.
Estrampalhar, espalhar.
Estrepassar, passar rapidamente.
Era, data.
Fazer ajuntamento, convidar gente
 para uma festa.
Fero, forte, saudável.
Flato, desmaio.
Fraco, ordinário.
Ganoneiro, meigo.
Hastre, haste.
Herdança, herança.
Imenso, eterno — **Ele não é imenso**,
 êle não é eterno.
Implamado, doente.
Indas, ainda.
Inzitado, agitado.
Inzeminção, exame.
Lograr, obter.
Lumioso, luminoso.
Luzea, luz.
Maiofa, balofa.
Marcela, macela.
Marelo, amarelo.
Marge, alfobre.
Medurento, medroso.
Meigueiro, meigo, sensível.
Migalho, bocado.
Mussiço, massiço.
Namorativo, namorador.

Olatório, oratório.
Ondea, onda.
O tais, o tal.
Ousio, ousadia (sobrevivência duma
 expressão medieval).
Pagar a pena, valer a pena.
Peão, esteio de pedra.
P. G. (pê gê), paga já — **Aquilo foi**
p. g., aquilo foi pago imediatamente.
Pelingração, peregrinação.
Pequerrico, pequenino.
Pojeira, pó.
Por môr, por causa.
Pranta, planta.
Rudo, estúpido — **Ser rudo**, ser es-
 túpido.
Rêde, costume — **Ficar na rêde**, ter
 costume.
Responsar, resmungar.
Selapismo, sinapismo.
Sirba, silva.
Sórda, cola.
Sota, mau, malvado, patife.
S. Tocrate, S. Torcato.
Tamem, também.
Têmpera, trempe.
Ter maré, ter ocasião (locução em
 que revivem tradições navegado-
 ras).
Ter memória, ter habilidade, inteli-
 gência.
Ter parança, parar, sossegar.
Todolos, todos (como aparece nos
 documentos medievais).
Topar-se, sentir-se — **Topo-me mal**,
 sinto-me mal.
Trinchuda, tronchuda.
Trocer, torcer.
Truvo, turvo.
Um filho de namoro, um filho ile-
 gítimo.
Uma comparação de, pouco mais
 ou menos.
Úrtemo, último.

Valer, ter utilidade, servir.

Varredoiro, vassoira de varrer o forno.

Verdura, hortalíça.

Vêspêra, teimosa — **Ser de vêspêra**, ser teimosa.

Vidraça, janelã.

E uma coisa e outra, etc.

Termos há cujo sentido se altera nesta região. Assim, por exemplo, nunca se deve chamar *desgraçada* a uma mulher, o que seria ofendê-la, porque tal adjectivo lhe atribuiria um comportamento de veras repreensível. Para a lamentar, podemos dizer-lhe que é *miserável* — a melhor maneira de exprimir-lhe os nossos compadecidos sentimentos. O termo *namorar* é substituído por *conversar*, porque o primeiro assume também um significado obnoxio.

Na linguagem escrita a verbosidade é bem menor, visto que poucos são os ditosos que penetram os mistérios alfabéticos. No sexo feminino o analfabetismo é quasi geral. Os escassos eruditos no manejo da pena usam-na em saudosas missivas aos ausentes emigrados ou em desabafos de epistolografia amorosa. Consegui obter um exemplar dêstes, redigido por um môço camponês do Lugar da Ponte, em Arcozelo. Nesta carta a redacção é transcrita textualmente, embora a ortografia e pontuação não respeitem o original:

« Minha querida nunca esquecida.

Bem de longe estendo a mão para te cumprimentar, mas é-me impossível, eu, de tão longe, não chegar com a minha mão à tua beira, mas, como eu não posso estar contigo, logo é este o caso por que te escrevo esta carta — porque queria saber do meu Amor. Disseram-me que ias terça-feira para o Pôrto. Peço que, se não estivermos os dois juntos a falar antes de terça-feira, se tu fores para o Pôrto, pedia-te que me escrevesse, logo que lá chegasses, e me mandasses a direcção, que é para eu imediatamente te responder à tua carta, que, como sabes, o meu coração está suspirando ais por ti. Com isto não te esqueças de mim que eu também me não esqueço de ti.

O meu coração é um anjo,
Retrato da Primavera.
Só queria adivinhar
O teu sentido qual era.

Vai, carta feliz, vai, carta,
Por êsse mundo além.
Que eu fico cá chorando
Por não poder ir também.

Vai, carta feliz, vai, carta,
Que lindos olhos vais ver.
Dá um abraço a quem te abrir
E um beijo a quem te ler. (1)

Muitos abraços e beijos que só nós havemos de decifrar ».

Desde a primeira frase "*Bem de longe estendo a mão para te cumprimentar*„ até à última "*muitos abraços e beijos que só nós havemos de decifrar*„, a exposição possui uma originalidade simples e ingénua, uma maneira de exprimir muito portuguesa e de sabor arcaico. Sente-se um lirismo profundo no estilo imperfeito, lirismo que dita a invocação "*Minha querida nunca esquecida*„ e que se resume na afectuosa explicação "*logo é êste o caso por que te escrevo esta carta — porque queria saber do meu Amor*„. A composição traduz uma sentimentalidade carinhosa que lembra a dos trovadores medievais ou os nossos bucólicos quinhentistas e que se condensa na frase: "*como sabes o meu coração está suspirando ais por ti*„. Os rústicos epistológrafos, afastados da Civilização, revivem a Idade Média pelo seu espontâneo romantismo.

A epigrafia religiosa, defeituosa e grosseira, oferece outros exemplos de escrita regional.

Em S. Veríssimo de Tamel, à margem dum caminho, numas

(1) A rapariga a quem esta carta foi dirigida não sabia ler e pediu a um rapaz que lha lêsse... No original, os versos, escritos seguidos, tinham a disposição da prosa.

alminhas, cuja construção data de 1790, onde um Cristo crucificado procura despertar devotos pensamentos nos raros transeuntes que o contemplam, existe uma inscrição:

OTUQUE	
UASCAMINHANDO	
DETIMESMOESQUESI	
DOREPARAAPELICAOSSEN	
TIDOUERASCANTOESTOU	
PENANDO ^O LEMBRATEDE	
MINAGORA ^A QUEUDETINU	
NCAMESQUESOOUME	
REZA O U M E D A E S M	
OLAQUEUSEMPREADS	
PORTI	PESO
17	90

« O tu que vas caminhando
De ti mesmo esquesido
Repara apêlica o sentido
Verás canto estou penando.

Lembrete de min agora
Queu de ti nunca mesqueso
Ou me reza ou me da esmola
Queu sempre a DS (Deus) por ti peso.

1790 »

Na fachada da solitária e pobre capelinha da Sr.^a da Portela, com data de 1691, em S. Fins, à direita da porta, uma rude inscrição, que piedade tocante e ingénua lavrou, pede uma oração pela alma que, renunciando ao mundo, procurou abrigo naquele isolamento:

P O R A M O R D
D S H N A A V E M A
P I L O P R O H I R M I
I A O D S T A H I R M I D A

« Por amor de DS (Deus) hna Ave Ma pilo pro hirmida^o desta hirmida ». —
« Por amor de Deus uma Avé Maria pelo primeiro ermitão desta ermida ».

A bibliografia, dada a circunstância das dilatadas proporções que o analfabetismo atinge e da espessa ignorância que obscurece os cérebros, reduz a sua insignificância a um mínimo inconcebível. Além das *Folhinhas* — repertórios baratos que esclarecem acerca do tempo provável com provável falibilidade — e de algum raro *Lunário Perpétuo* divulgador de ciência avariada, apenas alguns livros religiosos com incríveis e imaginosas histórias, em que os tormentos infernais expandem um terror dantesco, consolidam as resistentes muralhas que apertam e atrofiam o raciocínio. A Bíblia, embora não seja lida, tem para a população o seu significado etimológico; é o livro por excelência, o repositório de toda a ciência humana, a origem de todos os conhecimentos, o que os faz dizer admirativamente diante daqueles, cuja cultura os impressiona:

— «Aquele já leu na Escritura Sagrada e, por isso, é que conta tantas coisas!»

A Ciência Popular

GEOGRAFIA (1) — Sem bases que lhes permitam observar os problemas da Natureza, subordinadas a um sentimento religioso muito próximo do fanatismo, a curiosidade científica das populações rurais de Barcelos é nula e nem chegam a formular opiniões racionais ou procurar compreender o imenso desconhecido que as rodeia.

Os fenómenos meteorológicos, como manifestações da onipotência divina, inspiram-lhes um terror supersticioso pelas suas possíveis conseqüências e um respeito aflito pelo poder de Deus.

É geral e assente, quando não actuam interferências eruditas,

(1) Este capítulo fez parte da comunicação intitulada *Aspects de la vie mentale des paysans de Barcelos*, apresentada ao Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pre-histórica, realizado em Paris, em 1931.

que a sucessão dos dias e das noites é produzida pelo andamento do Sol, tal como aparece ao conhecimento sensorial dos lavradores. Para êles o Sol nasce de facto na terra e "*põe-se no mar, onde se vê mesmo enterrar, mas, como o céu não tem fim, o Sol, que é a luz de Nosso Senhor, anda em circulação nêle*". É êste o conceito que lhes merece o astro principal do nosso sistema planetário.

Contaram-me que a Lua, em tempos, brilhou tanto como o Sol, mas êste, impellido pela inveja, agarrou em terra e atirou-lha, o que ocasionou as *coisas turvas* que ela conserva.

Julgam que o Sol e a Lua são redondos, o que não se verifica nas estrêlas, que são "*bicudas por causa dos raios*". Quando as estrêlas querem mudar-se, correm pelo céu. As que têm *rabinho e poucas vezes aparecem* anunciam guerra e até houve uma que antecedeu a Grande Guerra. Referem-se, com certeza, ao cometa de Halley.

Aos eclipses chamam *sinais do Sol e da Lua* e receiam-nos muito porque acreditam que êles podem provocar o fim do mundo.

As nuvens poisam sôbre o mar e, quando se levantam, veem cheias de água, e assim causam a chuva. Afirmam que também bebem nos ribeiros e que uma limpou um que deixou completamente sêco.

O arco-iris, indício da protecção de Nosso Senhor, mete-se nos rios e significa, enquanto aparecer, que o mundo ainda não acaba.

Conhecendo muitos barcelenses a zona da Ribeira Lima, a grandeza do rio para êles só comparável à do Cávado, que na linguagem rural se denomina Rio Grande, faz crer a alguns que entre êles existe ligação.

O manancial fertilizante das nascentes com que se familiarizam através da sua vida agrícola traduzem-no numa expressiva comparação, explicando que a terra tem veias como o corpo.

Quando no céu límpido e claro dum dia soalheiro surge uma nuvem escura e comprida — *estrato*, a que chamam *barrinha* — acima do horizonte marítimo, onde desce até desaparecer sôbre o mar, o facto é considerado prenúncio infalível de chuva, com tanta segurança que os camponeses tudo recolhem e abrigam imediatamente. Mas, se a nuvem levantar em vez de descer, o tempo continuará ameno.

A causa da trovoadas, temível mudança de tempo considerada como um grande castigo de Deus, é atribuída aos astros e contra ela tomam precauções, aconselhando que nunca se chegue a uma janela, quando troveja. À meia-noite do Natal assam as pinhas, *que Nosso Senhor vem abençoar* e de que, por hábito, comem os pinhões, guardando para todo o ano os *cascos* vazios. Quando troveja, acendem êsses *cascos* e põem-nos a fumar sôbre uma telha, no chão. Crêem que, nos lugares aonde chegar o fumo, não caem faíscas. Também, no Domingo de Ramos, levam a benzer, na Igreja, raminhos de oliveira que, guardados, preservam dos males da trovoadas. Há ainda umas ervas, a que chamam *bentas*, que, plantadas em excremento de boi, único produto em que se desenvolvem, e colocadas sôbre o telhado, são eficazes para aplacar a cólera divina, traduzida em descarga eléctrica. Existe, porém, a crença popular de que, na cidade de Barcelos e seus arredores, as trovoadas não são perigosas, porque o Senhor da Cruz é um protector seguro e fiel. Dizia-me uma velhota:

— Veem trovoadas de todos os lados, porque uma faísca nunca cai só. Caem muitas juntas de cada vez. Mas, assim que se chega ao direito do Senhor da Cruz, já não há perigo. Tôdas as trovoadas se *escangalham*. Que *m'alembre* nunca houve desastres nestes sítios.

Como às secas de estio se sucedem as trovoadas e chuvas do equinócio do outono, depois das quais as águas são abundan-

tes, os camponeses julgam que a trovoada faz tremer a terra e o estremecimento desta é causa do rebentar das águas.

A explicação científica dum prêgador, depois deturpada, deixou, em Arcozelo, a crença de que o número que se puder contar no intervalo de dois relâmpagos indica a quantos quilómetros *vem a trovoada*. Para as ocupações agrícolas costumam dizer os lavradores: «Lua nova trovoada, trinta dias é molhada». Também afirmam: «Lua de costas ao mar traz chuva».

Afigura-se-lhes inexplicável a origem dos ventos. Desconhecidos, na maioria, da definição do Lunário Perpétuo que explica que o «*vento é uma exalação a modo de bafo que sai das entranhas da terra*», alguns, confundindo o efeito com a causa, pensam já saber o lógico motivo:

—A gente *num bê* nada. O que faz aquilo são as *arbres* (árvores) a abanar umas co'as outras.

Os redomoínhos de vento são verdadeiramente temidos. Uma rapariga narrou-me:

—O vento anda de roda, de roda, até *troce*, até quebra macieiras. Traz coisa má. Não se pode dizer coisas ao redomoínho que êle leva a gente *engalhada*. Só se diz: «Cruzes! Cruzes! Vai para o mar coalhado!» porque, no meio do redomoínho, anda *o da carapucinha vermelha* (diabo).

Pelas referências dos emigrantes, conhecem a França, a Inglaterra, o Brasil, a América do Norte e a África e, de tão frequentemente ouvir falar de terras de Santa Cruz, localizam-nas em mais próximas paragens, pensando que a América do Norte, nossa fronteira de além-Atlântico, e as *Africas*, cujo extremo setentrional defronta a costa algarvia, se encontram mais afastadas do que o Brasil.

Não sei por que via civilizadora foi introduzida a noção de *ilha*, mas é facto que ela existe generalizada. Apertados num recanto da península, cujo litoral próximo tem sido avistado por

muitos, não só no noroeste espanhol, mas principalmente na costa ocidental, creem que o Oceano lhes abraça circularmente o território e afirmam convictos:

— Estamos numa ilha e o Brasil é outra.

O mistério marítimo perturba-os. Essas águas constantemente agitadas que avançam e retrogradam, que se avolumam e abatem, cujos limites se perdem no horizonte incerto que não assustou os nossos navegadores medievais, mas cuja grandeza os deslumbra, êsse mar enigmático, rumorejante e inquieto, onde se afoga o Sol, provoca-lhes funda admiração só equivalente à que consagram à abóbada celeste, embora ignorem a maravilha da gravitação universal:

— «O mar é infinito!» dizem.

— Isso não. Muito vasto, apenas.

— Sim, é verdade. Tem ilhas.

E, num espanto que nada consegue diminuir, há quem exclame:

— Aquela água sempre a ferver, a ferver... é mesmo o poder de Deus!

HISTÓRIA (1) — A História que passa e não deixa ao vulgo documentos palpáveis que o impressionem, nem oferece fenómenos visíveis do Passado que se escoou, a História que naufraga na sucessão de gerações incultas e que se apaga à passagem implacável das idades, a História menos concreta aos seus olhos que só veem o momento que passa, menos eloqüente aos seus sentidos que só apreendem a vida que os anima e o quadro em que vivem, não lhes cativa a atenção, não lhes propõe problemas.

(1) Êste capítulo fez parte da comunicação *Alguns aspectos da cultura popular de Barcelos* apresentada ao Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, realizado em Lisboa em 1932.

Diluiu-se na memória das gentes que esqueceram antecedentes e antecessores (1).

Aos habitantes ou colonizadores que lhes alicerçaram e firmaram o burgo e aos romanos que os civilizaram e lhes ensinaram o cultivo dos campos não rendem a gratidão duma ligeira referência.

Três factos se destacaram, porém, escapando à submersão total — o domínio árabe, a invasão francesa e a revolta da Maria da Fonte —, mas dos três é o primeiro o que avulta, o que sobressai e se impõe. De tantas invasões que vieram mestiçar a população autóctone, apenas dos mouros ficou uma recordação perdurável, apenas êles tracejaram o rasto da sua passagem na mentalidade dos nativos. Qualquer pedra patinada, envelhecida, desmantelada, qualquer ruína em que os anos gravaram a sua pesada soma tem, no aspecto de antigüidade, indubitável vestígio de origem sarracena. O castro lusitano existente em Roriz é, entre o povo, conhecido por Pedras dos Mouros e o monte, em cujo cimo se ergue, recebeu a designação vulgar de Monte dos Mouros. Em Santa Maria do Abade de Neiva, a vetusta igreja românica que deve datar do início da monarquia portuguesa é também atribuída aos mouros que creem representados nos modilhões que sustentam a cornija. Igualmente consideram árabe o velho Paço dos Duques de Barcelos e Bragança, cuja construção se deve ao oitavo conde, no século XV. Contaram-me que na quinta da Igreja, em Arcozelo, foram descobertas, há perto de meio século, ruínas tumulares, constando de grandes tijolos quadrados e

(1) As noções de História aqui expostas são independentes das *Considerações Históricas* que figuram na «Introdução» dêste trabalho e que fazem parte dos conhecimentos da população culta de Barcelos ou resultam da investigação nos arquivos. Neste ponto, apresento apenas conceitos populares, portanto de interesse etnográfico.

esfarelentos e de velhas pedras toscas *nem lavradas, nem picadas*, junto das quais apareceram talhas de barro tão antigo que se desfazia ao contacto, algumas guardando moedas, de que os escavadores se apoderaram. O achado, que pela sua normal aparência de antiguidade os chocou, foi atribuído sem hesitação aos mouros.

A maneira como o camponês barcelense narra as lendas referentes à invasão árabe, concluindo com a frase « *que isto não é do meu tempo, mas os velhos contam* », mostra bem que a noção cronológica se desfaz completamente. Pouco habituados a investigar o Passado, transportam os restos duma tradição que sobrevive há perto de doze séculos para os acontecimentos que foram familiares aos mais idosos conterrâneos que têm conhecido e parecem incluí-los entre os factos já deturpados pela sua ignorância, que do século passado lhes foram transmitidos. Os mouros, transformados pela vivacidade da sua imaginação quasi infantil — imaginação causada por crenças em que o sobrenatural é o principal atractivo — servem de base a histórias fantásticas, cuja veracidade tem para êles valor indiscutível.

A lenda da expulsão dos mouros ⁽¹⁾ chegou ao meu conhecimento em S. Veríssimo e em Roriz, o que prova a sua difusão através do concelho:

A moirama queria apoderar-se do reino, porque ambicionava muitas riquezas. Mesmo a ocupação, a que os mouros se entregavam, era o fabrico do oiro. Praticavam muitos desacatos e ninguém podia detê-los. Um dia, S. Tiago resolveu expulsá-los e não recorreu a nenhum expediente milagroso para conseguir êsse fim. Arranjou um rebanho de cabras, atou a cada um dos seus chifres

(1) Na «Revista Lusitana» há um artigo do Dr. Leite de Vasconcelos sobre esta lenda *Animais com luzes nos galhos*, 1911, vol. XIV, pág. 227.

uma tocha e, na escuridão nocturna, avançou contra os mouros com o seu luminoso exército de velas, qual Aníbal dispersando os romanos com mato incendiado nas hastes dos bois ⁽¹⁾. Em face do estranho e inexplicável espectáculo, a moirama, tomada de pavor, debandou, mas, no desvario da fuga, não podendo transportar as suas fartas riquezas e não desejando abandoná-las ao adversário desconhecido, *encantou-as*. Por lá ficaram e por lá devem existir, nas curvas dos montes, nas águas dos riachos ou nos lugares solitários. Ainda actualmente, naquelas aldeias, quando se avista um rebanho de cabras, os camponeses dizem:

— Lá vem a guerra dos mouros.

E a minha informadora de S. Veríssimo, já avançada em anos, uma activa velhinha que ainda exerce o mister de moleira, não se dispensou de terminar com a frase sacramental:

— Eu *num bi*. Isto são *cousas* que tenho *oubisto* a gente mais *belha ca eu*.

Em Roriz, a mesma lenda foi-me narrada junto do castro, no alto do monte. Vizinhos daquele documento arcaico que para êles é um testemunho palpável da existência dos mouros, os habitantes desta freguesia humanizam e modernizam a lenda. Para êles já não foi S. Tiago o autor da façanha, o organizador da expedição luminosa, mas os próprios homens de Roriz e da Oliveira que patrioticamente lançaram as suas cabras na perseguição dos mouros, que supõem habitantes e construtores do castro.

Em Chavão, é conhecida uma outra lenda igualmente maravilhosa como um conto árabe:

Uma pastora das mais pobres e desprotegidas, das mais jóvens e de melhor coração, quasi uma criança, mas já consa-

(1) Tito Lívio, *Ab Urbe Condita*, XXII, 17, pág. 117. Paris, 19^{ème} édition; Cornélio Nepos, *Hannibal*, cap. V, pág. 62. Lisboa. Etc.

grada ao trabalho, apascentava cabras num campo isolado, quando lhe apareceu uma moura *encantada*. Neste ponto da narrativa, a imaginação popular detem-se timidamente ante o fenómeno do *encantamento* e afirma que não sabe se a moura tinha forma de gente. Esta, sob o aspecto que o vulgo, portanto, confessa ignorar, sofria o seu severo fadário de magia, consumida por uma sede atroz que não podia acalmar. Pediu, pois, à zagaleja leite das suas vacas, prometendo-lhe a recompensa de abundante riqueza. A rapariga, cuja compassiva bondade era maior do que o receio e cuja pobreza acolhia bem a promessa de futuras prosperidades, mungiu as vacas, satisfez o pedido e recebeu em troca uma massa amarelada, conjuntamente com a recomendação de pô-la ao lume, onde se transformaria em ouro, pois a massa amorfa e estranha era precisamente a matéria prima do precioso metal. Já em casa, a pastorinha deitou numa panela o presumido tesouro e colocou-o sobre as chamas da lareira. A mãe, espírito céptico que, com teimosa incredulidade, recusava prosaicamente ofertas miraculosas («Ainda há gente que não acredita!» — interrompe, reprovativa, a narradora desta história), deu um pontapé na panela, onde o grande acontecimento ia produzir-se, entornando e inutilizando o conteúdo que, já liquefeito, se espalhou pelo soalho. Desta maneira a boa rapariga nada recebeu, não sendo recompensada de ter cristãmente *dado de beber a quem tinha sede* (1).

— «Pecado *num* devia ser e foi uma pena, pois *num* foi?» — conclui a ingenuidade aldeã.

Dizem também que os moiros, quando viviam em Chavão, abriram caminho subterrâneo até à Franqueira. A mesma história

(1) Encontram-se algumas analogias com esta história no artigo *Turquel Folklórico* de José Diogo Ribeiro, publicado na «Revista Lusitana», vol. XX, pág. 61.

da pastora é referida em Roriz, apenas deslocando o cenário da acção para o velho castro.

Dos franceses a recordação é vaga e benévola, não mencionando desacatos, nem precisando acontecimentos.

A Maria da Fonte sobrevive na tradição como uma importante figura feminina, cujo destino é absolutamente desconhecido. Cantam:

Aí vem a Maria da Fonte
Com a sua divisão
Que vem matar generais
Que são falsos à nação.

Uma mulher idosa dizia-me:

—A minha Mãzinha que Deus haja *falaba-me* da Maria da Fonte e *amais num* sabia ler. Era por *oubir* dizer. Bem de certo a Maria da Fonte era alguma Senhora Rainha.

Se uns conferem um cargo régio à Maria da Fonte, outros dizem que ela foi «*uma mulher temível que fez uma guerra*», veio com os seus homens à vila de Barcelos, onde invadiu a Câmara e tirou os papéis que ali se guardavam, causando graves prejuízos, a quem lá tinha escrituras.

E tôda a História traçada pelo esforço português, a epopeia das descobertas que criou uma nova civilização, a luta tenaz pela independência, as páginas em que colaborou Barcelos se enevoaram na distância e sossobraram na voracidade dos tempos.

MEDICINA — As receitas empregadas nas enfermidades vulgares são em número restrito e, por vezes, associam-se à execução de bruxedos.

Para as bichas — Para exterminar as lombrigas, que as feiticeiras sabem *talhar*, usam esfregar as costas com vinagre, o que faz aparecer no dorso umas *pontinhas brancas* consideradas *as ca-*

beças das bichas que se cortam à navalha de barba, numa decapitação total.

Para tirar o sol—Para aliviar os que se queixam de insolação ou febre aplicam sôbre a cabeça do doente um copo com água, invertido e vedado por um pano dobrado. Quando na água se elevam bôlhas de ar, dizem que *ferve* e o doente fica bom.

Para a febre—Preparam ao lume uma papa de farelo de trigo, farinha de milho, fermento, vinagre e alhos pisados e aplicam-na em cataplasmas nas solas dos pés. A receita pode ser reduzida a farelo, fermento e vinagre, mas não é de tanta eficácia.

Para o trasorelho, abcessos e espinhas—A receita empregada consiste em cataplasmas de maçã podre. Descascam as maçãs apodrecidas, tirando-lhes tudo o que ainda não está contaminado e aproveitando unicamente a parte em decomposição, que cozem no próprio suco, evitando deitar-lhe água. A papa resultante é o remédio desejado.

Para talhar a erisipela e erisipelão—Uma bruxa untava, por três vezes, com um raminho de oliveira, molhado em azeite, a região atacada, proferindo umas palavras estranhas que só ela conhecia e rezando um Padre Nosso e uma Ave Maria para concluir o tratamento ⁽¹⁾.

Para a fraqueza—Aconselham ortigas debaixo do colchão e gemas de ovos na planta dos pés, cujo efeito salutar sem dificuldade se prevê.

Para as dores de dentes—A receita é análoga à anterior. Claras de ovos aplicadas nas extremidades dos membros inferiores aliviam os padecimentos maxilares e eliminam prontamente a dilatação das faces. Também se recomendam os escalda-pés.

⁽¹⁾ Nas *Notas de medicina popular transmontana* (Publ. do Inst. de Antropologia, Pôrto, 1929), o Dr. J. R. dos Santos Júnior menciona uma receita análoga de Moncorvo, Maçôres, e até de Barcelos.

Para o flato — Quando uma pessoa que perde os sentidos usa meias, tiram-lhas, esfregam-lhas nas pernas e dão-lhas a cheirar. Se a aspiração não basta para reanimar o doente, esfregam-lhas no nariz e na cara e o *flato* passa logo. Quando, porém, se trate de alguém que ande descalço, pedem as meias dum homem (é forçoso que as meias sejam de indivíduo masculino) e com estas procedem de igual forma.

Para acidentes e desmaios mais ligeiros — Recomendam esfregar as pernas do paciente e dar-lhe chá de cidreira.

Para a gripe — Usam vinagre na testa.

Para a inflamação dos olhos — Secam *florzinhas da Alexandria* (rosas), demolham-nas em água até que esta lhes tome bem o cheiro e o gosto e lavam os olhos com a infusão (1).

Para doenças de ouvidos — Usam leite de mulher (2).

Para as dores de cabeça — Molham a testa com vinagre (3) ou com aguardente.

Para o reumatismo — Mistura-se um quarteirão de água-raz, outro de vinagre e uma gema de ovo. Depois de bem agitada esta mistura até adquirir uma uniforme aparência leitosa, aplica-se nos pontos atacados.

Para o mesmo efeito da receita anterior — São aconselháveis pensos de petróleo aquecido. Em alguns doentes causam irritação de pele, mas há quem julgue que esta é um efeito do *malzinho a sair pela pele*.

Para o crescimento do cabelo — Como a moda local ainda não

(1) Esta receita é citada por António e Armando Ferreira Soares nas *Tradições médicas populares da região da Feira* (Soc. de Antropologia, Pôrto, 1927).

(2) O Dr. J. R. Santos Júnior, nas *Notas de medicina popular transmontana* fala desta receita existente em Moncorvo. Parece encontrar-se muito espalhada por Portugal.

(3) Receita citada por Alexandre Lima Carneiro e Fernando de Castro Pires de Lima, na *Medicina Popular Minhota* («Revista Lusitana», vol. XXIX).

condenou os cabelos ao corte decorativo, mas o seu comprimento, ao contrário, corresponde à beleza apreciada, costumam espontaneamente, antes do nascer do Sol, em dia de S. João ou de S. Pedro, e deitar êsses fragmentos capilares numa silveira de amoras. Assim como esta cresce na selvagem ornamentação dos caminhos, também os cabelos que ficaram na cabeça da respectiva possuidora, talvez por espírito de imitação, resolvem crescer fartamente e constituir uma longa cabeleira ⁽¹⁾, cuja rebeldia o pente raramente amacia.

Contra a má olhadura que tolhe as pessoas — Sôbre um caco, queimam-se com brasas, um pouco de alecrim, um bocado de arruda, excremento de boi que tenha servido para tapar o forno, um bocado de giesta da vassoira de varrer a casa, um pouco de rama sêca dos alhos, um bocadinho de *varredoiro* do forno (vassoirinha formada por uns farrapos *engalhados* num pau, utilizada na limpeza do forno), algumas fôlhas de salva ⁽²⁾ e um pouco de sal, que é o principal dos nove elementos desta mistura, pois para o mal do doente são benéficos os seus estalos em contacto com o fogo.

A pessoa que foi vítima do mau olhado deve ser defumada três dias seguidos, sendo a primeira vez a horas mortas da noite, de preferência à meia noite, o que pode ser substituído pelo meio dia; nos dois dias seguintes é indiferente a hora da cerimônia. Colocado no chão o defumadoiro, o paciente passa por cima dele, formando cruzeiros consecutivos e dizendo:

(1) José Diogo Ribeiro, no *Turquel Folklórico* (Alcobça) («Revista Lusitana», vol. XX, pág. 73), conta que «o cabelo crescerá vigoroso e abundante a toda a moça que, penteando-se na noite de S. João, enleie no ôlho terminal duma cana em crescimento o nagalho que o pente tirasse».

(2) Augusto C. Pires de Lima, nas *Tradições populares de Santo Tirso* («Revista Lusitana», vol. XX, pág. 8), reconhece que nesta localidade atribuem virtude à cidreira e à salva, servindo-se delas para defumadoiros.

Nossa Senhora pelo Egito passou,
O seu Santíssimo Filho defumou
Para cheirar
E eu me defumo a mim
Para sarar.

Assim como estou virada para o Norte,
Assim êste mal vá que não volte (*num bórete*)
Assim como estou virada para o nascente,
Assim êste mal vá de repente.
As pessoas da Santíssima Trindade são três.
Se elas *quiser* bem *pode*.
Padre, Filho e Espírito Santo,
Êste mal vá e não *torne*.
Assim como estou virada para o mar,
Êste mal vá para não voltar.

Segue-se o Credo em cruz.

Quando se trata duma criança ou doente que não pode executar por si a cerimónia alguém lhe pega ao colo e assim realiza a cerimónia, substituindo a frase

« E eu me defumo a mim para sarar... »

por

« E eu te defumo a ti para sarar... »

Quando a receita foi integralmente efectuada, deve deitar-se o defumadoiro ao rio, porque ninguém, sem prejuízo pessoal, lhe passa por cima, pois tal facto teria conseqüências de-veras desastrosas para o descuidado que o praticasse. A pessoa que calcar um defumadoiro adquire o mal que êle curou e que não cessará senão sob a acção dum novo defumadoiro ⁽¹⁾.

(1) M. Saintyves nos *Procédés de guérison communs aux guérisseurs européens et aux sorciers chez les primitifs* (« Revue Anthropologique », Juillet — Septembre, 1928) diz:

« Pour le primitif, le malade est possédé par un mauvais esprit ou dominé par une influence maligne. Dans le peuple des pays civilisés, on trouve encore

Esta receita foi aplicada numa criança, a quem faltava o apetite e que se mirrava sem causa conhecida—sintomas infalíveis de mau olhado. As melhoras foram completas e imediatas, *como quem deita petróleo no candieiro*, comparação de que se serviu a própria mãe.

Tôdas estas receitas têm sido experimentadas com um êxito admirável que justifica plenamente a confiança que inspiram. Garantem-nas e aconselham-nas.

Arte popular

Os instrumentos musicais usados são a viola, o cavaquinho, o pandeiro e o harmónio, onde tocam músicas alegres, mas pouco variadas.

As danças bantante vivas e saltadas executam-se ao ar livre, em pequeno espaço, numa núvem de poeira. O malhão, o vira, a chula e o regadinho representam o grande prazer coreográfico da mocidade aldeã.

Cantam freqüentemente, sempre na mesma toada monótona, improvisando com facilidade. A despeito de modernismos civilizados importados da cidade, que não é raro ouvir à beira dum rio ou na volta duma estrada, o *folk-lore* regional é rico e nele consegui colher alguns exemplares, sem selecção. Nem todos são exclusivamente barcelenses, mas atestam, pela adopção, preferências regionais e também mostram a difusão de certas quadras através do País:

une conception analogue de la maladie. Certains paysans de nos compagnes ne different pas sensiblement à cet égard des primitifs. En Bretagne, ils croient que la maladie est envoyée par Dieu, en punition d'un acte mauvais, ou produite par un « sort ». Dans ce dernier cas, la maladie est une façon d'entité mauvaise ayant une quasi personnalité et l'on peut la conjurer on l'adjurer comme on le ferait d'un esprit on d'un diable ».

1. Quero cantar e que ouçais,
Já que falar-vos na posso.
Quero que reconheçais
Que o meu coração é vosso.
2. Se o cantar desse dinheiro
Fazia por cantar bem.
O cantar não dá dinheiro,
Tudo como quere vai bem.
3. Quem quiser que eu cante bem
Dê-me vinho e dinheiro,
Esta minha gargantinha
Não é forja de ferreiro.
4. Preguntaste quem eu era,
Pela minha geração.
Sou de longe dêste sítio,
Do lugar de S. João.
5. Debaixo desta ramada,
Quem me cobre são videiras.
Tu hás-de ser meu Amor,
Quer tu queiras ou não queiras.
6. Debaixo desta ramada,
Quem me cobre são as fôlhas,
Os olhos que tu me *botas*
Desvia-os e não me tolhas.
7. Troquei os meus olhos pretos
Por outros acastanhados.
Agora todos me chamam
Amor dos olhos trocados (1).
8. Na negrura dos teus olhos,
Em tamanha escuridão,
Não há trevas, tanto luto,
Como no meu coração.
9. Os teus olhos não são olhos,
São dois botões de veludo.
O que eu desejo é *lográ-los*:
Os olhos, botões e tudo.
10. Olhos pretos, roubadores,
Porque vos não confessais
Dos delitos que fazeis,
Dos corações que roubais?
11. Aquela menina é minha,
Aqueles olhos são meus,
Aquele corpo bem feito
Era o que eu pedia a Deus (2).
12. Fui ao mar a buscar lume,
Namorei-me da faísca,
Namorei-me dos teus olhos
Logo à primeira vista.
13. *Assubi* ao limoeiro,
No meio chorei uma hora.
Namorei-me dos teus olhos,
Que há-de ser de mim agora?
14. *Assubi* ao limoeiro,
Cheguei ao meio, caí.
O limoeiro é morte.
Ai de mim que já morri! (3)

(1) Augusto C. Pires de Lima em *Tradições populares de Santo Tirso* cita uma quadra semelhante («Revista Lusitana», vol. XXI, pág. 64).

(2) Citada por Augusto Pires de Lima em *Tradições populares de Santo Tirso*.

(3) Uma quadra análoga a esta vem citada nas *Afinidades galaico-portuguesas de folclore*, do Dr. J. R. dos Santos Júnior («Trabalhos da Soc. Port. de Antropologia e Etnologia», Pôrto, 1929), em confronto com a quadra galega:

A subir o alcipreste
cheguei o médio e caín,
o alcipreste é a morte
i-eu para morrer nacín.

- | | |
|---|--|
| <p>15. Oliveira do Brasil
Bota galhinhos de prata.
Tomar amores não custa.
Deixá-los é o que mata.</p> <p>16. Oliveira do Brasil
Bota raízes <i>pró</i> lodo.
Eu não falo de ninguém,
De mim fala o mundo todo.</p> <p>17. Foste dizer mal de mim
A quem mo logo contou.
Eu sempre gosto e gostei
De quem me desenganou.</p> <p>18. Toda a terra é algarvia,
Desde a alta à beira-mar.
Foste dizer mal de mim.
Quem desdenha quer comprar.</p> <p>19. A maçã da macieira
Não se deve abocanhar.
É como a moça solteira,
Qu'inda espera de casar.</p> <p>20. A maçã do <i>acipreste</i>
É doce e a casca amarga.
É como o amor dos homens:
Hoje pega, amanhã larga.</p> <p>21. Oh! <i>Acipreste</i> do adro,
Não <i>assombres</i> a igreja,
Que bem <i>assombrado</i> anda
Quem não <i>logra</i> o que deseja (1).</p> <p>22. Oh! <i>Acipreste</i> do adro,
Galheira de passarinhos,
A quem tu deste os abraços,
Dá-lhe também os beijinhos.</p> | <p>23. Esses teus beijos, menina,
São remédio, tem virtude.
Quando beijais um doente,
Logo lhe dais a saúde.</p> <p>24. Pedi-te um beijo, <i>còraste</i>;
Ao segundo, já sorriste,
Ao terceiro, já mo deste,
Ao quarto, já mo pediste.</p> <p>25. Dá-me um beijo, dou-te dois.
A minha paga é dobrada.
É o brio dos amores:
Pagar e não dever nada.</p> <p>26. Se já estás arrependido
Dalgum bem que me fizeste,
Dá-me os beijos que eu te dei,
Que eu dou-te os que tu me deste.</p> <p>27. A silva que me a mim prende
Á tua janela nasce.
Nunca me a silva prendeu,
Que eu dela me não livrasse.</p> <p>28. As silvas prendem co'os braços
Quem lhe vai colher a amora.
Quando as silvas dão abraços,
Que fará quem se namora?</p> <p>29. Namorados, falai baixo,
As paredes têm ouvidos.
Os segrêdos encobertos
São os que são mais sabidos (2).</p> <p>30. Se eu fôsse <i>namorativa</i>
Já eu tinha um namorado.
Nem eu sou <i>namorativa</i>,
Nem tu és do meu agrado.</p> |
|---|--|

(1) Semelhante em *Tradições populares de Santo Tirso*, de Augusto C. Pires de Lima.

(2) Em *Tradições populares*, por A. C. Pires de Lima.

31. Se eu soubesse namorar,
Como sei tocar viola,
Já eu tinha namorado
A filha do rei mais nova.
32. Se eu soubesse namorar,
Como sei cantar cantigas,
Fazia chorar as pedras...
Quanto mais as raparigas!
33. Namorei-me do bonito,
Cuidando que era fazenda.
Agora quero comer,
Boniteza não m'alembra.
34. Namorei-me, namorei-me,
E não soube namorar.
Namorei-me dum vadio
Que me não soube estimar.
35. O cravo roxo nasceu
No valado duma poça.
Não há moço que mereça
O coração duma moça.
36. Não se mede a confiança
Pela fôlha do alecrim.
Já trouxeste na lembrança
A muitas antes de mim.
37. O limão é rico cheiro,
Enquanto não apodrece.
É como um Amor que é novo,
Enquanto não aborrece.
38. Tomaste novos amores,
Tomaste, que eu bem *no* sei.
Tomaste novos amores...
Da minha parte estimei.
39. Oh! Meu Amor, tu trocaste
Pano fino por baeta,
Pois tu trocaste uma rosa
P'ra casar c'uma careta.
40. Eu casei-me, cativei-me,
Troquei a prata por cobre,
Troquei minha liberdade
Por dinheiro que não corre.
41. Raparigas do meu tempo,
Chorai agora por mim,
Que eu vou dar a minha mão
Para séculos sem fim.
42. *Indas* que meu pai me mate,
Minha mãe me tire a vida,
Minha palavra está dada,
Minha mão está prometida.
43. Anda p'ra aqui um *pangaio*
De loureiro em loureiro.
Hoje casa, amanhã casa,
Pangaio sempre solteiro.
44. Loureiro loureador,
Quem te manda lourear,
Quem te manda ter paixão
Por quem nunca hás-de lograr?
45. Segurai-me, segurai-me,
Que eu quero morrer segura.
Eu queria segurar
O Amor que me procura.
46. Hei-de cantar e dançar,
Enquanto solteira fôr.
Ao *despois* de casadinha,
Quem manda é o meu Amor.
47. Amores de ao pé da porta
Não os tenho, nem espero.
Ando nesta liberdade:
Vou e venho, quando quero.
48. Amores de ao pé da porta
Amai-os a todo o risco.
Indas que a bôca não fale,
Os olhos são um petisco (1).

(1) Semelhante em *Tradições populares*, por A. C. Pires de Lima.

49. Os olhos do meu Amor
São duas amendoinhas.
Fechados são dois botões,
Abertos duas rosinhas (1).
50. Os olhos do meu Amor
São duas continhas pretas,
Colhidinhos ao luar,
No jardim das violetas.
51. O meu Amor não é 'quele,
Que eu no andar o conheço.
Tem um andar miudinho
Como a fôlha do codesso (3).
52. O meu Amor não é 'quele,
Que o meu Amor traz chapéu.
É um rapaz bonitinho
Como as estrêlas do céu.
53. As estrêlas no céu correm
Tôdas numa carreirinha,
Assim a ventura corre
Da tua mão para a minha.
54. Eu pus-me a contar estrêlas
Com a ponta duma espada.
Comecei à meia noite,
Acabei de madrugada.
55. Oh! estrelinha do norte,
Agulha de marear.
És a estrêla que me guia
Para ao meu Amor falar.
56. Oh! estrelinha do norte,
Espera por mim, que eu vou.
Espera mais um bocado,
Já que o luar me enganou.
57. Oh! Luar da meia noite,
Bem te podes ir embora.
O meu pai não vai p'ra cama,
Eu não posso ir lá fora.
58. Oh! Luar da meia noite,
Tu és o meu inimigo.
Á porta do meu Amor,
Eu não posso entrar contigo (2).
59. Oh! que lindo luar vai
Para colher a *marcela*!
Se tu quiseses, Amor,
Faremos a cama nela.
60. Oh! Minha mãe, venha ver
A cama do meu Amor.
É dentro da meia rasa,
Coberta co'o rasador.
61. — Oh! Rosa da Alexandria,
Por onde perdeste o cheiro?
— Perdi-o na tua cama,
Debaixo do travesseiro.
62. — Maria, quero que digas
Onde repousa o teu corpo.
— Repousa na tua cama
Ou na sepultura morto.
63. Chamaste por mim, de noite;
Não falei porque dormia.
Se me quer's alguma coisa,
Fala-me agora que é dia.
64. Ai! Coração que a Deus ama!
Contigo não tenho fé.
Quero um coração inteiro,
Pois o meu inteiro é.

(1) Quadra semelhante à citada por João da Silva Correia — *Migalhas etnográficas; Cancioneiro de Espáriz, distrito de Coimbra* («Revista Lusitana», vol. XX).

(2) Semelhante em *Tradições populares*, por A. C. Pires de Lima.

(3) Idem, idem.

65. Sonhei com salsa no rio
Alecrim nos pinheirais,
A ver se êste Amor m'esquece
Cada vez *m'alembra* mais.
66. Oh! Salsa da beira-rio!
Da beira do rio, salsa!
Mais vale uma feia e firme
Do que uma bonita e falsa.
67. Meu Amor procura agrados,
Não procures formosura.
Formosura sem agrados
É viver na noite escura (1).
68. Dizeis que no mar há rosas,
Mas eu não vejo botões.
Eu só vejo caras lindas,
Mas não vejo corações (2).
69. Tenho dentro do meu peito
Dois suspiros por abrir.
Ninguém sabe o meu sentido,
Nem o que eu hei-de seguir.
70. No mar alto anda a guerra,
Em bem ouço dar os tiros.
Eu bem ouço combater
Os teus ais co'os meus suspiros.
71. Apartar por apartar,
Antes uvas da videira.
A mim também me apartaram
Meu Amor da minha beira.
72. Quem me dera agora ver
Quem agora *m'alembrou*,
O meu querido Amor,
Que tão longe dele estou (3).
73. Os cuidados não enjeitam
Quem sofre por bem querer.
Quem se sujeita ao Amor,
Sujeita-se a padecer.
74. O meu Amor me enjeitou,
Eu me dou por enjeitada.
Agora todos me chamam
Viuva sem ser casada.
75. Coração por coração,
Amor, não troques o meu;
Que sempre o meu coração
Muito leal foi ao teu.
76. Não quero que me dê nada,
Qu'eu também nada te dou.
Não quero que o mundo diga
Que êste meu dar te enganou.
77. Meu Amor, não morras hoje,
Deixa p'ra segunda-feira.
Não quero que o mundo diga
Que morreste à minha beira.
78. Oh! Meu Amor, se tu fores,
Leva-me podendo ser.
Eu quero ir acabar,
Aonde tu for's morrer.
79. Meu Amor, por tua vida
Ou por tua caridade,
Ai! tira-me desta lida,
Leva-me para a cidade.
80. Meu Amor, se vir's cair
Flores na tua varanda,
Apanha, que são saúdades,
É teu Amor quem tas manda.

(1) Quadra semelhante em João da Silva Correia — *Cancioneiro de Espáriz*.

(2) Parecida em *Alguns aspectos da vida portuguesa no cancioneiro de S. Simão de Novais*, por F. de C. Pires de Lima («Soc. de Antropologia», Pôrto, 1930).

(3) Com algumas alterações esta quadra aparece no *Cancioneiro de Espáriz*, de João da Silva Correia e nas *Tradições populares de Santo Tirso*, de A. C. Pires de Lima.

81. Eu pus-me a chorar saudades
Ao pé da água que corre.
A água me respondeu:
Quem tem amores não morre.
82. Nasce avenca pelas fontes,
Pelos campos nascem flores...
Quando alegre o sol os montes,
Que fará quem tem amores?...
83. Se fores, domingo, à missa,
Põe-te em sítio em que eu te veja.
Não faças andar meus olhos
Em leilão pela igreja (1).
84. Igrejinha de Arcozelo,
Feita de pedra morena,
Dentro dela é que ouve missa
Quem me causa tanta pena.
85. Com pena peguei na pena,
Com pena escrevi um S,
Com pena mandei dizer
Ao meu Amor que viesse.
86. Com a pena do pavão
E sangue da cotovia
Hei-de escrever uma carta
Ao meu Amor, algum dia (4).
87. Chove dentro do meu peito,
Não acho recolhedor.
Chove dentro como fora
Lágrimas do meu Amor.
88. As lágrimas m'obrigaram
Ao que eu não me obriguei:
A dar água todo o ano
Para o chafariz do rei.
89. O meu Amor é barbeiro
E faz a barba ao juiz
C'uma toalha de renda,
Lavada no chafariz.
90. A amora, nestes valados,
De vermelha se faz preta.
Quem tem um Amor soldado
Anda ao toque de corneta.
91. O meu Bem não é soldado,
Mas também faz sentinela.
Leva o dia de descanso
De guarda à minha janela.
92. Não quero Amor soldado,
Que soldado não é gente.
Quero um dos comandantes,
Um capitão ou tenente (2).
93. Não quero Amor soldado,
Não é por o desprezar.
O servir o rei é honra.
Meu Amor, deixa-te andar (3).
94. Se houver de tomar amores,
Na marinha há-de ser.
A marinha é muito grande,
Tem muito onde escolher.
95. Não quero Amor ferreiro,
É caro para o lavar.
Antes quero marinheiro,
Que é bem lavado no mar (5).
96. O meu Amor é um anjo.
Deus mo deu, não o mereço.
Já mo quiseram comprar.
Anjos do céu não têm preço.

(1) Em *Tradições populares*, por Augusto C. Pires de Lima.

(2) Com pequenas alterações esta quadra vem citada em *Alguns aspectos da vida portuguesa no cancioneiro de S. Simão de Novais*, por Fernando de Castro Pires de Lima.

(3) Em *Cancioneiro de S. Simão de Novais*, por Fernando C. Pires de Lima.

(4) Em *Tradições populares*, por A. C. Pires de Lima.

(5) Em *Cancioneiro de S. Simão*, por Fernando C. Pires de Lima.

97. O meu Amor era torto,
Eu mandei-o cavacar.
Agora já tenho lenha
Para fazer o jantar.
98. Minha mãe, p'ra me casar,
Prometeu-me três ovelhas:
Uma manca, outra cega,
Outra mona, sem orelhas (1).
99. Eu vou por aqui abaixo,
Como quem não vai a nada,
Abanar uma pereira,
Qu'indas não foi abanada.
100. Hei-de ir ao Senhor do Monte,
Ao Senhor do Monte hei-de ir.
Quem vai ao Senhor do Monte,
Vai ao céu e torna a vir.
101. Quem quiser que a água corra,
Faça-lhe o rêgo bem feito.
Quem quiser ser respeitado,
Dê-se também ao respeito.
102. A cana verde, no mar,
Arrebenta ao nascer.
Assim rebentam os olhos
A quem me não pode ver (2).
103. Tristezas são violetas,
Alegrias bem-me-queres.
Os homens são uns poetas,
Bonitas são as mulheres.
104. Botei um cravo no poço,
Fechado, saiu aberto.
É um regalo na vida
Enganar a quem é esperto.
105. Oh! Barcelos! Oh! Barcelos!
Oh! Barcelos! Oh! Vadio!
Botei-te da ponte abaixo,
Foste beber água ao rio.
106. Oh! Barcelos! Oh! Barcelos!
Oh! Barcelos! Oh! Traidor!
Botei-te da ponte abaixo,
Foste ver o meu Amor.
107. O anel que tu me deste
Não o dei, nem o vendi.
Botei-o da ponte abaixo,
Também te botava a ti (3).
108. O anel que tu me deste
Era de vidro, quebrou.
O amor que tu me tinhas
O anel bem o mostrou (4).

(1) Quadra citada em *Cancioneiro de Espáriz*, por João da Silva Correia e em *Tradições populares*, por A. C. Pires de Lima.

(2) Em *Cancioneiro de S. Simão de Novais*, por Fernando C. Pires de Lima.

(3) João da Silva Correia, nas *Migalhas etnográficas—Cancioneiro de Espáriz*, cita uma quadra parecida com esta.

(4) Nas *Afinidades Galaico-Portuguesas de Folclore*, o Dr. J. R. Santos Júnior menciona esta quadra comparando-a com a quadra galega:

O anelo que me deche
foi no dia do Señor
Heme grandinho do dedo
e pequeniño en amor.

109. O Sol, quando nasce, inclina
Nas pedras do meu anel.
Eu também sou inclinada
Ao nome de Manuel (1).
110. Ai! Manuel, Manuel,
Manuel enganador!
Enganaste uma menina
Com palavrinhas de Amor.
111. Semeei e já colhi
O que havia de colher.
O nome de Manuel
Não é nome de perder.
112. Por António dou a vida,
Por José beijos do mar,
Por Manuel a mim mesma.
Não tenho mais que lhe dar.
113. Trazeis o cabelo atado,
Oiro por cima da trança.
Quem do oiro faz rodilha,
Ao Amor trará vingança.
114. Trazeis o cabelo atado,
Pelas costas ao comprido.
Nas ondas do teu cabelo,
Anda o Amor escondido.
115. Tu chamaste ao meu cabelo
Um ninho de passarinhos;
Eu também chamei ao teu
Gaveta dos meus beijinhos.
116. Tu chamaste ao meu cabelo
Dobadoira de dobar;
Eu também chamei ao teu
Sarilho de ensarilhar.
117. Chamaste-me moreninha.
Eu bem sei que sou morena.
Isto foi do pó da eira,
Quando eu era pequena.
118. Chamaste-me moreninha,
Moreninha e engraçada.
Mais vale ser moreninha
Do que branca desmaiada.
119. Oh! Meu Amor, se tu fores
Para o tribunal das rosas,
Apega-te às moreninhas,
Que as brancas são enganosas (2).
120. Olá, Diolinda, olá,
Olá, Diolinda, olé!
Os olhos da Diolinda
São da côr do meu boné.
121. Dei um nó na fita verde,
Outro na mais vermelhinha.
Ainda espero dar outro
Na tua mão e na minha.
122. Dei um nó na fita verde,
Outro na preta, a rigor.
Ainda espero dar outro
Nos braços do meu Amor.
123. Oh! ai! Oh! ai!
Camarões da beira-mar!
Se eu agora não namoro,
Quando hei-de namorar?
124. Adeus, que me vou embora,
Já não posso cantar mais,
Já me dói o céu da boca
E mais os dentes queixais.

(1) Em *Tradições populares de Santo Tirso*, por A. C. Pires de Lima.

(2) Quadra semelhante em *Cancioneiro de Espáriz*, por João da Silva Correia.

125. Adeus, que me vou embora,
Para onde não te digo.
Se tu quiseses saber,
Prepara-te e anda comigo.
126. Adeus, que me vou embora,
Adeus, que me embora vou.
Eu, se vou, é porque quero,
Que a mim ninguém me mandou.
127. Boa noite, pomba branca,
Boa noite te vou dar.
Quási vai dar meia noite,
São horas de me deitar.

Destas quadras aqui reunidas, podem extrair-se algumas para um esboço de estudo psicológico popular.

Duma maneira geral, predomina o lirismo, a ingénua canção de Amor tão simples como a dos velhos cancioneiros lusos:

Coração por coração,
Amor, não troques o meu.
Que sempre o meu coração
Muito leal foi ao teu.

A Saüdade que, no século XV, atingiu a sua melhor expressão em João Roiz de Castelo Branco ⁽¹⁾, a Saüdade que imortalizou Bernardim, também encontra anónimos cantores:

Meu Amor, se vir's cair
Flores na tua varanda,
Apanha que são saüdades.
É teu Amor quem tas manda.

(1) D. Joam Roiz de Castel Branco, melhor do que Bernardim Ribeiro, soube dar ritmo à Saüdade medieval, tornando-se um verdadeiro precursor do Saüdosismo moderno. No *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Resende, vol. III, pág. 134, existem estes versos dele:

Senhora, partem tão tristes
meus olhos por vós, meu bem,
que nunca tão tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.
Tão tristes, tão saüdosos,
tão doentes da partida,
tão cansados, tão chorosos,
de morte mais desejosos
cem mil vezes que da vida,
partem tão tristes os tristes,
tão fora de esperar bem,
que nunca tão tristes vistes
outros nenhuns de ninguém.

A tristeza sentimental, desiludida e resignada dum povo que aninha o ritmo dolente do fado desperta écos nas trovas populares do norte:

Os cuidados não enjeitam
Quem sofre por bem querer.
Quem se sujeita ao Amor,
Sujeita-se a padecer.

Expressões dum temperamento independente atravessam a simplicidade dos versos:

Não quero que me dê nada,
Que eu também nada te dou.
Não quero que o mundo diga
Que este meu dar te enganou.

O sentimento de dignidade pessoal também transparece na forma concisa das redondilhas:

Quem quiser que a água corra,
Faça-lhe o rêgo bem feito.
Quem quiser ser respeitado,
Dê-se também ao respeito.

Um despeito desdenhoso, que desilusões sentimentais provocam, aflora por vezes:

Tomaste novos amores,
Tomaste, *qu'eu* bem *no* sei.
Tomaste novos amores...
Da minha parte estimei.

Conceitos que a sensatez determina falam através da toada das rimas:

Meu Amor, procura agrados,
Não procures formosura.
Formosura sem agrados
É viver na noite escura.

A ironia ligeira e despreocupada interrompe a monotonia duma sensibilidade sem complicações:

Amores de ao pé da porta
Amai-os a todo o risco.
Indas que a bôca não fale,
Os olhos são um petisco!

A alegria moça e sadia dos improvisados poetas manifesta-se espontaneamente no estilo jocoso ou na sátira irreverente:

O meu Amor era torto,
Eu mandei-o cavacar.
Agora já tenho lenha
Para fazer o jantar.

Outras vezes aparece o devaneio romântico nascido da própria natureza:

Oh! que lindo luar vai
Para colher a *marcela*!
Se tu quiseses, Amor,
Faremos a cama nela.

E até os mesmos temas que inspiram os grandes poetas nacionais vivem no singelo lirismo regional:

Se já 'stás arrependido	
Dalgum bem que me fizeste,	Nada mais tenho teu; é finda a troca,
Dá-me os beijos que eu te dei,	Se o desejo não tens (ah! se o tivesses!...)
Que eu dou-te os que tu me deste.	De destocar os beijos que trocamos.

Eugénio de Castro.

Nas quadras barcelenses ⁽¹⁾ que coleccionei, nota-se frequentemente o paralelismo como manifestação da técnica rítmica mi-

(1) É difícil distinguir entre estas quadras as que foram improvisadas mesmo em Barcelos das que resultam da migração de cantigas que constantemente se realiza em Portugal. O que é facto é que tôdas estas se cantam em Barcelos.

nhota, podendo esta insistência paralelística confirmar a origem popular dos Cantares de Amigo medievais, já defendida por Leite de Vasconcelos, José Joaquim Nunes, D. Carolina de Michaelis, Teófilo Braga, etc., e representada ainda nas actuais e espontâneas composições do folk-lore português.

É tão natural a improvisação dos jovens camponeses que, quando perguntei a uma rapariga que era das melhores cantadeiras de Arcozelo como faziam versos, ela respondeu muito sinceramente:

— «É a cantar».

Para eles verso significa rima e canto, e constroem de ouvido o ritmo fácil das redondilhas, ignorando profundamente, como é lógico, qualquer noção de metrificação.

Religião e superstição (1)

O sentimento religioso e a tendência supersticiosa estão profundamente enraizados no espírito inculto da população. Rivalizam, equiparam-se e confundem-se. Só a supressão do analfabetismo e a difusão da instrução seriam capazes de atenuar as consequências do fanatismo e da superstição sobre a mentalidade campestre. Acreditam com a mesma intransigente ingenuidade tanto nos milagres inexgotáveis do Senhor da Cruz e nas cruces lendárias que têm surgido, a negro, no terreno esbranquiçado, e que alguns afirmam ver, como nas *almas do outro mundo*, que jogam a bisca à entrada do cemitério e na mulher que tinha engulido feitiço no vinho e que deitou cabelos pela bôca, facto também confirmado por testemunhas.

(1) Este capítulo incompleto fez parte da comunicação intitulada *Aspects de la vie mentale des paysans de Barcelos*, apresentada ao Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pre-histórica, realizado em Paris, em 1931.

Dentro de tão complexas crenças e devoções, a moral não encontra lugar reservado e molda-se num conceito independente, aliás bastante vago, lato e froixo, assente em princípios movediços e inconsistentes. Cada um vive como lhe apraz, um tanto à lei da natureza, mas sente-se com direito a maldizer do próximo, sem precisar de motivo justificativo ou de considerar-se moralmente autorizado a fazê-lo.

Cumprem geral e escrupulosamente os preceitos católicos de carácter exotérico, freqüentando assiduamente a igreja, indo mesmo muitos à missa diária, ao romper do dia. Como os pecados não escasseiam e as reincidências são constantes, as confissões sucedem-se.

As grandes distrações na monotonia campestre são as festividades religiosas, e algum sermão, cujo estilo complicado desliza nos ouvidos rústicos como música modernista, deixa os camponeses deslumbrados e boquiabertos.

A festa da Páscoa é mais importante do que a do Natal. Em dia de Ressurreição, quando soa o meio dia, *sai a Páscoa da Igreja* representada pelo mordomo que transporta a cruz, o Padre que dirige a solenidade, um sacristão com o hissope e, levando um cesto, um outro homem que vai encarregado de recolher as dádivas com que todos retribuem a Sua Reverência as bênçãos que concede com magnânima profusão. Junta-se tumultuosa rapaziada, acompanhando o diminuto cortejo e espalhando flores e ramos pelo extenso trajecto. Em tôdas as casas se espera o Sr. Abade. Quando êste entra, os fieis ajoelham e êle abençoa, aspergindo água benta e dizendo: «Aleluia! Boas Festas!» *para lhe darem o foliar*, fristou o meu informador. O mordomo dá a cruz a beijar e todos se levantam, convidando o Sr. Abade a sentar-se e a tomar doces e vinho. Depois presenteiam-no com ofertas que o cobrador guarda no cesto. Quando êste se enche, é esvasiado em casa dum paroquiano que, até ao dia seguinte, fica depositá-

rio do seu conteúdo, continuando pelos seguintes a colheita de folares.

Outras festas importantes e concorridas são a da Senhora da Franqueira, no terceiro domingo de Agôsto, e a da Senhora da Abadia, na freguesia de Lijó, em 15 de Agôsto.

A actual igreja de S. Mamede de Arcozelo é relativamente recente. A primitiva ficava situada dentro da Quinta da Igreja e o local onde existiu é assinalado pela presença dum tôsko marco cilíndrico e monolítico que, num dos campos, a piedade dos agricultores conserva, decretando que *naquela pedra ninguém bole*, porque ali ficava o Sacrário.

Uma crença divulgada coloca sob o Campo da Feira — a vasta área das cruces negras, espaçosa praça que, a um canto, ostenta o miraculoso templo do Senhor da Cruz —, situa debaixo daquele terreno fértil na produção maravilhosa de milagres as terras místicas de *Jarrusalem* (Jerusalem).

Bruxas como a Barbuda e feiticeiros como o Fitas gozam de confiante clientela. Os bruxedos duma mulher que talhe o ar conquistam a preferência às sapientes receitas dum médico experiente. Contaram-me, porém, que *um rapaz, a quem dão uns flatos nas voltas da Lua, andou por quanto havia de feiticeiras e doutores e, apesar de consultar o Fitas que tem tanto poder que até se põe inchado como um bicho, não conseguiu sarar*.

As corujas e os mochos são chamados *pássaros da morte*, classificação zoológica, que, se é incorrecta, traduz, pelo menos, a fúnebre impressão que provocam aquelas aves, consideradas terrivelmente agoirentas. Em compensação, os ninhos das andorinhas merecem enternecido respeito, porque a sua destruição dissipa a prosperidade e a fortuna.

Sobre os sapos pesa colectiva antipatia e intolerante perseguição, porque se prestam à execução de feitiçarias. Quando al-

guém deseja a supressão de outrem, pede a uma feiticeira que cosa a bôca dum sapo por intenção dessa pessoa. Juntamente com o sapo que fica privado de alimento, quem sofre a feitiçaria vai secando e mirrando, o que só pode evitar-se descosendo a bôca do sapo sem fazer sangue, que, vertido, iria provocar a morte immediata da criatura enfeitiçada.

Os gatos pretos, como todos os fenómenos supostos portadores de coisa ruím, são escolhido disfarce do diabo — *o da carapucinha vermelha*.

A metempsicose tem inconscientes, mas gerais adeptos. Quando saem, de noite, pessoas a quem faltam palavras de baptismo, encontram *corredores*, que são almas transformadas em cães, burros, gatos, etc., que andam, nas trevas nocturnas, a *corretar o fado*. Em Arcozelo, apparecem freqüentemente no Portal da Cachada e muitos se sumiram na antiga Fonte da Ovelha. Afirmam:

— Estes maus encontros *tolhem a gente*. Deve dizer-se, quando os *corredores* passam: *Vai-te com Deus!*

Há quem tenha visto luzes inexplicáveis, ouvido ruidos exquisitos, assistido a corridas de cães com campainhas e presenciado o misterioso desaparecimento, debaixo dum pontilhão muito pequeno, dum grande cavalo branco, levado numa corrida vertiginosa.

O espírito supersticioso da população rural dá vulto a varias narrativas, em que espantosos fenómenos encontram aceitação. Conta-se que, uma vez, um moço de lavoura foi enviado pelo amo a um lugar bastante afastado, sendo-lhe confiado um recado urgente. Durante a noite, caminhando pela estrada, encontrou um cavalo peado, isto é, com duas pernas amarradas, e absolutamente só. O rapaz pensou que o amo do solípede, abandonando-o áquella hora tardia cuidadosamente preso, se afastara com demora, só devendo vir buscá-lo muito depois. Poderia, portanto, sem

inconveniente ou prejuízo para o proprietário do cavalo, servir-se dêste no resto da sua jornada, deixando-o, no regresso, honradamente, no sítio onde o encontrára. Desamarrou-o, mas, apenas o montou, o cavalo começou a elevar-se do chão e a voar, subindo tão alto que ameaçava não voltar à terra. *O moço ficou varado! Era o diabo em figura de cavalo.* Naqueles transes aflitivos, em que os limitados recursos concedidos a uma defesa humana não podiam bastar, resolveu apelar para os poderes divinos e chamar por Jesus. A medida foi enérgica, porque o cavalo baixou, deu um pinote e o rapaz veio, tonto e *assombrado*, estender-se no solo. O cavalo desapareceu e nunca depois alguém conseguiu encontrá-lo. *Pois se ele era o diabo!*

Uns carreteiros seguiam, de noite, por atalhos escuros, gabando-se da sua intrepidez e incredulidade. *De repente, avistaram muitas luzes agitadas e gritos incompreensíveis: «Uh! Uh! Uh!...»* e já não puderam sair dali, porque ficaram arejados do inimigo e *das feiticeiras*, percorrendo sempre em dois sentidos o mesmo caminho. Só quando rompeu o dia e a claridade da manhã lhes bateu no peito, recuperaram a noção dos factos e conseguiram afastar-se.

Um homem que ia a um serão, por entre pinheiros, viu-os cair todos, a estalar, e as bruxas saltando à roda de fogueiras. De manhã verificou que tudo voltara à normalidade anterior.

Um cãozinho, passando a correr por alguns carros de bois que caminhavam seguidos, impressionou o gado de tal maneira que êste, a fugir, se lançou numa correria estranha e tão desordenada que até saltaram uns carros por cima dos outros!

A *má olhadura* também é uma fôrça misteriosa, assás poderosa, porque se exerce, por vezes, mesmo sem a intervenção da vontade de quem fixa o olhar. Pessoas há, cujos sentimentos são dignos de louvor, mas que tiveram a infelicidade de ser dotadas pela natureza dêsse maléfico poder que actua mesmo contr a sua vontade.

Uma honrada aldeã mandou umas meadas à tecedeira para que delas lhe fizesse pano. Esta convidou-a a ver se a obra lhe agradava, quando ainda estava por concluir no tear, e notou com espanto a relutância da freguesa que se negava a visitar o trabalho. Depois de muita insistência, a dona da teia foi vê-la, mas a acção nefasta dos seus olhos determinou que a teia nunca mais avançasse, ficando sempre por concluir.

A influência da *má olhadura* é tal que algumas criaturas, sem querer, fazem estalar um vidro. Outras, cuja índole maldosa se compraz com a infelicidade alheia, utilizam a vista para satisfazer vinganças, antipatias e invejas.

Uma mulher, passando por um carro de bois, lançou aos animais o mau olhar com tanta intensidade que os animais *encan-grejaram* (ficaram paralizados). O boieiro tirou as calças e passou-as em cruz por cima dos bois que retomaram o andamento, mas o homem teve o prudente cuidado de mandar lavar as calças antes de tornar a pô-las. *O Senhor nos livre de coisas fracas!* — dizem os camponeses.

Os mais espantosos acontecimentos são acreditados, coisa alguma necessita de demonstração lógica para ser admitida, o sobrenatural confunde-se com o normal, não há impossíveis que a credulidade não justifique. O incompreensível denomina-se Vontade de Deus e o explicável complica-se na imaginação e reveste-se de fantástica aparência.

Vida social

A família

Nos campos de Barcelos, vive-se rudemente o momento que passa. Não há saudades do Passado ou planos de Futuro. O lirismo revelado no folk-lore indígena é mais instintivo do que sen-

tido, mais espontâneo do que compreendido. A vida é material, sem divagações espirituais que a indolente mentalidade do povo não esboça.

Os filhos, em geral num número avultado que não sugere receios maltusianos, constituem para os pais uma fonte de receita apta à exploração. Com a instrução reduzida ao mínimo, desde muito novos começam a trabalhar em proveito dos pais (est. VII, 2) e, mesmo adultos, até casar, entregam à autoridade paterna os ganhos adquiridos.

As crianças chamam *tios* aos estranhos e *padrinhos* a todos os tios.

O problema da igualdade dos sexos não merece discussão no concelho, nem mesmo as mulheres se interessam pela defesa dos seus direitos, mas a vida agrícola, feita em comum com os homens, nivela-lhes a existência. O egoísmo masculino não deixa, porém, de manifestar-se. Os animais de carga empregados no concelho são as mulheres e os bois. Um barcelense, um representante do sexo forte, julgar-se-ia diminuído, se transportasse o mais ligeiro fardo. Prefere que as mulheres façam os carretos, medida que, naturalmente, se lhes afigura mais cómoda. É bem extraordinário o aspecto das concorridas estradas, em dia de feira. Enquanto as mulheres acarretam à cabeça cestos repletos ou conduzem o gado, os homens com largos guarda-sóis abertos — não vá crestá-los a ardência do Sol justiceiro! — conversam despreocupadamente ou conservam-se, pachorrentos, dentro dos carros de bois.

As raparigas que, até casar, mercê dos afazeres impiedosos da lavoura, gozam a mais ampla liberdade, sofrem com o casamento, geralmente, a tirania dum jugo brutal. Constitui uma incompreendida raridade o marido que não bate na mulher. Uma dessas mulheres que sabem obter pelo seu esforço o alimento próprio ficou viúva. Como eu acolhesse com estranheza os lamen-

tos que lhe provocava a viuvez libertadora duma sova diária, ouvi-lhe esta compungida objecção:

—Ai! Menina! Sempre era um *home*!

Como as mulheres suportam muito, os divórcios são raros, mas estes sempre causados pelos maridos. Uma velha explicava-me, defendendo-se:

—É costume os *homes* baterem nas mulheres, mas *tamém* algumas são *de vésperas*, não se lhes calam e levam mais depressa. Até um Senhor Prêgador dizia: *Quando êles assentarem numa barregaria, ide ao cântaro e enchêde a bôca de água para não falar*. Mas elas não fazem isso. Eu *tamém* não gosto que êles sejam mais *cá gente*. Elas *tamém* habituam-nos mal fazendo *cant'êles* querem. Eu é que não os *punha nessas circunstâncias*, porque depois *ficam com êsse bolorio* e não há quem os ature.

Cerimónias

Cerimónia mais impressionante do que comovente acompanha o espectáculo lúgubre da morte com manifestações que devem acentuar o sofrimento do moribundo. Ainda êste se debate nas derradeiras convulsões e já começam a executar-se os fúnebres cuidados. As maxilas amarram-se, quando o moribundo as move ainda *esfritivamente*, as pálpebras são constrangidas a fechar-se, reagindo, enfraquecidas, e uma gritaria desesperada e formidável alastra com a violência dramática das ruidosas manifestações que as carpideiras antigas entoavam nos funerais. Na ocasião em que o préstito sai de casa, intensifica-se, produzindo uma grandiosa berraria. Os parentes do morto — principalmente as mulheres — acorrem às janelas, soltando agudas interjeições e acenando nervosamente com lenços até que, entre os campos, desapareça o cortejo. Enterrado o cadáver, a tranqüilidade difunde-se, reassume-se as ocupações habituais e a memória de acontecimentos tristes atenua-se com relativa facilidade.

Nomes

Se é certo que os nomes próprios individuais não se caracterizam por qualquer particularidade, repetindo apenas os mais correntes das nossas aldeias, pois os mais freqüentes são Manuel, António, José, Maria, Adelaide, Conceição, Emília, Rosa e Ana, o mesmo não sucede com as alcunhas que aparecem às vezes imprevistas e inexplicáveis.

As bruxas e feiticeiras aliam à fama gloriosa dos seus malefícios designações populares consagradas. Além da Barbuda e do Fitas já citados, também se tornou digno de especial consideração o Enxota Diabos ⁽¹⁾. A alcunha de Fitas, todavia, não mantém o exclusivo, pois, com o bruxo, dela compartilha um consciencioso professor de Instrução Primária. A um apreciado *industrial* de cerâmica, especializado na pintura de *mascottes*, em cujo aperfeiçoamento êle se gaba de desafiar tôda a concorrência, chamam o Pelado. O Mouro é um taberneiro *habilitado*, como esclarece a inscrição que lhe ornamenta a *fachada do estabelecimento*. A uma mulher que alterna os dias de trabalho com outros de mendicidade concederam a designação de Carreira Covas. O tocador de órgão das imponentes solenidades religiosas fêz a sólida reputação de que goza com o nome de Estrugidinho. O mais notável cantador e improvisador das esfolhadas é conhecido, numa extensa área, pela denominação inesperada de Ruktruk. Corneta serve de alcunha ao mais completo tendeiro de Arcozelo, figura típica, sorridente, rubicunda e adiposa da curiosa fauna regional.

Os cães, maltratados e desprotegidos guardas dos lavradores,

(1) Luís de Pina, *Bruxas e Medicina* («Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», 1929). Refere-se a Enxota Diabos como designação comum.

usufruem as regalias de poucos nomes, mas, por isso mesmo, extremamente espalhados. Nero, Visconde, Tejo e Chanférs (Chauffeur) aparecem vulgarmente.

O sentimento

Afirma-se que pertence ao domínio da Fantasia a Ilha dos Amores que, nos *Lusiadas*, nasce em pleno oceano para deleite dos navegadores portugueses e atribui-se a sua criação ao talento poético de Camões. Se não se localiza nos mares, em mais modestas pesquisas, pode vir encontrar-se em Barcelos.

As freguesias de Arcozelo e S. Veríssimo, cujos extremos entestam, são delimitadas por um ribeiro que verte no Cávado o seu insignificante volume de águas. É no leito dêsse rio que se recorta a reduzida superfície verdejante — uns 300^m² aproximadamente — da famosa ilha. Coberta por espessa e arborizada flora, oferece a todos os idílios circunvizinhos o protector encanto da sua discreta vegetação. Todo o bucolismo apaixonado da região ali procura refúgio. Nomes, frases, datas, quadras, pensamentos fragmentários — escrita comemorativa que, nas próprias árvores, o tempo lentamente apaga — atestam desabafos sentimentais do subjectivismo local e entram no folk-lore regional. Consegui decifrar algumas dessas românticas inscrições:

*Coquete dos prados,
A rosa é uma flor
Qu'inspira e não sente
Os encantos do Amor.*

Tiago
Micas

Maria
Luís

Venancio
I. C. O. 24-3-29

O amor e o trabalho tudo *vence*.

Antonieta
acabou
ingrata

Gíinha meu
Amor
2-9-28

Amo-a.
Quero-lhe tanto
como a luz dos
meus olhos.
Porém o meu sonho
é *irrealisavel*.

Nos troncos lisos de esbeltos eucaliptos, desconhecidos visitantes gravaram a canivete, por vezes profundamente, para esclarecimento dos vindoiros, em letras de vários tamanhos e formatos, com diverso grau de perfeição, o lírico nome da tranqüila ínsula: Ilha dos Amores.

*

* *

Foi esta a população que estudei — população de Barcelos, principalmente de Arcozelo. O meu inquérito deficiente encontrou um complexo de qualidades e defeitos: gente pobre, trabalhadora, conformada e muito prestável, mas espíritos acanhados e supersticiosos que solucionam pela astúcia as dificuldades e que se entregam à mais desenvolvida bisbilhotice.

Num meio que não conserva influência política e que esqueceu o Passado, num solo produtivo que oferece à exploração o

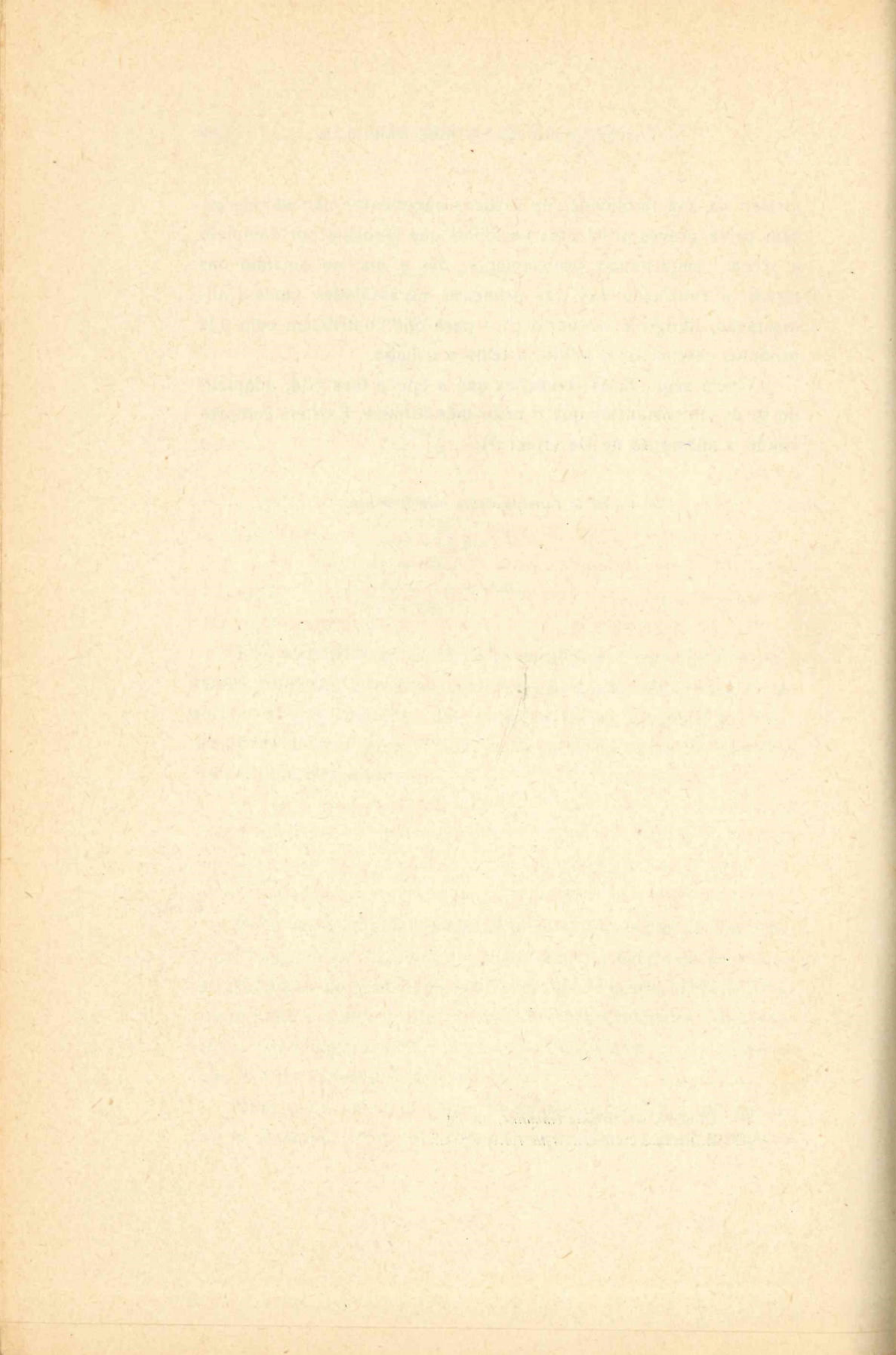
tesoiro da sua fertilidade, os rústicos barcelenses não se interessam pelos graves problemas nacionais que ignoram por completo e vivem conquistando penosamente, dia a dia, no amanho das terras, a satisfação das três primeiras necessidades vitais — alimentação, abrigo e vestuário ⁽¹⁾ — para que contribuem com três produtos essenciais: o milho, a telha e o linho.

Vivem segundo as condições que a época lhes cria, adaptando-se às circunstâncias que o meio lhes fornece. Existem comprovando a afirmação de De Greef ⁽²⁾:

La vie est la correspondance avec le milieu.

(1) Brunhes, *Géographie Humaine*, ob. cit.

(2) E. Reclus, *L'Homme et la Terre*, ob. cit.



Atingi o t rmo do meu trabalho, cheguei   conclusão da minha tentativa, colhendo uma impressão geral das observa es realizadas.

A popula o r stica dos logarejos barcelenses, mesmo escravizada por uma vida difícil, vive despreocupada, quási não se apercebendo da resigna o que a amolda naturalmente e sem reac o  s duras asperezas duma existência árdua e monótona. Sem pesar, conforma-se fácil, espontânea e inconscientemente, porque *tudo ignora e nada ambiciona*. Nesse alheamento indiferente, desinteressada da vertigem do Progresso, desconhecedora da requintada, absorvente e dolorosa aspira o intelectual de ocupa es culturais, não sente o desejo insaciável e torturante de *conhecer*, não sofre, na sua r spida e incessante labuta, a ânsia de curiosidade, deslumbramento, triunfo e desilusão que   a vida palpitante da Inteligência. A sua banal existência que nunca experimenta o exaustivo, mas atraente trabalho mental, decorre numa passividade int rmina e apática, firma-se numa est tica despreocupa o, prolonga-se   margem do movimento civilizador, levando-me a pensar e a desejar:

Se, como pretende Spengler (1), o apogeu cultural dos povos, o período esplêndido da sua máxima civiliza o   precursor da

(1) Oswald Spengler, *La Decadencia de Occidente*, vol. I, pág. 169 e segs. Madrid, 1925.

agonia, é pródromo duma ruína próxima e dum aniquilamento total, que a Humanidade inteira caminhe ousadamente para a morte, construindo o edifício magnífico duma superior civilização colectiva e podendo exclamar, orgulhosa da sua glória, olhando a sua obra espantosa do cume altivo dum Ideal satisfeito, as palavras que Sófocles atribui a Antígona:

Καλόν μοι τοῦτο ποιῶσθαι θανεῖν. (1)

Que me importa morrer a mim que faço isto?!

(1) Sophocle, *Antigone* (texte grec), pág. 15, verso 72. Paris, 1920.

ÍNDICE

	PÁGS.
PLANO DO TRABALHO	5
<i>Introdução.</i>	7

I — CONDIÇÕES GEOGRÁFICAS

Topografia	9
Hipsometria	10
Estratigrafia	12
Tectónica	12
Hidrografia	13
Clima	14
Fitogeografia	15
Zoogeografia	16

II — CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS

A História	19
A tradição	26
A lenda	28
Monumentos	29

ESTUDO ETNOGRÁFICO

Vida material :

A população	33
A habitação	34
A alimentação	40
O vestuário	42

	PÁGS.
A Agricultura	52
A Indústria	55
O Comércio	65
<i>Vida mental:</i>	
A linguagem	66
A Ciência popular	72
Arte popular	86
Religião e superstição	98
<i>Vida social:</i>	
A família	103
Cerimónias	105
Nomes	106
O sentimento	107
<i>Conclusão</i>	<i>111</i>

CORRIGENDA

A pág. 14—Fig. 1 — As escalas do perfil do Cávado são as do trabalho original que, na impressão, teve de ser reduzido a metade, aproximadamente.

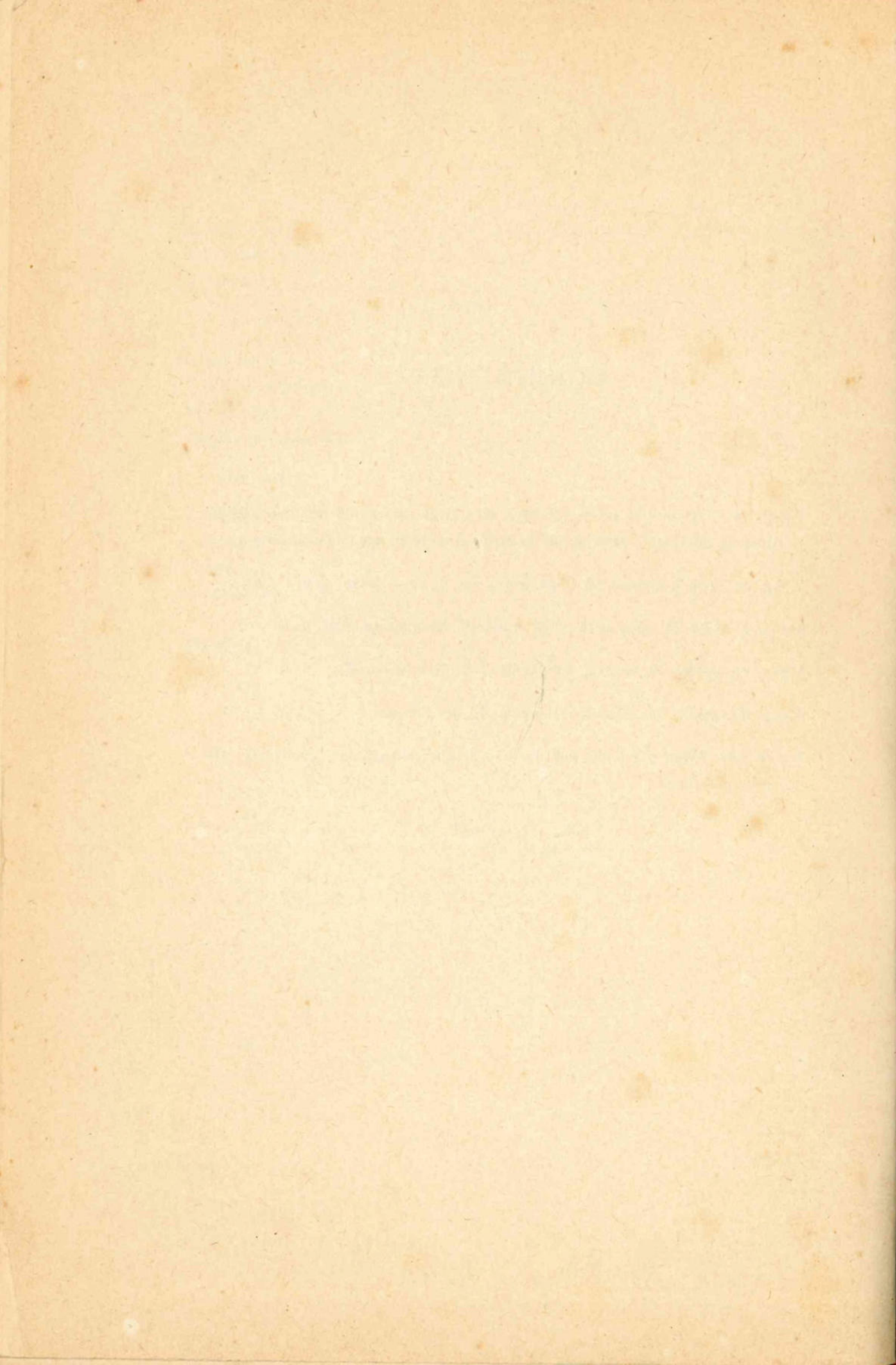
A pág. 31, linha 9, onde se lê: (Figs. 2 e 3, est. 1); deve ler-se: (Est. 1, 1 e 2).

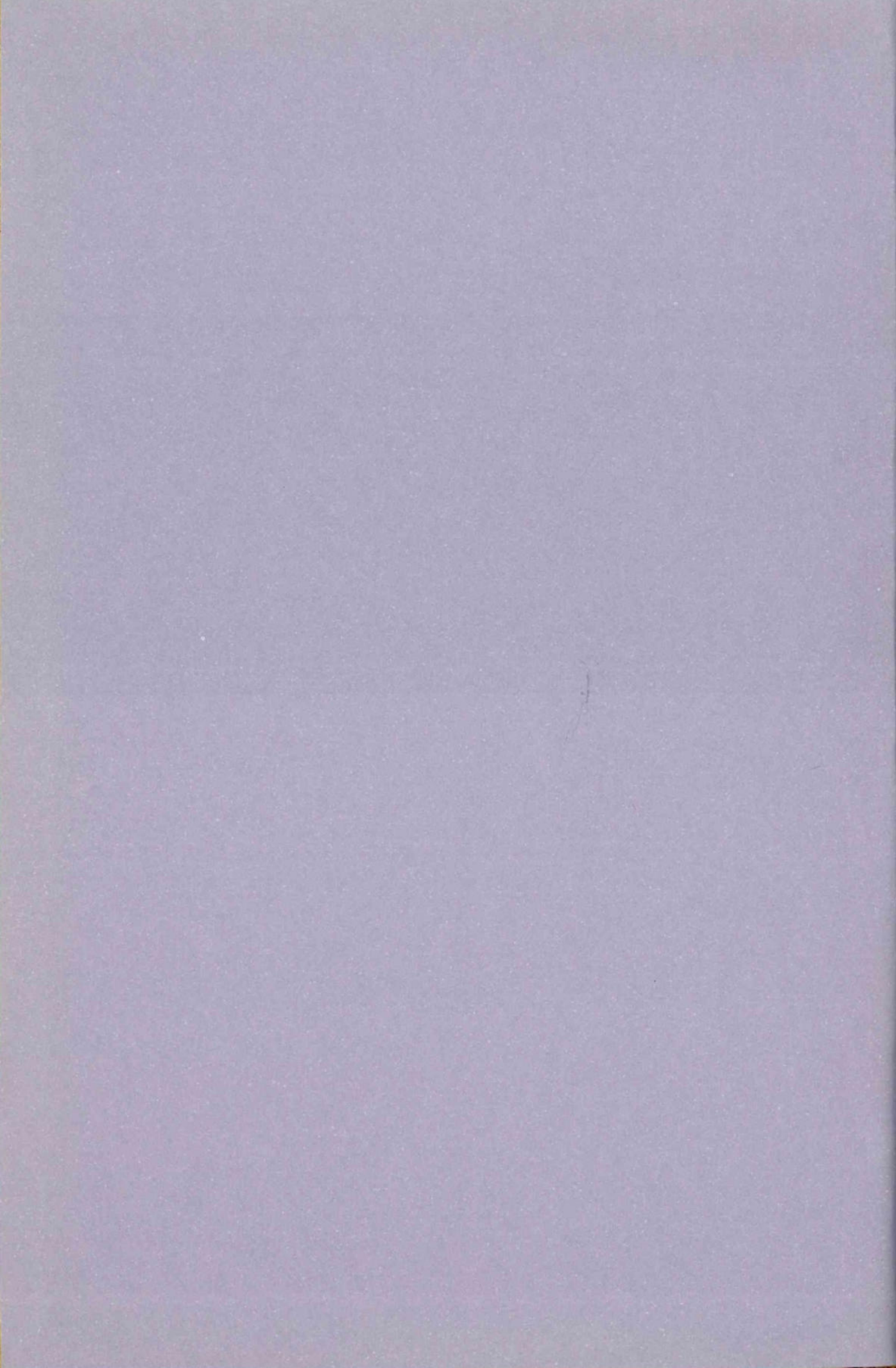
A pág. 31, linha 24, onde se lê: (Fig. 4, est. 11); deve ler-se: (Est. 11, 1).

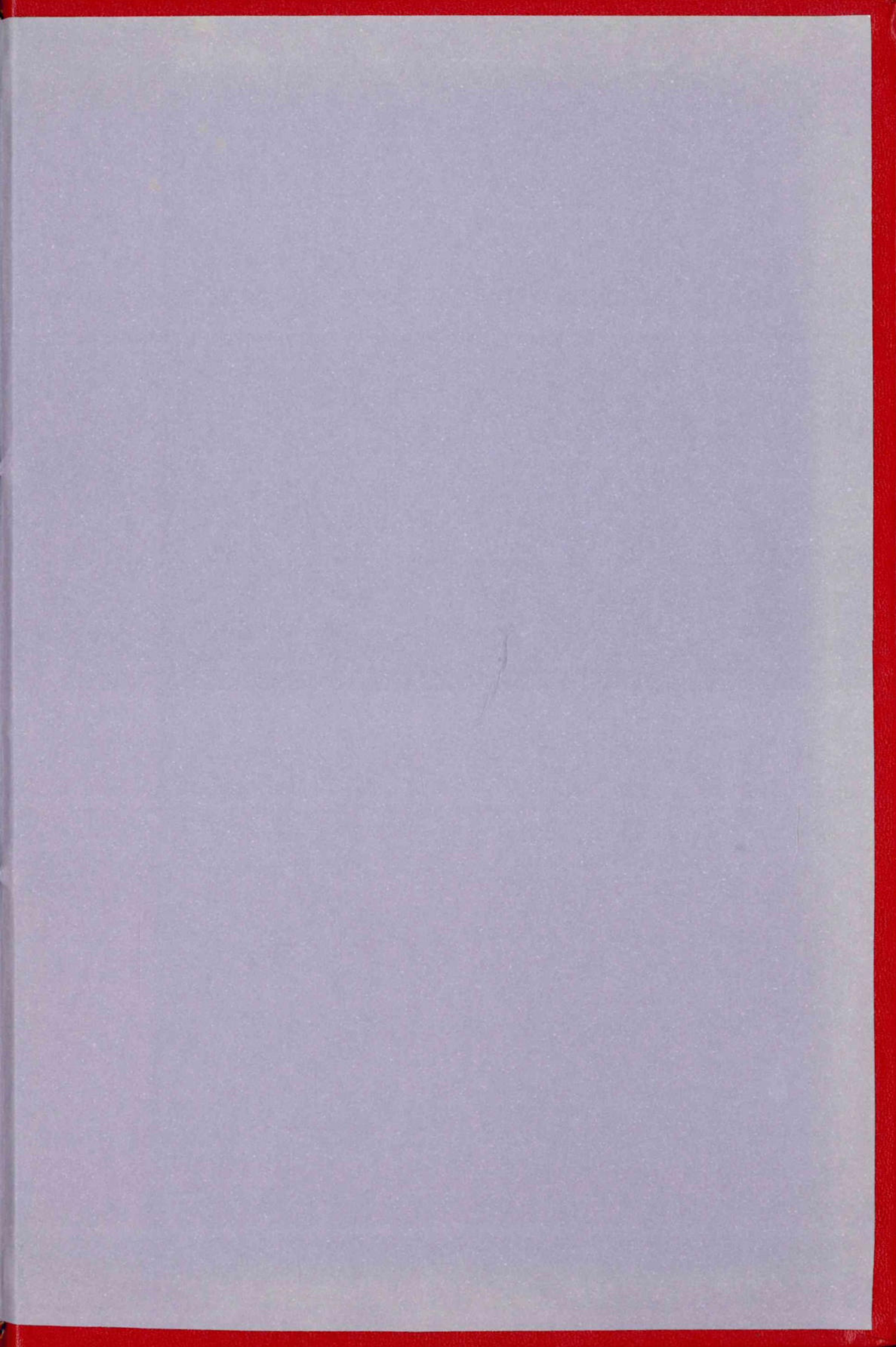
A pág. 91, quadra 70, verso 2, em vez de: Em; deve ler-se: Eu.

A pág. 92, quadra 95, verso 2, em vez de: E; deve ler-se: Ê.

A pág. 111, linhas 5 e 6, em vez de: não se apercebendo da; deve ler-se: não apercebendo a.







biblioteca
municipal
barcelos



59923

Notas etnográficas sobre
Barcelos